

Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de Filosofia
Pós-Graduação em Filosofia

Fernando Tadeu Mondi Galine

**CONSCIÊNCIA, CONSCIÊNCIA DE CLASSE E LUTA POLÍTICA NO
MATERIALISMO HISTÓRICO DE MARX E ENGELS**

Uberlândia
Novembro 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

G158c Galine, Fernando Tadeu Mondi, 1986
2020 Consciência, consciência de classe e luta política no materialismo
histórico de Marx e Engels [recurso eletrônico] / Fernando Tadeu Mondi
Galine. - 2020.

Orientadora: Ana Maria Said.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia.
Programa de Pós-Graduação em Filosofia.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.5000>
Inclui bibliografia.

1. Filosofia. I. Said, Ana Maria, (Orient.). II. Universidade Federal
de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. III. Título.

CDU:1

Angela Aparecida Vicentini Tzi Tziboy – CRB-6/947

Fernando Tadeu Mondi Galine

**CONSCIÊNCIA, CONSCIÊNCIA DE CLASSE E LUTA POLÍTICA NO
MATERIALISMO HISTÓRICO DE MARX E ENGELS**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Filosofia
do Instituto de Filosofia da Universidade
Federal de Uberlândia
Orientadora: da Profª Drª Ana Maria Said.**

**Uberlândia
Novembro 2020**

Fernando Tadeu Mondi Galine

“Consciência, Consciência de Classe e Luta Política no Materialismo Histórico de Marx e Engels”

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Área de concentração: Filosofia Política,
contemporânea

Uberlândia 13 de novembro de 2020

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Ana Maria Said
(orientadora - UFU)

Prof.^o Dr. Giovanni Fresu
(Examinador - UFU)

Prof.^o Dr Giovanni Semeraro
(Examinador - UFF)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1U, Sala 1U117 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: 3239-4558 - www.posfil.ifilo.ufu.br - posfil@fafcs.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Filosofia				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 007 SEI, PPGFIL				
Data:	Onze de novembro de dois mil e vinte	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	16:30
Matrícula do Discente:	11812FIL003				
Nome do Discente:	Fernando Tadeu Mondi Galine				
Título do Trabalho:	Consciência, Consciência de Classe e Luta Política no Materialismo Histórico de Marx e Engels				
Área de concentração:	Filosofia				
Linha de pesquisa:	Ética e Filosofia Política.				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Marx e Gramsci				

Reuniu-se sala web conferência Meet Google, do PPGFIL da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em reunião, assim composta: Professores Doutores: Giovanni Semeraro - UFF; Giovanni Fresu - UFU ; Ana Maria Said - UFU orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Ana Maria Said, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Giovanni Fresu, Professor(a) do Magistério Superior**, em 12/11/2020, às 09:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Giovanni Semeraro, Usuário Externo**, em 13/11/2020, às 15:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Maria Said, Professor(a) do Magistério Superior**, em 13/11/2020, às 15:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2377624** e o código CRC **0F3A394F**.

À Prof^a Dr^a Ana Marida Said, pela paciência,
pela orientação e incentivo que tornaram
possível a conclusão desta dissertação.
À minha família, por todo o apoio.
E aos amigos que sempre estiveram comigo

Resumo

Nessa pesquisa observamos o processo de formação e desenvolvimento da consciência, em especial da consciência de classe nos trabalhadores e o seu papel na organização e na luta política. Analisaremos também a função do partido nessa luta, de acordo com o Materialismo Histórico. Assim como a luta de classes e como, no seu desenvolvimento, manifesta-se a consciência classe. Nesse sentido, o partido tem como função organizar a luta de classes promovendo a consciência de classe. A luta de classes avança, principalmente, em momentos nos quais a crise orgânica do capitalismo está mais acirrada, Marx, no Prefácio de 1859 de *Para a Crítica da Economia Política*, chama esse acirramento de etapa de revolução. Analisar a consciência de classe nos ajuda a entender que ela não é algo dado, mas que exige um trabalho permanente, e que nas etapas de revolução, a consciência de classe permite avançar rumo ao fim da exploração do homem pelo homem. Estudamos também a relação da consciência de classe com a ideologia. A ideologia dominante, sendo sempre visão de mundo da classe que domina materialmente, cumpre um papel de manutenção do *status quo*. Porém, com consciência de classe para si, a classe subalterna rompe com a ideologia dominante, e desenvolve sua própria visão de mundo, visão esta que busca acabar com a sociedade de classes e com a estrutura de exploração do homem pelo homem. Para essa pesquisa utilizamos principalmente as obras *A Ideologia Alemã* de Karl Marx e Friedrich Engels, *Manuscritos Econômicos-Filosóficos* de Marx e *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra* de Engels para ver o processo de surgimento da consciência de classe nos trabalhadores e *O Manifesto do Partido Comunista* para mostrar que a consciência de classe, ao surgir nos trabalhadores, possibilita a sua organização para a luta política.

Palavras chave: Consciência, Consciência de Classe, Materialismo Histórico, Luta de Classes, Ideologia.

Abstract

In this research we observed the process of formation and development of conscience, especially of class conscience in workers and its role in the organization and in the political struggle. We will also analyze the party's role in this struggle, according to Historical Materialism. As the class struggle and how, in its development, class consciousness manifests itself. In this sense, the party's function is to organize the class struggle by promoting class consciousness. The class struggle advances, especially in times when the organic crisis of capitalism is most severe, Marx, in the 1859 Preface to *A Contribution to the Critique of Political Economy*, calls this intensification a stage of revolution. Analyze class consciousness helps us to understand that it is not something given, but that it requires permanent work, and that in the stages of revolution, class consciousness allows us to advance the end of exploitation of man by man. We also studied the relation between class consciousness and ideology. The dominant ideology, being always the worldview of the class that dominates materially, performs a role in maintaining the *status quo*. However, with class consciousness for itself, the subordinate class breaks with the dominant ideology, and develops its own worldview, a vision that seeks to end class society and the structure of exploitation of man by man. For this research we will use mainly the books: *The German Ideology* by Karl Marx and Friedrich Engels, *Economic and Philosophic Manuscripts* by Marx and *The Condition of the Working Class in England* by Engels to watch the process of emergence of class consciousness on workers and *The Communist Manifesto* to show that, as a consequence of the emergence of class conscientiousness, the workers organized themselves for the political fight.

Keywords: Consciousness, Class consciousness, Historical Materialism, Ideology

Sumário

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 – MATERIALISMO HISTÓRICO E CONSCIÊNCIA	11
1.1 – CRÍTICAS AO IDEALISMO E CRIAÇÃO DO MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO	11
1.2 – FILOSOFIA DA PRÁXIS - MATERIALISMO HISTÓRICO	22
1.3 – CONSCIÊNCIA E CONSCIÊNCIA DE CLASSE NA BURGUESIA	31
CAPÍTULO 2 – FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA DE CLASSE E LUTA DO OPERARIADO	39
2.1 – CONDIÇÕES MATERIAIS DE VIDA DOS TRABALHADORES	39
2.2 – A CONSCIÊNCIA DE CLASSE DO PROLETARIADO E O SURGIMENTO DOS MOVIMENTOS OPERÁRIOS	55
CAPÍTULO 3 - A ORGANIZAÇÃO POLÍTICA DO PROLETARIADO	65
3.1 – O SURGIMENTO DA IDEOLOGIA COMUNISTA	65
3.2 - A IDEOLOGIA BURGUESA E O PROCESSO DE ALIENAÇÃO	69
3.3 – O INTELECTUAL ORGÂNICO COLETIVO E SEU PAPEL NA LUTA POLÍTICA	83
3.4 – A POSIÇÃO DOS COMUNISTAS	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100

Introdução

A consciência é algo tão presente que aparenta estar dada a partir da separação do eu em relação ao mundo. Desde a antiguidade a observação da consciência é feita de modo puramente intelectual. Na modernidade, há um aumento no interesse acerca da consciência e muitas visões são postas. Hegel, ao analisar a consciência, observa a importância do movimento histórico, e como esse movimento influencia a consciência. Ele percebe que os homens são homens do seu tempo e a consciência é determinada pela época em que os homens vivem, e é determinada por ela. Para Hegel, esse movimento histórico busca a liberdade, assim, conclui que a consciência atinge seu ápice no estado burguês, buscando a liberdade individual, e isso se manifestou nas revoluções burguesas. Mesmo percebendo a influência do movimento histórico, sua análise ainda é puramente intelectual.

Marx e Engels, analisando Hegel em seus próprios estudos, percebem que os homens adquirem consciência não apenas por trabalhar, mas por que, ao trabalhar socialmente, estão produzindo sua vida material. Mas não apenas isso, construindo sua vida material os homens desenvolvem sua consciência e essa modifica a realidade e é modificada por ela, como afirmam no manifesto:

Será preciso grande perspicácia para compreender que as ideias, as noções e as concepções, numa palavra, a consciência do homem se modifica com cada mudança em suas condições de vida, em suas relações sociais, em sua existência social? O que demonstra a história das ideias senão que a produção intelectual se transforma com a produção material? As ideias dominantes de uma época sempre foram as ideias da classe dominante. (MARX e ENGELS, 2017, pg04)

Esse princípio dialético já está em Hegel, mas ele não o desenvolve, pois crê que o fim está no Estado, onde o homem pode exercer sua liberdade consciente de si.

Marx e Engels o desenvolvem mais e, juntos, eles percebem que não é apenas a consciência que é determinada na produção da vida material, existe também a consciência de classe. Percebem assim que não é consciência em si e para si como pura abstração, mas sim consciência do ser percebendo-se no mundo e que, nas relações de produção, esse ser pode perceber-se como parte de uma força hegemônica. Assim, a consciência pode ser agente transformador do mundo, quando consciência de classe, quando o homem se percebe como

parte de uma força hegemônica. É um agente transformador, não apenas do mundo material, como do mundo político e das relações de produção.

Marx e Engels percebem a importância das relações econômicas na produção da vida material e como essas interferem nas relações políticas. A interferência econômica nas relações políticas se expressa na forma de luta de classes. No desenvolvimento das forças produtivas os homens se especializam em determinadas atividades, essa especialização divide os homens em classes, as classes competem entre si pela posição de domínio, essa é a luta de classes, e vamos observar como o surgimento da consciência de classe se relaciona com a luta de classes. A consciência de classe traz, dialeticamente, uma nova visão de mundo, essa nova visão de mundo visa romper com as relações produtivas anteriores, ou seja, com a estrutura de exploração existente. A luta de classes existe por causa da divisão dos homens em classes, e os comunistas percebem que o caminho para o fim da dominação é o fim da divisão em classes.

No campo ideológico, quando uma classe domina materialmente uma sociedade, domina também cultural e intelectualmente, determinando ideologicamente a sociedade, e esse domínio se expressa no campo político mantendo a classe dominante no domínio. A consciência de classe permite que se rompa com a ideologia da classe dominante, permitindo assim, mudanças no mundo material. Permite que se possa pensar mudanças nas relações produtivas, e motiva as pessoas a lutarem por essas mudanças.

De todos os modos de produção da vida material até hoje existentes, o capitalismo é o que mais se beneficia da estrutura de classes e da exploração do homem pelo homem. O capitalismo submeteu todos os homens, dividindo-os em apenas duas classes, e a cada dia aumenta a distância entre as classes e, com isso, seu poder. Aumenta a exploração, e aumentando a exploração, aumenta a distância econômica. Este poder econômico cada vez maior, aumenta seu poder político, e com ele, conseguem implementar políticas que lhes beneficia cada vez mais.

A consciência de classe da classe trabalhadora traz uma nova visão de mundo e viabiliza a organização política para lutar por mudanças, buscar o fim da sociedade dividida em classes, o fim da exploração do homem pelo homem e o fim do modo de produção capitalista. E, como a consciência de classe não está dada, mas é algo que se desenvolve, que se manifesta, essa precisa ser estimulada. Estimulando o desenvolvimento da consciência de classe, estimulamos a nova ideologia, dialeticamente.

Escolhemos a consciência de classe como objeto de pesquisa, pois entender como ela surge, como funciona, como se relaciona com o ser, seu papel na organização e na luta política, é vital para que essa luta progrida, posto que a luta política pode levar à superação da estrutura de dominação do homem pelo homem, que permanece no modo de produção capitalista. Ainda é necessário estudar a consciência de classe, pois, como veremos, ela não está dada, é algo que se desenvolve, no processo, e a classe dominante sempre tenta inibir seu desenvolvimento nos subalternos.

Deste modo, neste trabalho, nos debruçamos principalmente nos trabalhos de Karl Marx e Friederich Engels, para demonstrarmos como o materialismo histórico analisa o processo de formação da consciência, com atenção ao processo de formação da consciência de classe, o aparecimento desta no operariado, e as implicações da consciência de classe na luta de classes, força motriz da história das sociedades. Propomos estudar como a consciência de classe se relaciona com a organização e a luta política.

Ao estudarmos a consciência e como foi analisada na filosofia, observamos várias perspectivas e escolhemos a perspectiva do materialismo histórico dialético, pois é o único método que, não somente dialoga com a realidade sensível, mas se baseia nela para fomentar seus conceitos. Exporemos nossa pesquisa na seguinte ordem:

Primeiramente, exporemos o método de análise por nós escolhido e observaremos as motivações filosóficas que levaram à criação desse novo método de análise, a saber: criar uma filosofia que se paute na realidade material, que traz os conceitos filosóficos da realidade sensível que é construída historicamente. Ainda no primeiro capítulo veremos as premissas sobre as quais o materialismo histórico desenvolve seus conceitos e os conceitos desenvolvidos pelo método, com foco na consciência e consciência de classe. Observaremos como estes foram historicamente construídos, chegando a novas definições que se contrapõem, principalmente aos conceitos do idealismo, e observaremos como o surgimento da consciência de classe se dá na burguesia e esta se percebe com uma função social diferente da nobreza, na luta para se tornar classe dominante.

No nosso segundo capítulo, demonstraremos como a consciência de classe surge na classe trabalhadora, principalmente na Inglaterra do século XIX. Mostraremos a condição de vida dos trabalhadores a partir de fundamentações históricas e intercalaremos com as observações filosóficas de Marx e Engels que demonstram que a consciência se manifesta a partir das condições materiais de vida das pessoas. Para observar as manifestações da

consciência, nós analisaremos como as pessoas agem a partir de sua vida material, de sua práxis. No caso dos trabalhadores, veremos que as suas ações, a saber, organizar-se politicamente, exigir mudanças nas relações de trabalho, mais acesso à administração pública, etc., demonstram que esses trabalhadores perceberam-se como parte de uma força hegemônica diferente de outras forças existentes.

Por fim, no terceiro capítulo veremos o que são intelectuais orgânicos, conceito de Antonio Gramsci e por que Marx e Engels se encaixam na definição gramsciana de intelectuais orgânicos e como eles cumprem o que Gramsci afirma ser a função do partido político, sendo o partido político um intelectual orgânico coletivo. Dado que a Marx e Engels foi confiada a autoria do *Manifesto do Partido Comunista* pela Liga dos Comunistas, estes, por conhecerem a luta dos trabalhadores, sintetizam suas pautas e vão além, percebem que, mesmo que os trabalhadores não entrevejam, eles estão lutando contra a alienação e a estrutura de exploração até então existentes na história das sociedades. Veremos como os autores apreendem o movimento operário e orientam a sua luta e como a organização e a luta política têm como objetivo o fim da estrutura de exploração. Organização e luta política que só são possíveis quando os explorados têm consciência de classe.

Capítulo 1 – Materialismo Histórico e Consciência

1.1 – Críticas ao Idealismo e Criação do Materialismo Histórico Dialético

Para estudarmos o processo de formação da consciência de classe nos trabalhadores e suas implicações no mundo a partir do materialismo histórico devemos primeiramente entender como seus filósofos desenvolveram o método e, então, entender o que é a consciência, a partir das suas concepções. Explicando o que é a consciência podemos analisar o processo histórico no qual ela surge e como ela surge como consciência de classe e quais as implicações de ela existir.

Existe um contexto histórico específico que permite a Marx e Engels desenvolverem o materialismo histórico. Na época em que eles começaram seus estudos havia uma grande agitação política, intelectual e filosófica na Europa. No campo político começavam a surgir os principais movimentos de ruptura com a sociedade burguesa, seja com a formação de comunas ou através do questionamento ou negação da legitimidade das autoridades estabelecidas pelos movimentos anarquistas e dos trabalhadores socialistas e comunistas, que começaram nos últimos vinte-e-cinco anos do século XVIII. Os trabalhadores estavam mais organizados e começavam a ultrapassar barreiras nacionais.

No campo filosófico existia dentro do idealismo alemão um movimento crítico¹ dos jovens hegelianos de esquerda² que era popular e bem organizado. Eles criticavam Hegel e os hegelianos tradicionais, que detinham as cátedras das universidades, mas, ainda sob forte influência de Hegel, usando seus conceitos e categorias para fazer suas análises. A disputa intelectual se dava do seguinte modo: de um lado os hegelianos tradicionais nas universidades, conservadores e elitistas, do outro, os jovens hegelianos, nos jornais, tentavam sistematizar o pensamento dos socialistas e comunistas, usando a ideia como base para a sua ação política. Paralelamente, em outra frente, Prudhon, tentava sistematizar o pensamento dos

¹ A expressão “movimento crítico” não é usada por Marx nem por Engels. Tradicionalmente “movimento crítico” é usado para se referir à Escola de Frankfurt, mas usaremos a expressão movimento por se tratar de uma articulação de pessoas tendo um objetivo comum, nesse caso: a crítica da realidade e da história a partir de categorias do idealismo e uma autocrítica do idealismo, mas sendo ainda idealista.

² Em alemão: *Junghegelianer* (jovens hegelianos) ou *Linkshegelianer* (jovens hegelianos de esquerda).

anarquistas, sistematizações essas que posteriormente Marx e Engels denominariam utópicas, por não serem científicas, por serem puras abstrações³.

Nos primeiros escritos de Marx, seja na sua tese de doutorado, nos escritos jornalísticos publicados na *Gazeta Renana* ou nos escritos não publicados em vida que só se tornaram conhecidos no século XX, encontra-se já o gérmen da insatisfação do autor com o idealismo alemão e com o movimento crítico. Como vemos nessa passagem do artigo *A questão judaica número II. Descobertas críticas acerca de socialismo, jurisprudência e política (nacionalidade)*, escrito antes de seu rompimento com o idealismo, já percebemos sua indignação com o idealismo, criticando Bruno Bauer por suas posições em seu livro *A Questão Judaica*⁴: Esse artigo encontramos na edição da Boitempo Editorial de *A Sagrada Família*:

A Crítica absoluta estabelece aqui uma distinção dogmática entre aquilo que deveria ter feito, se não tivesse feito o contrário, e aquilo que realmente acabou fazendo. Explica a limitação de sua "Questão judaica" mediante os "subterfúgios dogmáticos" entre um querer e um poder que a impossibilitavam de transcender "para além da Crítica". Como assim? Então "a Crítica" deve transcender para além da "crítica"? Essa ideia totalmente massiva nasce da Crítica absoluta através da necessidade dogmática de afirmar, por um lado, sua formulação da questão judaica como absoluta, como "a Crítica", enquanto por outro lado se vê obrigada a confessar a possibilidade de uma formulação mais ampla. (Marx, 2003, p114)

Marx, neste trecho, denuncia Bauer por criticar a realidade pelo fato de esta não ser como deveria ser. A principal objeção de Marx no trecho é a insistência da crítica em ser absolutamente abrangente e com seus “subterfúgios dogmáticos” tentar forçar a realidade dentro da teoria; outro ponto que já está implícito é a indignação de Marx com a preocupação do idealismo de tentar dizer como o mundo deveria ser, dado que, enquanto os filósofos idealistas se ocupam em dizer como o mundo deveria ser eles não fazem nada parar mudar o que o mundo é, o que faz a crítica absoluta vazia de conteúdo e pura abstração idealizada que nunca se materializa.

³ é notória essa disputa intelectual que culmina nos livros *A Filosofia da Miséria* de Proudhon e *Miséria da Filosofia* de Marx

⁴ O texto de Bauer intitula-se *Die Judenfrage* (A Questão Judaica) e o de Marx, *Zur Judenfrage* (Sobre a Questão Judaica), artigo escrito para os *Deutsch-Französische Jahrbücher* (Anais Franco-Alemães) como crítica ao texto de Bauer, porém algumas edições do texto de Marx em português são traduzidas com o mesmo título do de Bauer.

É esta indignação que irá ser expressa na décima-primeira tese sobre Feuerbach⁵, e, para além disso, podemos antever algo que só será desenvolvido em outras obras, Marx não está criticando somente a postura de Bruno Bauer sobre a realidade. Ele está criticando todo o movimento crítico que utiliza as categorias hegelianas sem dar a devida atenção à sua dialética, pois é Hegel quem afirma que a filosofia deve estudar o existente usando a metáfora do voo da coruja⁶, ou seja, Hegel já afirma que a filosofia vem depois para analisar posteriormente o que foi construído historicamente, dando a devida importância à vida material, mas colocando a Razão como determinadora da realidade material em uma relação dialética com a vida espiritual. Essa posição de Hegel leva os jovens hegelianos a afirmar que a Razão deve determinar a realidade, assim, filósofos como Bauer e Max Stirner criticam a realidade e tentam dizer como ela deveria ser.

Essa crítica implícita no artigo acerca da questão judaica, é que vai levar Marx a estudar Hegel mais profundamente, mesmo já tendo escrito *Crítica à Filosofia do Direito de Hegel*, a importância dessa obra vai além da crítica a Hegel, como explica David Mclellan na passagem abaixo retirada do livro *História do Marxismo*, organizado por Eric Hobsbawm:

Nele, através de uma crítica de Hegel, começavam a tomar forma as ideias de Marx sobre a democracia e sobre a abolição do Estado. Segundo a filosofia política de Hegel, a consciência humana se manifestava objetivamente nas instituições jurídicas, sociais e políticas do homem, únicas garantias da sua possibilidade de obter a plena liberdade. Só o mais alto nível de organização social - o Estado - era capaz de unir os direitos individuais e a razão universal. Hegel, portanto, refutava a ideia de que o homem fosse livre por natureza: ao contrário, a seus olhos, o Estado era o único meio para fazer da liberdade do homem uma realidade efetiva. Em outras palavras, Hegel tomou consciência dos problemas sociais criados por uma sociedade competitiva, na qual vigorava uma guerra econômica de todos contra todos (um estado de coisas que ele resumia no termo “sociedade civil”); mas considerava que tais conflitos pudessem ser harmonizados pelos órgãos estatais numa unidade “superior”. (MCLELLAN, in HOBSBAWM (org), 1980, pg 71-72)

⁵ “Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; porém, o que importa é transformá-lo.(MARX e ENGELS, 2007, p539)

⁶ “Quando a filosofia chega com a sua luz crepuscular a um mundo já a anoitecer, é quando uma manifestação de vida está prestes a findar. Não vem a filosofia para a rejuvenescer, mas apenas reconhecê-la. Quando as sombras da noite começaram a cair é que levanta voo o pássaro de Minerva.” (HEGEL, 1997 pg XXXIX)

Deste modo, Marx, apreendendo mais do que os idealistas, percebe a importância revolucionária da dialética hegeliana e centralidade da sociedade civil ou seja, das relações humanas⁷, entendendo então que os hegelianos (jovens ou não) não entenderam Hegel tão bem quanto eles acreditavam, e que as críticas a Hegel eram muitas vezes devidas a uma leitura equivocada. A leitura cuidadosa e sistematizada de Hegel que leva Marx a se declarar discípulo de Hegel, passando a estudar a ideia e a realidade sensível sempre considerando a relação dialética entre elas.

Em seus estudos, Marx esquematiza a chave de leitura para o que ele considera a interpretação correta de Hegel, e é a partir dessas anotações que vemos como Marx entendeu Hegel. Para além de uma interpretação divergente das correntes hegelianas Marx entende que essa interpretação seria a que estaria mais de acordo com o que Hegel propunha, e por não segui-la, os hegelianos estavam lendo mal a Hegel, na edição da Boitempo Editorial de *A Ideologia Alemã* encontramos esse esquema:

A construção hegeliana da Fenomenologia

1. A autoconsciência em vez do homem. Sujeito – objeto.
2. As diferenças das coisas são irrelevantes porque a substância é apreendida como autodiferenciação ou porque a autodiferenciação, o diferenciar, a atividade do entendimento é apreendida como essencial. É por isso que Hegel, no interior da especulação, fornece distinções reais, distinções que capturam as coisas.
3. A suprassunção [*Aufhebung*] da alienação é identificada com a suprassunção da *objetividade* [*Gegenständlichkeit*] (um aspecto especialmente desenvolvido por Feuerbach).
4. A tua *suprassunção* do objeto representado, do objeto como objeto da consciência, é identificada com a suprassunção *real, objetiva*, com a *ação* [*Aktion*] sensível, a prática [*Praxis*], com a *atividade real* que é diferente do pensar (ainda a desenvolver). (MARX e ENGELS, 2007, p541)

Aqui Marx estrutura sua chave de leitura para entender as obras de Hegel. Podemos perceber algumas análises de Hegel de que Marx vai se apropriar e desenvolver, assim como Feuerbach desenvolveu a suprassunção da alienação e a suprassunção da objetividade. Marx,

⁷ “O que é a sociedade, qualquer que seja sua forma? O produto da ação recíproca dos homens.” (MARX, 1977, p14) Carta de Marx a Paul V. Annenkov, Bruxelas, 28 de dezembro de 1848

que começara como kantiano⁸ torna-se hegeliano, e passa, como Hegel, a entender que a relação sujeito-objeto não é puro objeto do pensamento, mas algo que depende do real sensível que determina a autoconsciência, que o autodiferenciar-se dos objetos de um mesmo tipo é uma atividade básica do entendimento, portanto o entendimento pode diferenciar o que são objetos reais e o que são objetos do pensamento, conceitos, o que rompe com Kant. Por fim Marx discorda, pois Hegel atribui à razão a suprassunção dos objetos, e Marx entende que é na atividade sensível humana (*Praxis*) que essa suprassunção acontece.

Ao estruturar sua chave de leitura de a *Fenomenologia do Espírito* Marx desvela a linha de pensamento de Hegel. É nela que Hegel descreve um processo dialético no qual tudo aquilo que surge com uma função histórica já contém em seu surgimento todos os elementos para a sua superação. Hegel, para explicar, usa a metáfora do botão que se torna flor que se torna fruto; assim, aquilo que tem função histórica possui a força para se afirmar historicamente. Em *A Fenomenologia do Espírito* já está posta essa ideia, Hegel expõe esse pensamento de forma ampla para todas as áreas, a política, sendo deste modo também a arte, a cultura, a religião, etc. Mas, em *Princípios da Filosofia do Direito*, desenvolve essa ideia focando a ética e a política, explicando que o desenvolvimento político aumenta a liberdade, e que cada forma de estado superando a anterior, aumenta a liberdade dos homens. Coisa que os jovens hegelianos não perceberam.

Com tantas críticas de Marx aos jovens hegelianos, começa a ficar difícil a relação com eles, principalmente por que a Crítica Absoluta tem a intenção de abarcar toda a realidade e, por isso, não aceita ser criticada. Por outro lado, mesmo com tantas críticas, Marx reconhece a contribuição de Feuerbach, pois, nesse contexto, Feuerbach percebe a importância da realidade sensível na formação da consciência e da subjetividade que, segundo ele, se expressa na forma de religião, que Mclellan explica na passagem abaixo:

Seguindo Feuerbach, a crítica fundamental que Marx fazia a Hegel consistia em afirmar que, assim como no campo da religião, os homens haviam imaginado Deus como criador e o homem como um ser dele dependente, também Hegel partira erradamente da Ideia de Estado, fazendo com que tudo o mais - a família e os diversos grupos sociais - dependesse dessa Ideia.

⁸ Em seus primeiros anos de estudo, em Bonn, Marx deixou- se portanto atrair pelo romantismo então imperante; a transferência para Berlim, em 1836, produziu porém uma modificação decisiva: Marx, seguidor de Kant e de Fichte, subjetivista romântico convencido de que o ser supremo era destacado da realidade terrena, recusou num primeiro momento o racionalismo conceitual de Hegel. Agora, porém, começava a pensar que a ideia fosse imanente ao real. ”. (MCLELLAN, in HOBSBAWM (org), 1980, pg 68)

Aplicando esse enfoque geral aos problemas particulares, Marx se declara a favor da democracia: “Assim como não é a religião que cria o homem, mas o homem que cria a religião, também não é a Constituição que cria o povo, mas o povo que cria a Constituição”. (MCLELLAN, in HOBSBAWM (org), 1980, pg 72)

Mesmo reconhecendo os méritos de Feuerbach, Marx ainda elabora críticas que ele sistematiza nas *Teses sobre Feuerbach* escritas em 1845. Na época em que escreveu as teses, Marx já havia lido o texto *Situação da Classe trabalhadora na Inglaterra* (1845), de Engels, e já estava sendo influenciado por essa leitura. Começa a perceber que não era somente a vida material, mas as relações econômicas que determinam a realidade. Assim, o estudo das teses, introduz o que vai ser desenvolvido em *A Ideologia Alemã*, como nos mostra Mclellan:

Nas Teses sobre Feuerbach, Marx fornece um breve esquema das ideias que, juntamente com Engels, iria elaborar poucos meses depois em *A Ideologia Alemã*. Qualquer que seja o ponto de vista escolhido para considerá-la, *A Ideologia Alemã* é uma das mais importantes obras de Marx: através da crítica de Feuerbach, o mais “secular” dos jovens hegelianos, Marx e Engels completaram a prestação de contas “com nossa anterior consciência filosófica”, concluindo o processo que se iniciara desde a tese de doutorado de 1841. (MCLELLAN, in HOBSBAWM (org), 1980, pg 86)

Das Teses extraímos bases que nortearão Marx e Engels na criação do materialismo histórico, primeiro: o materialismo vulgar desenvolvido dentro do idealismo abstrai a história na realidade sensível. Ignora que a questão sobre a objetividade do pensamento não é puramente teórica, mas algo que pode ser observado na prática, quando os homens desenvolvem sua vida material estes educam outros homens⁹ ao produzir sua vida material. Mas esse processo é modificado pelos próprios homens, o que faz o materialismo vulgar dividir a sociedade em duas partes, a saber: educadores e educandos, ideal e material. A relação entre circunstâncias e automodificação só pode ser apreendida na práxis. Segundo: não é a religião que determina a consciência dos homens na sua subjetividade, mas os homens em sua atividade prática que determinam a religiosidade, assim são as famílias reais que

⁹ O processo de educar os homens para que esses produzam sua vida material denomina-se ciclo de reprodução da vida material, pois antes de modificarem a produção da vida material eles aprendem primeiro a reproduzi-la.

determinam como é revelada a sagrada família, e não o oposto, assim como não é a consciência que determina a vida social, mas o oposto.

Feuerbach não se satisfaz com a pura abstração e tenta compreender a realidade sensível a partir de ideações que se sobrepõe a ela e, por abstrair o processo histórico, desenvolve dentro de sua filosofia um caráter místico. Mas a vida social é essencialmente práxis, e é na prática que devemos comprehendê-la, pois fora dela só o que conseguimos é a abstração a partir de indivíduos isolados, genéricos.

Posto que o foco do nosso estudo é a consciência, destacaremos das *Teses Sobre Feuerbach* aquelas que nos favorecem em nosso intuito, deste modo destacamos a tese 4. Nela, Marx identifica que mesmo com a percepção da centralidade da materialidade, Feuerbach mantém a inversão da realidade, tentando moldar a realidade à teoria, Marx afirma:

Feuerbach parte do fato da autoalienação [*Selbstentfremdung*] religiosa, da duplicação do mundo [*Welt*] num mundo religioso e num mundo mundano [*weltliche*]. Seu trabalho consiste em dissolver o mundo religioso em seu fundamento mundano. Mas que o fundamento mundano se destaque de si mesmo e construa para si um reino autônomo nas nuvens pode ser esclarecido apenas a partir do autoesfacelamento e do contradizer-a-si-mesmo desse fundamento mundano. Ele mesmo, portanto, tem de ser tanto compreendido em sua contradição quanto revolucionado na prática. Assim, por exemplo, depois que a terrena família é revelada como o mistério da sagrada família, é a primeira que tem, então, de ser teórica e praticamente eliminada. (MARX e ENGELS, 2007, p534)

Aqui Marx critica Feuerbach por partir de uma premissa idealizada para elaborar uma concepção de mundo. Assim Feuerbach, em seus escritos, supõe que os homens em um primeiro momento formam sua consciência com a vida material, mas se autalienam nas esferas da sociedade civil e nas determinações que sofrem da vida material, como um movimento antitético à sua formação (autoesfacelamento) e que é a religião que, manifesta na subjetividade, permite o autoesclarecimento e a superação da contradição. Isso duplica o mundo em um mundo real e sensível e um separado do real e idealizado, de tal modo que Deus ou o Espírito determinem o homem. Marx afirma que esse movimento ainda gera uma autoalienação de tipo religiosa e que Feuerbach tenta dissolver essa autoalienação da subjetividade religiosa no campo sensível para explicar a contradição e a alienação.

Destacamos também a tese 8 na qual Marx ataca, não só o misticismo religioso de Feuerbach, como também, indiretamente, o próprio conceito de Espírito Absoluto de Hegel.

Marx analisa: “Toda vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios que conduzem da teoria ao misticismo encontram sua solução racional na prática humana e na compreensão dessa prática.” (MARX e ENGELS, 2007, p534). Ou seja: é na observação da prática social que a filosofia deve buscar suas respostas, e não na elevação do pensamento à pura abstração. Deste modo fazia-se necessária uma filosofia da práxis que permitisse a solução racional e a superação da alienação, das contradições e, portanto da exploração; era preciso um método de investigação filosófico que tivesse capacidade de apreender essa prática humana.

Salientamos por fim a tese 9, na qual Marx aponta os limites teóricos de qualquer filosofia que idealize e faça projeções acerca da realidade observada “O máximo a que chega o materialismo contemplativo, isto é, o materialismo que não concebe o sensível como atividade prática, é a contemplação dos indivíduos singulares e da sociedade burguesa.” (MARX e ENGELS, 2007, p535). O que significa que: a contemplação e a elevação dessa contemplação à pura abstração é uma atividade que observa indivíduos singulares da sociedade burguesa que servem de base para a pura abstração e, com isso, o materialismo vulgar não concebe a atividade prática como determinante, mas como determinada.

Em outras palavras: a observação de indivíduos particulares cria a ideia de um homem geral que não corresponde a nenhum homem particular, mas que serve à pura abstração para a criação de premissas universais que elaboram moral, legislação, cultura e ideologia que atendem à classe dominante, pois essas abstrações partem dela. Essas abstrações servem apenas como base para a criação de um Estado que nominalmente garante a liberdade dos homens gerais sem se preocupar em dar garantias reais para que esses homens possam exercer essa liberdade, ou como Marx escreveu em *Sobre a questão Judaica*:

O Estado anula à sua maneira a diferenciação por nascimento, estamento, formação e atividade laboral ao declarar nascimento, estamento, formação e atividade laboral como diferenças apolíticas, ao proclamar cada membro do povo, sem consideração dessas diferenças, como participante igualitário da soberania nacional, ao tratar todos os elementos da vida real de um povo a partir do ponto de vista do Estado. Não obstante, o Estado permite que a propriedade privada, a formação, a atividade laboral atuem à maneira delas, isto é, como propriedade privada, como formação, como atividade laboral, e tornem efetiva a sua essência particular. Longe de anular essas diferenças fáticas, ele existe tão somente sob o pressuposto delas, ele só se percebe como Estado político e a sua universalidade só torna efetiva em oposição a esses elementos próprios dele (Marx, 2010, p 39-40)

Também em 1845, Marx entra em contato com o texto *Esboço de uma Crítica da Economia Política* (1844), de Engels. Os autores já haviam sido apresentados antes, mas não haviam travado conhecimento até depois da publicação do texto de Engels. O que nos interessa agora é o quanto o texto de Engels foi profundamente influente nos trabalhos posteriores de Marx. É ele que desperta em Marx a importância das relações sociais de produção e do estudo da economia, da economia política e dos economistas clássicos liberais da economia nacional, como Adam Smith e David Ricardo, antes disso Marx atentava-se às relações humanas políticas e laborais, mas não tanto às relações econômicas. É a partir da combinação destes fatores que Marx vai romper definitivamente com o idealismo então vigente na Alemanha e desenvolver o método materialista histórico, como mostra Mclellan:

Até esse ponto, os escritos de Marx haviam sido quase exclusivamente dedicados a assuntos políticos, embora ele agora compreendesse que a política não era suficiente: a centelha que fez explodir o seu interesse pela dimensão essencialmente econômica foi um ensaio publicado nos “*Deutsch-französische Jahrbücher*” ao lado dos seus dois ensaios. O autor era Engels e o ensaio se intitulava *Esboço de uma Crítica da Economia Política*. Nele, Engels acusava a propriedade privada e o espírito de competição que dela derivava. O aumento da acumulação capitalista implicava necessariamente um rebaixamento dos salários, aguçando assim a luta de classes. O crescimento incontrolado da economia levava às crises periódicas; e o progresso científico só servia para aumentar a miséria dos trabalhadores. (MCLELLAN, in HOBSBAWM (org), 1980, pg 77)

Marx parte então para o estudo dos homens reais, de suas relações reais de produção, das suas relações econômicas além das relações políticas e jurídicas, sem abrir mão da dialética, isso por que Marx e Engels reconhecem o valor da dialética e criticam tanto Hegel quanto os hegelianos por usar mal a dialética partindo do ideal e não do material. Como explica Mclellan:

toda essa dialética havia sido considerada de um ponto de vista idealista, na medida em que a apropriação das faculdades objetivas e alienadas do homem era inicialmente uma apropriação que ocorria apenas no espírito, no pensamento puro, ou seja, na abstração. Marx, ao contrário, partia do “homem real, corpóreo, que está sobre a terra firme e redonda, expirando e aspirando todas as forças naturais”; e definia sua própria posição como um naturalismo ou humanismo completos, distintos tanto do idealismo quanto do materialismo. (MCLELLAN, in HOBSBAWM (org), 1980, pg 83)

É em meio a tanta agitação política e intelectual que Marx e Engels começam a publicar seus textos e entram na discussão filosófica da época, mas só depois que Engels publica *A Situação da Classe trabalhadora na Inglaterra*, obra que abordaremos com mais cuidado no nosso segundo capítulo, que os autores começam a trabalhar juntos. Como nos conta Mclellan:

O que os escritos de Marx até 1844 não abordam é a natureza da mudança histórica: mesmo já sendo comunista nos inícios de 1844, Marx - no final daquele ano - ainda não se tornara marxista. Naturalmente, não seria justo afirmar que os Manuscritos não contenham uma visão evolutiva da sociedade; mas é uma visão ainda muito vaga, e, embora Marx tenha usado Hegel contra Feuerbach para mostrar a importância da autocriação do homem através do trabalho, o procedimento permanece ainda bastante abstrato. Marx, que já agora trabalhava em estreita colaboração com Engels, empunhou-se no sentido de esclarecer sua própria concepção materialista da história, “prestando contas (...) com nossa anterior consciência filosófica” (MCLELLAN, in HOBSBAWM (org), 1980, pg 85)

O próprio Marx expõe esse momento em seu famoso *Prefácio de 1859 de Para a Crítica da Economia Política*, quando ele se vê forçado a estudar questões econômicas para poder se posicionar acerca de debates correntes no Parlamento renano para escrever seus artigos para a *Gazeta Renana*. Ele escreve:

Nos anos de 1842/43, como redator da *Gazeta Renana (Rheinische Zeitung)*, vi-me pela primeira vez em apuros por ter que tomar parte na discussão sobre os chamados interesses materiais. As deliberações do Parlamento renano sobre o roubo de madeira e parcelamento da propriedade fundiária, a polêmica oficial que o Sr Von Schaper, então governador da província renana, abriu com a *Gazeta Renana* sobre a situação dos camponeses no vale do Mosela, e finalmente os debates sobre livre-comércio e proteção aduaneira, deram-me os primeiros motivos para me ocupar de questões econômicas. (MARX, 1978, p128)

Em *A Ideologia Alemã* (1846) está sistematizada toda a crítica ao idealismo e à pura abstração, assim como os passos que conduziram os filósofos a desenvolver o materialismo histórico dialético. É valido lembrar que, mesmo sendo correto, o termo materialismo histórico nunca foi usado pelos autores. N'*A Ideologia Alemã* e no *Manifesto do Partido Comunista* eles destacam a importância do estudo das condições materiais de vida, que determinam a formação da consciência, da historicidade, para entender o processo histórico que determina as condições materiais e da dialética que aponta para a relação de interinfluências entre historicidade e vida material. Deste modo elas se determinam de modo não mecânico e não necessário.

O desenvolvimento do materialismo histórico dialético foi a postura que os jovens autores adotaram perante todas as críticas que eles tinham elaborado ao idealismo. Sua proposta é o estudo da história e das relações de produção da vida material, em *A Ideologia Alemã*. Os autores fazem a seguinte análise:

Na medida em que Feuerbach é materialista, nele não se encontra a história, e na medida em que toma em consideração a história ele não é materialista. Nele, materialismo e história divergem completamente, o que aliás se explica pelo que dissemos até aqui. [...], devemos começar por constatar o primeiro pressuposto de toda a existência humana e também, portanto, de toda a história, a saber, o pressuposto de que os homens têm de estar em condições de viver para poder “fazer história”. Mas, para viver, precisa-se, antes de tudo, de comida, bebida, moradia, vestimenta e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e este é, sem dúvida, um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, assim como há milênios, tem de ser cumprida diariamente, a cada hora, simplesmente para manter os homens vivos. [...]. A primeira coisa a fazer em qualquer concepção histórica é, portanto, observar esse fato fundamental em toda a sua significação e em todo o seu alcance e a ele fazer justiça. [...] Os franceses e os ingleses, ao tratarem da conexão desses fatos com a chamada história apenas de um modo extremamente unilateral, sobretudo enquanto permaneciam cativos da ideologia política, realizaram, ainda assim, as primeiras tentativas de dar à historiografia uma base materialista, ao escreverem as primeiras histórias da sociedade civil [*bürgerliche Gesellschaft*], do comércio e da indústria (MARX e ENGELS, 2007, p 32-33)

Aqui, Marx e Engels explicam a necessidade da historicidade no processo de elaboração dos conceitos filosóficos e da vida material na história. Para os autores não é possível abstrair a história das condições materiais que a determinam, sendo assim, quando Feuerbach é materialista ele abstrai a história, isola o conceito para analisa-lo, mas criticam também o historicismo idealizado que desconsidera as condições materiais no processo histórico, que desconsidera a busca da satisfação das necessidades primárias como agente motor da história mais do que a razão e elogiam os historiadores ingleses e franceses que, mesmo sem essa perspectiva, escreveram as primeiras histórias do comércio, da indústria e da sociedade civil. Assim, para os autores não basta ser materialista, é preciso ser histórico, e passaram a se dedicar ainda mais ao estudo da manufatura, da indústria, do comércio e da economia.

Deste modo, juntos, Marx e Engels elaboram um novo método de análise e interpretação da realidade, que parte dos homens reais e das condições materiais reais herdadas no processo histórico sendo que estes homens e essas condições materiais se inter-determinam, pois se trata de uma relação dialética. Assim, o método materialista histórico dialético consiste em fazer uma análise filosófica da relação dialética entre produção da vida material e práxis humana e entende o homem como uma construção social oriunda de um período histórico e de seu modo de produção da vida material. O materialismo histórico

surge como método de análise que observa, não só o processo histórico de construção da vida material e as implicações desse processo na vida política, mas com base nesse processo procura antever as opções que existem dentro dele.

Partindo dos homens reais e das condições materiais de vida reais o método aponta a origem dos hábitos, da moral, das relações humanas, do Estado e das ideologias, da consciência dos homens, desenvolvidos em sua época histórica. E por considerar o processo histórico como um todo, ele aponta quais as mudanças possíveis dentro do contexto histórico pré-existente, sendo, assim, científico.

1.2 – Filosofia da Práxis¹⁰ - Materialismo Histórico

O materialismo histórico traz um novo olhar sobre os velhos problemas da filosofia e é a partir desse novo prisma que Marx e Engels sistematizam seus próprios conceitos, rompendo definitivamente com o idealismo e elaborando sua própria filosofia: a filosofia da práxis. No *Prefácio de 1859 de Para a Crítica da Economia Política* Marx resume as novas percepções acerca da realidade trazida pelo materialismo histórico, ele afirma:

O resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido serviu-me de fio condutor aos meus estudos pode ser formulado em poucas palavras: na produção da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade destas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, a à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser social, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência.(MARX, 1978, 129-130)

Nessa passagem podemos perceber a síntese do que os autores chamam de construção social. Esse conceito essencial ao materialismo histórico resume muito do que é preciso saber sobre o método. Quando afirmamos que as coisas são construções sociais, estamos dizendo que as coisas, assim como os nomes e a valoração que essas coisas recebem são determinados em um contexto histórico e social herdados do contexto social e histórico anterior que

¹⁰ A expressão Filosofia da práxis para se referir ao materialismo histórico foi cunhado por Antonio Labriola nos ensaios *In memoria del Manifesto dei comunisti* (1895) e *Del materialismo storico* (1896)

determinam seu uso, seja um conceito, um objeto ou uma instituição¹¹. A percepção de que as coisas, suas definições e seus usos são construídos historicamente, portanto construção social, leva os materialistas históricos a estudar as coisas dentro do seu contexto sócio-histórico, posto que, como dissemos anteriormente, são as condições materiais que determinam o contexto sócio-histórico, e essas condições materiais desenvolvem-se no processo histórico, fazendo com que o uso e a definição de uma coisa se adeque ao contexto no qual a coisa é expressa. É o estudo da coisa enquanto construção social, ou seja, a coisa vista em conjunto com as mudanças que sofreu nas diferentes condições materiais em que ela apareceu, que orienta a busca do materialismo histórico por um elemento comum à todas as definições da coisa, trazendo consigo uma definição permanente, que não dependa do contexto sócio-histórico, nem das condições materiais e sem ser uma pura abstração.¹²

Deste modo é a partir do conceito de construção social que o materialismo histórico passa a investigar cada coisa como construção social, observando e estudando a realidade sensível, material, política e econômica. Dos homens reais e do processo histórico, os filósofos elaboraram seus conceitos, começando por entender que é nas relações humanas de produção e troca que os homens se diferenciam dos animais e que se produzem enquanto homens e é nessas relações humanas que se formam as coisas e as ideias que denominam as coisas.

¹¹ As noções de casamento, família, escola, igreja, Estado, etc... foram sendo modificadas no processo histórico e todas essas instituições apresentam hoje características diferentes das que já apresentaram um dia.

¹² Um exemplo nesse sentido é a definição materialista histórica da forma dinheiro como mercadoria universal, antes a forma dinheiro era vista como um modo de acumular riqueza que poderia corromper os homens, um símbolo para facilitar as trocas de mercadoria. Na idade média a forma dinheiro desaparece, na modernidade passa a ser visto como um meio para atingir fins, mas em todas essas perspectivas o que perpassa é o fato que o dinheiro é um elemento de troca e de acúmulo e seu valor não vem de um acordo entre as partes que o usam, mas foi historicamente construído sendo-lhe atribuído valor. Sendo a forma dinheiro um elemento de troca, ele é uma mercadoria que é trocada por todas as outras para facilitar as trocas, sendo assim mercadoria universal. E a forma dinheiro sempre foi isso todas as vezes que apareceu na história humana como mercadoria sendo também símbolo do trabalho humano abstrato. É a esta definição que Marx chega em *O Capital*.

Primeiramente os filósofos definem que existe uma história do mundo, uma história da natureza e uma história dos homens¹³, porém diferentemente da concepção dos historiadores, o materialismo histórico não considera que possa existir uma pré-história, pois para que haja história é preciso que haja homens para fazer a história, pois o primeiro ato histórico dos homens é produzir sua vida material. Mesmo não havendo um registro sistematizado deste ato histórico é este que nos diferencia dos animais, nos permite fazer história num sentido ativo, ou seja, ao invés de esperar que a natureza provenha para todas as suas necessidades, os homens, interferindo no mundo, buscam, eles mesmos, suprir suas necessidades, através da criação de meios materiais, através da criação da vida material, transformando o mundo e a si próprios, o que Marx e Engels explicam nessa passagem d'*A Ideologia Alemã*:

O primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e este é, sem dúvida, um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, assim como há milênios, tem de ser cumprida diariamente, a cada hora, simplesmente para manter os homens vivos. [...] O segundo ponto é que a satisfação dessa primeira necessidade, a ação de satisfazê-la e o instrumento de satisfação já adquirido conduzem a novas necessidades – e essa produção de novas necessidades constitui o primeiro ato histórico. (MARX e ENGELS, 2007, p33)

Os homens são também construção social, podemos ver isso nas várias características destacadas como essenciais e necessárias aos homens, independentemente do ser biológico, as características necessárias são mais contingentes, pois dependem do que é necessário a esse homem. Um homem que não sabe caçar hoje em dia é considerado homem, mas alguns séculos atrás um homem que não soubesse caçar era considerado menos homem que os outros.

¹³ “Por aqui se mostra, desde já, de quem descende espiritualmente a grande sabedoria histórica dos alemães, [...], nada nos oferecem sobre a história, mas sim sobre os “tempos pré-históricos”, contudo sem nos explicar como se passa desse absurdo da “pré-história” à história propriamente dita – ainda que, por outra parte, sua especulação histórica se detenha em especial sobre essa “pré-história”, porque nesse terreno ela se crê a salvo da interferência dos “fatos crus” e, ao mesmo tempo, porque ali ela pode dar rédeas soltas aos seus impulsos especulativos e produzir e destruir milhares de hipóteses”. Assim os autores dividem a história em história da natureza e história dos homens, a primeira caracterizada por ser determinada por acidentes externos e fora do campo volitivo dos envolvidos, trata-se da história das plantas, dos animais, da evolução etc... e a segunda caracterizada pelo que os homens fazem das condições postas a eles pela natureza e posteriormente herdada por eles de outros homens e no campo que os autores alemães criticados chamam de pré-história, por não haver registros escritos a imaginação poderia viajar livremente.

Vejamos o conceito de justiça, uma das definições na antiguidade era não tirar vantagens sobre a vulnerabilidade dos outros, ora, em uma sociedade com o modo de produção capitalista, que se fixou e se replica pela competição, tirar vantagens sobre a vulnerabilidade dos outros não apenas não é injustiça, mas uma premissa para o êxito, quanto mais vantagens o indivíduo tira mais inserido e mais bem sucedido ele será. Assim muda o conceito de justiça e a noção do que é considerado um homem justo. O materialismo histórico aponta então que os homens são uma construção social oriunda de uma sociedade e de um período histórico, ou seja, um ser social.

O homem é o seu ser social, pois não se pode isolar o homem, assim como nenhuma outra ideia, da sua produção e do processo histórico que lhe deu origem. Sem a história, a cultura, a linguagem e os valores que fazem de um homem o que ele é temos somente o ser biológico, inconsciente e submisso às forças da natureza, incapaz de se autodeterminar e com relações superficiais com os outros seres biológicos. Ao diferenciar dos animais o homem se autodetermina como ser social. Como expresso na citação abaixo:

A terceira condição que já de início intervém no desenvolvimento histórico é que os homens, que renovam diariamente sua própria vida, começam a criar outros homens, a procriar – a relação entre homem e mulher, entre pais e filhos, a família. Essa família, que no início constitui a única relação social, torna-se mais tarde, quando as necessidades aumentadas criam novas relações sociais e o crescimento da população gera novas necessidades, uma relação secundária [...]. Ademais, esses três aspectos da atividade social não devem ser considerados como três estágios distintos, mas sim apenas como três aspectos ou, a fim de escrever de modo claro aos alemães, como três “momentos” que coexistiram desde os primórdios da história e desde os primeiros homens, e que ainda hoje se fazem valer na história. (MARX e ENGELS, p33-34, 2007)

Com esta passagem vemos que o ser social vem se formando em um processo longo desde os primórdios da humanidade, em suas relações familiares e sociais, mas também em sua relação com a história que determina suas necessidades e suas condições materiais de existência, ou seja: o modo de produção da vida material.

O modo de produção se refere ao modo como os homens produzem sua vida material, ou seja: o que comem, o que vestem, onde moram, o que fazem dentro da sociedade onde vivem, como vivem suas vidas. Posta desse modo, essa frase parece uma pura abstração, o modo de produção determina a vida material dos homens e é observável empiricamente. A roupa, o celular, o emprego, em muitos casos, são as escolhas dos homens, mas o que

determina as roupas, o celular e o emprego é modo como os homens produzem suas vidas. o modo de produção, por sua vez é determinado pela forma de propriedade socialmente construída, a forma de propriedade é aquilo que os homens usam como base para produzir sua vida material.

Antes da ascensão do capital como forma de propriedade, a terra era a forma de propriedade. No modo de produção tribal, a terra comum dividida entre as várias famílias, na antiguidade clássica, além da terra os escravizados também eram uma forma de propriedade que produzia a vida material. No feudalismo o feudo era a forma principal de propriedade, o senhor feudal possuía a terra e com ela responsabilidades políticas. Ou seja, significa dizer que quem tinha a propriedade do feudo, portanto, da terra, podia determinar a sua vida material e de quem vivesse nas suas terras. Determinar o que seria plantado, que animais seriam criados, quais árvores seriam cortadas para fazer móveis, etc. A propriedade do feudo também determinava as relações sociais de produção da vida material através da corveia, como explica Hélio Jaguaribe:

O feudalismo se fundamentava em um relacionamento especial entre o senhor feudal e os camponeses, tendo por base o sistema de feudos. as grandes áreas rurais do senhor feudal eram divididas em dois segmentos: o domínio senhorial (*mansus indominicatus*), explorado diretamente e os *mansi*, que os camponeses tinham permissão para cultivar em troca de determinado pagamento e alguns dias de trabalho para o senhor feudal - a corveia (*courvée*). O senhor tinha certos direitos sobre os camponeses, quase sempre servos vinculados ao cultivo da terra e do feudo. Estavam sujeitos à justiça do senhor, e deviam fazer-lhes certos pagamentos em dinheiro. Eram obrigados também a realizar alguns trabalhos específicos no domínio senhorial - normalmente três dias por semana. (JAGUARIBE, 2001, p384)

No modo de produção capitalista propriedade da terra ainda é muito importante, sem dúvidas, mas apenas como capital dado que os métodos de produção mudaram. Antes do modo de produção capitalista a produção ligada à terra era simples e imediata, porém com os avanços técnicos, a produção se complexifica, complexificam-se também os produtos, deste modo, não é mais onde os produtos “nascem” o que determina a vida material, mas aonde eles são modificados, ou seja, na manufatura, num primeiro momento, na indústria depois. Posteriormente a indústria passa a determinar o que as pessoas vão vestir, onde vão morar, que empregos vão ter etc. O que permitiu a industrialização foi a possibilidade do acúmulo de mercadoria, e o que permitiu o acúmulo de mercadoria foi a existência de uma mercadoria universal que pudesse ser trocada por todas as outras mercadorias: a forma dinheiro. Assim

capital é uma forma de propriedade baseada num acordo de atribuir valor a um símbolo que representa o trabalho humano: o dinheiro, não somente o dinheiro, toda propriedade que permite acumular dinheiro.

O capital é assim, qualquer forma de propriedade que permite ao proprietário acumular dinheiro ao explorar a força de trabalho de terceiros, e este dinheiro é sempre usado para adquirir mais capital. Em *O Capital*, Marx analisa o surgimento da forma dinheiro como mercadoria universal, e é na forma de mercadoria universal que o capital se transmuta em formas de propriedade e a propriedade em suas várias formas em capital.

É o capital que permite que um homem possa comprar a força de trabalho de outro e foi a massificação dessa prática que facilitou a produção e a troca, permitindo a especialização das funções de tal modo que nenhum homem precisasse exercer todas as funções para ter suas necessidades atendidas, aumentando a velocidade da produção e, com isso a própria produção, mas por outro lado dividiu os homens em apenas duas classes: burgueses e proletários. Burgueses e proletários são classes sociais determinadas pela função social do trabalho. As classes sociais são determinadas pela função social do trabalho.

Na Idade Média existiam os nobres, que possuíam terra e cuja função social era proteger e administrar o território, os servos, cuja função social era produzir alimentos, os artesãos, que produziam objetos de utilidade cotidiana, os comerciantes¹⁴ e o Clero. O advento da burguesia criou apenas duas classes sociais com duas funções sociais distintas: o burguês que compra força de trabalho alheia e o proletário que vende sua força de trabalho. Os que compram são uma minoria detentora da propriedade na forma dinheiro, enquanto os assalariados recebem na forma dinheiro apenas o suficiente para se manterem vivos. Mesmo o proprietário de terras deve comprar mão de obra para produzir, pois se ele não produz, pode se ver forçado a vender sua terra para alguém que quer produzir.

¹⁴ “Inicialmente os comerciantes medievais transportavam as próprias mercadorias que negociavam, usando poucos trechos remanescentes de estradas romanas e os precários caminhos medievais desprovidos de pavimentação” (JAGUARIBE, 2001, p420) Jaguaribe explica que o comércio foi realizado em forma de feiras durante toda a idade média, mas que do século V ao século IX era realizado de forma precária e tem um grande aumento entre os séculos IX e XI devido a dois fatores: o aumento da população européia e às Cruzadas. O grande avanço da troca de mercadorias na Europa acontece a partir do século XIII, pois “Até o século XIII, quando o crescimento das cidades se tornou inevitável, a Igreja desestimulava o comércio” (JAGUARIBE, 2001, p420)

No senso comum há muita confusão entre o que é classe social e o que é classe econômica. Para o materialismo histórico isso está bem claro, classe social, como dissemos é determinada pela função social do trabalho. Classe econômica é determinada apenas por fatores econômicos, e é um pouco mais dividida, pois é classificada conforme a renda das pessoas.

É modo como os homens se organizam para produzir a vida material, como e o quê produzem, determina o que são em cada época histórica. Esse processo não é linear e unidirecional, é dialético, a distribuição interfere na produção e a produção interfere na distribuição, não é algo mecânico; há um elemento comum que motiva e conduz as decisões dos administradores dessas empresas. Todas as empresas visam diminuir suas perdas e aumentar os seus ganhos e essas perdas e ganhos são medidos na mercadoria universal, em dinheiro, e elas competem entre si para ter esse ganho. Assim quando uma empresa decide estampar um produto com uma imagem ligada a um filme ou a uma série não é para promover o filme ou a série, ela faz pensando em vender e quando outra empresa compra esse produto ela compra pensando em vender, isso até chegar a alguém que vai ser o consumidor final. O objetivo final que motiva as ações da produção é o capital, obtenção e manutenção de capital.

É a produção e o capital que determinam a vida material e a terceirização, que funciona, entre outras formas, comprando serviços, por isso, com algum capital uma pessoa pode comprar a força de trabalho de outras, e pode abrir uma pequena empresa, mas essa empresa não vai ter força para se autodeterminar e vai depender das condições estabelecidas pelos grandes possuidores de capital e essa empresa se torna um prestador de serviços ao grande capital, como por exemplo um bar que recebe de empréstimo das empresas de bebidas, mesas cadeiras, e freezers, ou quando uma grande empresa, para não ter que contratar trabalhadores, contrata uma empresa de recursos humanos, e a empresa contratada fica responsável pela, seleção e contratação dos trabalhadores. O trabalhador, então, não possui nenhum vínculo direto com o local onde ele trabalha. Nesse processo as grandes empresas pagam para as empresas de recursos humanos menos do que gastariam se tivessem um setor de recursos humanos, e as empresas de recursos humanos pagam ao trabalhador menos do que ele ganharia se fosse contratado pela grande empresa. Tanto no exemplo do bar quanto no exemplo das empresas de recursos humanos, as pequenas e médias empresas prestam serviços ao grande grande capital.

Pequenos e médios empresários comerciantes, prestadores de serviços como transporte, alimentação, construção civil, mesmo comprando mão de obra de outrem estão tão submissos às inconstâncias do capital quanto qualquer proletário, por isso são classe média, não tem a estabilidade do grande capital, mas não estão tão vulneráveis quanto o proletariado, tem alguns privilégios, como os burgueses, mas precisam vender seu trabalho, como os operários, deste modo são justamente chamados de pequenos burgueses.

Na época em que as obra pesquisadas foram escritas ainda não havia a terceirização, mas a submissão dos pequenos burgueses ao grande capital já estava lá e essa submissão se torna especialmente prejudicial se um grande burguês decidisse competir com um pequeno burguês. Marx expõe isso na citação abaixo:

O pequeno capitalista pode então escolher: 1) ou consumir seu capital, já que ele não pode mais viver de juros, ou seja, deixar de ser capitalista; ou 2) ele mesmo montar um negócio para vender sua mercadoria mais barata e comprá-la mais cara do que o capitalista mais rico além de pagar um salário mais alto; isto é, arruinar-se, pois o preço de mercado já está bem baixo devido a pressuposta concorrência elevada. Se ao contrário grande capitalista deseja derrubar o pequeno, ele então dispõe de todas as vantagens que o capitalista enquantos tal tem em frente ao trabalhador. Os ganhos menores são compensados pela maior quantidade de seu capital, e ele pode suportar inclusive perdas momentâneas até que o capitalista menor se arruine e ele veja-se livre dessa concorrência. Assim ele acumula os ganhos do pequeno capitalista. (MARX, 2017, p152-153)

Deste modo a pequena burguesia pode ser enquadrada como uma categoria do proletariado, mesmo que na prática cumpra a função social da burguesia. As categorias são as subdivisões dentro de uma mesma classe, entre os burgueses temos investidores e especuladores, que detém apenas capital financeiro e compram ações de empresas com as quais não necessariamente entram em contato e os grandes industriais, que colocam grande parte das suas ações à venda, mas detém a maior parte das ações e têm contato com as empresas. Entre os pequenos burgueses temos os pequenos industriais e pequenos empresários, cujas empresas não têm ações nas bolsas de valores, os arrendatários, que, com grandes latifúndios, por temporada alugam a terra para produzir as matérias primas básicas para a produção na indústria e os pequenos produtores rurais, muitas vezes unidos em cooperativas. Os trabalhadores, onde se encontra o restante da população, ou seja, todos que vendem sua força de trabalho ou seus serviços, estão todas as outras categorias, professores,

pedreiros, médicos, mineradores, administradores de empresas, metalúrgicos, juízes, comerciários, militares, atendentes de telemarketing, etc.

Dito o exposto, cada modo de produção da vida material precisa estabelecer novas relações de produção, de trabalho, por vezes uma nova estrutura hierárquica social¹⁵ que para se afirmar cria novas relações jurídicas e também se apresentam nas formas familiares e sociais de uma modo geral, que Marx e Engels chamam de relações sociais de produção que determinam a sociedade civil. Assim o conceito de sociedade civil refere-se ao conjunto de relações que articulam a vida em comunidade. A Sociedade Civil se estabelece nas relações sociais criadas pelos homens na produção da sua vida material. Sendo assim, a Sociedade Civil é para Marx e Engels parte da superestrutura, juntamente com a arte, a filosofia, a religião, ideologia, etc. Uma definição aparece na carta de Marx a Paul Annenkov de 28 de dezembro de 1846:

O que é sociedade, qualquer que seja sua forma? O produto da ação recíproca dos homens. São os homens livres para escolher esta ou aquela forma de sociedade? De modo nenhum. Suponhamos um certo grau de desenvolvimento das faculdades produtivas dos homens e teremos uma forma correspondente de comércio e consumo. Suponhamos certos graus de desenvolvimento da produção, do comércio, do consumo, e teremos uma dada forma de construção social, uma dada organização da família, dos testamentos ou das classes, numa palavra, uma dada sociedade civil. Suponhamos uma determinada sociedade civil e teremos um dado estado político que é apenas a expressão oficial da sociedade civil (MARX, 1974, p14)

É adequado acrescentar que na produção da vida material existe um processo de acúmulo de forças produtivas. Este é a consequência do acréscimo de trabalho humano que é fixado na coisa, essa coisa sendo dentro do modo de produção capitalista uma mercadoria. As forças produtivas são todas as partes que atuam na realidade sensível e na produção da vida material: burguesia, proletariado, trabalho intelectual, trabalho braçal, economia, o câmbio de diferentes moedas, etc... O acúmulo de forças produtivas se dá da seguinte forma: cada inovação nos processos e técnicas de produção trazem consigo a história do desenvolvimento dessas novas técnicas e com elas é possível produzir mais em menos tempo e com menor mão-de-obra. Isto significa dizer que o acúmulo de forças produtivas é o acúmulo de trabalho

¹⁵ A autoridade passou dos caçadores no período tribal, para o líder religioso no modo de produção asiático, para os cidadãos na idade antiga, para os reis, nobres e clero na idade média, seguindo o modo que mais favorecia o modo de produção.

humano, assim esse trabalho humano acumulado aparece na mercadoria de forma fantasmagórica, ele está ali, mas não é visto, por fim, quando o acúmulo de trabalho humano e forças produtivas incide na mercadoria universal dinheiro, esta se torna um símbolo do trabalho humano abstrato.

Não vemos nenhum trabalho humano que está naquela mercadoria, isto porque o trabalho concreto produz a vida material e o trabalho abstrato produz mercadorias, e é o acúmulo de forças produtivas que poderá eventualmente libertar os homens do trabalho. Mas em contraponto, o acúmulo de forças produtivas gera crises de superprodução, que estimulam a destruição de forças produtivas por parte da classe dominante para manter-se no poder. Homens vivos também são forças produtivas e a destruição de forças produtivas inclui guerras, fome e outros meios de eliminar a mão-de-obra excedente sem acabar com o exército industrial de reserva. Em *Manuscritos Econômicos-Filosóficos*, temos esse trecho:

Mas, para que a guerra industrial seja dirigida com êxito, é preciso exércitos numerosos, que reúnem-se em um mesmo ponto e possam ser dizimados em abundância. E nem por dedicação, nem por obrigação, os soldados desse exército suportam os esforços que lhes são impostos, mas para fugir da necessidade da fome. Eles não têm afeição, nem reconhecimento pelos seus chefes; estes não estão ligados aos seus subordinados por nenhum sentimento de benevolência. Eles não conhecem como seres humanos, mas apenas como instrumentos de produção, que produzem o máximo possível com o menor custo possível. Essas multidões de trabalhadores, cada vez mais oprimidas, não podem sequer deixar de se preocupar em encontrar ocupação. A indústria que as招ou somente deixa-as viver enquanto necessitar delas; e, tão logo possa livrar-se delas, as abandona sem a menor consideração. E os trabalhadores são obrigados, sua pessoa e sua força, a oferecerem-se pelo preço que se quer pagar. Quanto mais o trabalho que lhes é oferecido torna-se longo, penoso, repugnante menos ele recebe. Há alguns que com 16 horas de trabalho diário, sob esforço constante, mal consegue encontrar o direito de não morrer. (MARX, 2017, p138)

A passagem acima mostra a insensibilidade com que se destroem forças produtivas para manter o lucro. Nessa passagem, Marx não se refere ao descarte de uma inovação tecnológica ou outro exemplo material de destruição de forças produtivas, ele expõe que a força produtiva mais descartável e manipulável é o operário. Uma nova tecnologia, um novo método, uma nova rota comercial podem ser engavetadas, mas o ser humano, enquanto força produtiva, não pode ser deixado para depois e é destruído.

1.3 – Consciência e Consciência de Classe na Burguesia

Conforme vimos é a produção da vida material que determina o ser social do homem, formado pelas relações sociais de produção, pelas instituições, pelo modo de produção da vida material, sociedade civil, cultura, arte, religião e história. Cada um dos elementos da superestrutura é estrutura em separado, escolas, igrejas, Estado, organizações civis, etc. A vida material despeja seu conteúdo nos homens fazendo deles um ser social, indivíduos juntos agindo, produzindo a vida material e estabelecendo relações de produção e se diferenciando dos animais através da produção da vida material e da linguagem, em uma palavra: uma sociedade, e nesse processo os homens apredem a reproduzir essa sociedade. Por outro lado, o conceito de sociedade se diferencia do ser social no seguinte ponto: a sociedade expressa apenas suas relações materiais e visíveis e o ser social é a sociedade mais o imaterial que a permeia. Então:

Trata-se, sobretudo, de evitar usar novamente a “sociedade” como a distração frente ao indivíduo. O indivíduo é o ser social. Sua manifestação de vida – mesmo que não apareça sobre a forma de uma manifestação coletiva, realizada simultaneamente com outros – é, por isso, uma manifestação e confirmação da vida social. A vida individual e a vida genérica do homem não são diferentes, por mais que – e isso necessariamente – o modo de existência da vida individual seja um modo mais particular ou mais geral da vida genérica, ou quanto mais a vida genérica seja uma vida individual mais particular ao mais geral. (MARX, 2017, p239-240)

A consciência existe nos homens quando estes se diferenciam dos animais, na produção da vida material, ou seja, no trabalho. Assim como tantos outros conceitos do materialismo histórico o conceito de consciência tem origem a partir de uma apropriação crítica que os autores fazem do conceito hegeliano. Segundo Hegel é o trabalho que faz os homens saírem de seu estado primitivo. É no mundo do trabalho que o Essente¹⁶ se percebe sendo, percebe sua ação no mundo que, segundo ele é a materialização da Ideia, ou, como explica Giovanni Semeraro “o processo de autoprodução do homem pelas suas atividades, a formação da consciência pelo trabalho, pelo reconhecimento do outro e o caráter social que se desenvolve mediante sua objetivação no mundo” (Semeraro, 2013, p89). Assim o Essente se percebe como parte do mundo com uma função dentro da sociedade, e pode escolher ser parte de uma comunidade exercendo sua liberdade plena dentro de um Estado.

¹⁶ O ser sendo, se realizando.

Marx se apropria, de maneira crítica, dessa posição de Hegel e a usa não necessitando do conceito ontológico e idealizado, atualizando-a para analisar as implicações econômico-políticas do Essente adquirindo consciência na produção da vida material. Na verdade não existe Essente, este termo é pura abstração, a categoria ontológica do ser humano é o trabalho. Assim, Marx e Engels, percebem como os homens adquirem consciência não apenas por trabalhar, mas por que, ao trabalhar, estão produzindo sua vida material, como afirma Hegel, mas não apenas isso, construindo sua vida material socialmente os homens desenvolvem sua consciência e essa modifica a realidade. O desenvolver do método, porém, levará a uma definição mais detalhada do que é a consciência:

Somente agora, depois de já termos examinado quatro momentos, quatro aspectos das relações históricas originárias, descobrimos que o homem tem também “consciência”. Mas esta também não é, desde o início, consciência “pura”. O “espírito” sofre, desde o início, a maldição de estar “contaminado” pela matéria, que, aqui, se manifesta sob a forma de camadas de ar em movimento, de sons, em suma, sob a forma de linguagem. A linguagem é tão antiga quanto a consciência – a linguagem é a consciência real, prática, que existe para os outros homens e que, portanto, também existe para mim mesmo; e a linguagem nasce, tal como a consciência, do carecimento, da necessidade de intercâmbio com outros homens. Desde o início, portanto, a consciência já é um produto social e continuará sendo enquanto existirem homens. A consciência é, naturalmente, antes de tudo a mera consciência do meio sensível mais imediato e consciência do vínculo limitado com outras pessoas e coisas exteriores ao indivíduo que se torna consciente; ela é, ao mesmo tempo, consciência da natureza que, inicialmente, se apresenta aos homens como um poder totalmente estranho, onipotente e inabalável, com o qual os homens se relacionam de um modo puramente animal e diante do qual se deixam impressionar como o gado; é, desse modo, uma consciência puramente animal da natureza (religião natural) – e, por outro lado, a consciência da necessidade de firmar relações com os indivíduos que o cercam constitui o começo da consciência de que o homem definitivamente vive numa sociedade. (MARX e ENGELS, 2007, p34-35)

A consciência acima descrita pode ser encaixada no que os autores chamam de consciência geral¹⁷ e trata-se de uma consciência imediata do ser no mundo totalmente sujeita ao modo de produção. A consciência geral é, deste modo, a forma abstrata como o ser social se vê de forma idealizada que se contrapõe à forma real do ser social. Marx expõe a consciência geral na passagem abaixo nos *Manuscritos Econômicos-Filosóficos*, ele afirma:

Minha consciência geral á apenas a forma teórica daquilo cuja comunidade real, o ser social, é a forma viva, enquanto hoje em dia a consciência geral é uma forma de abstração da vida real e como tal se defronta com ela hostilmente. Por isso, também a atividade da minha consciência geral – enquanto tal – é existência teórica como ser social (MARX, 2017, p239)

¹⁷ Na nossa pesquisa nos deparamos com o termo consciência geral apenas três vezes nas obras pesquisadas. Uma vez em *A Ideologia Alemã* e duas em *Manuscritos Econômicos-Filosóficos* e nos manuscritos ainda encontramos o termo autoconsciência geral. Usamos duas traduções dos manuscritos na nossa pesquisa e o termo *allgemeine Bewußtsein*, aparece como consciência geral em uma tradução e como consciência universal em outra. Posto que no início de *A Ideologia Alemã* Marx e Engels esclarecem que do termo geral para o termo universal existe um aumento no nível de abstração, as traduções não poderiam indicar a mesma coisa, uma delas estaria incorreta, assim vimos a necessidade de encontrar os parágrafos em alemão para, na medida do possível, encontrar o termo que, em português, melhor expressa o que os autores escreveram em alemão. Na *A Ideologia Alemã* o termo aparece em alemão assim: “*allgemeine Bewußtsein*” (MEW band 3, p360), na tradução da Boitempo Editorial encontra-se assim: “consciência geral.” (MARX e ENGELS, 2007, p364) e no Manuscritos Econômicos-Filosóficos encontramos em alemão assim: “*Mein allgemeines Bewußtsein [...] allgemeinen Bewußtseins*” (MEW band 40, p538) encontramos a passagem na tradução da Boitempo Editorial assim: “consciência *universal* [...] consciência *universal*” (MARX, 2018, p107) e assim na tradução da Martim Claret: “consciência geral [...] consciência geral” (MARX, 2017, p239). Para além dessas três vezes onde os filósofos usam *allgemeines Bewußtsein*, Marx ainda usa o termo “*allgemeines Selbstbewußtsein*” (MEW band 40, p553) em uma outra passagem dos *Manuscritos Econômicos-Filosóficos* que encontramos na tradução da Boitempo editorial como “*consciência de si universal*” (MARX, 2018, p145) e na tradução da Martin Claret: “autoconsciência geral” (MARX, 2017, p300). Assim, escolhemos usar o termo consciência geral, conforme a tradução da Martin Claret, pois não há nas obras pesquisadas uma indicação de que os autores acreditem que uma consciência universal exista, mas sim uma consciência geral que pareie à consciência, também por que conforme observamos o MEW os autores quando se referem ao universal, criticando essa noção, usam os termos *univesell*, *univeselle* e *universellen*, conforme a declinação necessária à língua alemã, e *allgemeine*, *allgemeinen*, ou *allgemeines* para se referir ao geral em oposição ao *besondre* (particular). Por fim também porque Luciano Cavini Martorano, que traduziu a edição da Martim Claret, está entre os tradutores da *A Ideologia Alemã* da Boitempo Editorial, nessa edição encontramos o termo consciência universal na frase. “mas entre essa consciência nacional e a práxis de outras nações, quer dizer, entre a consciência nacional e a consciência universal de uma nação” (MARX e ENGELS, 2007, p36), mas em alemão é: “sondern zwischen diesem nationalen Bewußtsein und der Praxis der anderen Nationen, zwischen dem nationalen und allgemeinen Bewußtsein einer Nation sich einstellt (MEW band 3, p32) apresentando novamente o termo *allgemeinen*.

Por estar sujeita ao modo de produção essa consciência naturaliza¹⁸ as relações sociais de produção no ciclo de reprodução da vida material, e está ideologicamente dominada. Ideologia é para o materialismo histórico a visão de mundo, as ideias que governam uma época ou determinam as ações dos homens, e como já dito esta também é determinada pelo modo de produção da vida material, deste modo ela expressa uma visão de mundo da classe dominante. Deste modo havia apenas a consciência geral e a ideologia dominante. Como exposto na passagem abaixo:

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação. Os indivíduos que compõem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também consciência e, por isso, pensam; na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que eles o fazem em toda a sua extensão, portanto, entre outras coisas, que eles dominam também como pensadores, como produtores de ideias, que regulam a produção e a distribuição das ideias de seu tempo; e, por conseguinte, que suas ideias são as ideias dominantes da época. Por exemplo, numa época e num país em que o poder monárquico, a aristocracia e a burguesia lutam entre si pela dominação, onde portanto a dominação está dividida, aparece como ideia dominante a doutrina da separação dos poderes, enunciada então como uma “lei eterna”. (MARX e ENGELS, 2007, p47)

Historicamente a visão de mundo dos nobres era a visão de mundo de uma época, havia pouca mudança na ideologia dominante de um modo de produção para o outro¹⁹, a mobilidade social praticamente não existia e até a modernidade a possibilidade de uma pessoa

¹⁸ Naturalizar aqui sendo usado no sentido de que as relações de produção da vida material são vistas como algo natural aos homens, que são parte da natureza humana e que sempre existiram e não algo socialmente construído.

¹⁹ Do modo de produção asiático, para o tribal, para o antigo para o feudal.

ter uma vida melhor era ser nobre²⁰ ou ter um cargo na igreja²¹ Deste modo, a ideologia vigente era a de que existiam dominantes e dominados, que isso era natural. A ascensão da burguesia ainda traz em sua visão de mundo a vontade de se tornar dominante, porém, mesmo mantendo a noção de que existem dominantes e dominados e a vontade de se tornar dominante, ela não é a mesma visão de mundo da nobreza.

A burguesia surge como classe média²², como intermediária entre a nobreza, o clero e os servos, prestando serviços à classe dominante, aos nobres, porém, os nobres, por seus serviços (proteção da terra contra invasores e administração de conflitos) cobravam uma parte do que os servos produziam, o que quer que eles produzissem, alimentos, roupas, móveis, utensílios, armas, etc. os servos por seus serviços (produzir alimentos, roupas, móveis, etc.) cobravam dos nobres a proteção e a resolução de problemas e trocavam o que produziam com outros servos. Os burgueses, por seus serviços (comprar mercadorias de um lugar e vender em outro) cobravam a mercadoria universal na forma dinheiro. Consequentemente, nobres, servos, clero não acumulavam capital, pois tudo o que possuíam, possuíam por seu caráter útil.

Por acumular meios de produção - capital - a burguesia passa a poder comprar a força de trabalho de homens livres, massificando uma função social que existiu na antiguidade, mas foi menos utilizada na idade média devido ao vínculo feudal da corvéia.. Isso mudou a produção da vida material, para além disso, os próprios servos começam a querer pagamento em dinheiro pelos seus serviços. As consequências dessas mudanças no modo de produção são que a nova classe passa a ter cada vez mais poder econômico e com o acúmulo cada vez

²⁰ Recebendo o reconhecimento por serviços prestados como cidadãos livres, servindo à polis ou ao Império, na antiguidade, ou servos servindo ao rei na idade média, isso porém era extremamente incomum e o que mais acontecia era algum soldado receber terras na antiguidade ou um membro da nobreza menor ocupar as terras e os títulos de um outro nobre que tivesse morrido sem filhos ou conforme a vontade do rei.

²¹ Mesmo nessa possibilidade estes cargos geralmente eram reservados aos nobres.

²² “Utilizei sempre a expressão classe média no sentido do inglês middle-class (ou, como se diz frequentemente, *middle-classes*), que designa, como a palavra francesa *bourgeoisie*, a classe proprietária, especificamente a classe proprietária que é distinta da chamada aristocracia, ou seja, aquela classe que, na França e na Inglaterra diretamente e na Alemanha indiretamente, envolta sob o manto da “opinião pública”, detém o poder estatal.” (ENGELS, 2010, p43) Engels define classe média nessa passagem do prefácio de *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra* (1845), mas ainda se refere à nobreza como aristocracia.

maior do capital a burguesia passa a exigir mudanças em seus direitos e a exigir participação nas decisões do monarca absolutista, passa a exigir a existência de uma assembleia à qual o monarca esteja sujeito. Assim a burguesia inicia um longo processo de exigência de direitos que vai culminar nas revoluções burguesas.

A consciência e a ideologia dos burgueses em um primeiro momento é como a dos nobres: acreditam que o que traz poder é ser dono do maior pedaço de terra possível e administrá-lo como um rei, mas essa posição comum não dura por muito tempo. Tão logo os burgueses adquirem as terras não as vêem como algo que devem cuidar sendo responsáveis pela terra e por quem vive nelas, vêem-na como sua posse particular para usar como bem entenderem. Se para os nobres a terra era vista como um símbolo do seu poder e sua responsabilidade, para os burgueses ela era vista como um meio de conseguir mais riquezas. Essa diferença indica um rompimento com a ideologia da época, enquanto os nobres dão valor à terra e às virtudes²³, à honra e à lealdade, os burgueses dão valor ao capital.

Como já afirmamos as relações entre os conceitos e a vida material, não são unidirecionais e mecânicos, mas dialéticos, não é possível afirmar que a nova visão de mundo veio antes, depois ou contígua à nova consciência. Mas o fato é: nesse mesmo período os burgueses se percebem enquanto parte uma força produtiva diferente das demais forças produtivas, algumas forças produtivas são classes e os burgueses passam a se perceber enquanto classe. É o surgimento da consciência de classe. Consciência de classe é perceber-se como parte de uma força produtiva no mundo da produção da vida material e aderindo a um papel na luta de classes, tornando-se força hegemônica. A burguesia não cria a consciência de classe, esta surge nela do mesmo modo que surgiu a sua ideologia, através da sua posição nas relações produtivas no mundo do trabalho. Conforme vimos o autodiferenciar-se é uma atividade básica do entendimento e implica na consciência. Ao autodiferenciar-se nas relações produtivas, os burgueses adquirem consciência de classe e lançam-se à luta de classes. Como explicam Marx e Engels em *A Ideologia Alemã*, eles escrevem:

Os indivíduos singulares formam uma classe somente na medida em que têm de promover uma luta contra uma outra classe; de resto, eles mesmos se posicionam uns contra os outros, como inimigos, na concorrência. Por outro lado, a classe se autonomiza, por sua vez, em face dos indivíduos, de modo que estes encontram suas condições de vida predestinadas e recebem já pronta da classe a sua posição na vida e, com isso, seu desenvolvimento pessoal; são subsumidos a ela. (MARX e ENGELS, 2007, p63)

²³ Segundo a igreja católica: fé, esperança, caridade, prudência, justiça, fortaleza e temperança.

A burguesia encontrando-se na situação acima citada, herdada de condições históricas às quais ela não tem controle, passa então a acirrar-se nas trincheira políticas para conquistar postos na sociedade civil e a cada avanço da burguesia na sociedade civil, maior é o avanço da sua visão de mundo na consciência geral. Pouco a pouco a visão de mundo da burguesia se torna visão de mundo da sociedade. As lutas se intensificam e a burguesia se alia a outros grupos de subalternos para se tornar classe dominante, o que culmina nas revoluções burguesas, principalmente a francesa. Essa luta leva mais de cem anos, mas por fim a burguesia enfraquece a aristocracia e, conforme variações culturais, destitui o monarca ou o transforma em objeto de figuração. Na passagem abaixo Marx e Engels estão se referindo à marginalização dos comunistas, entretanto, foi o mesmo que aconteceu com a burguesia na sua ascensão, a burguesia era a classe “da qual emana a consciência da necessidade de uma revolução radical”. Sobre os movimentos comunistas eles afirmam:

As condições sob as quais determinadas forças de produção podem ser utilizadas são as condições da dominação de uma determinada classe da sociedade, cujo poder social, derivado de sua riqueza, tem sua expressão prático-idealista na forma de Estado existente em cada caso; é essa a razão pela qual toda luta revolucionária dirige-se contra uma classe que até então dominou (MARX e ENGELS, 2007, p 42)

O mesmo ocorreu com a burguesia, percebendo-se excluída do poder, ela se organiza em torno da consciência de classe para lutar contra a classe que até então dominou, a nobreza.

Porém, como: “A burguesia produz, sobretudo, seus próprios coveiros” (MARX e ENGELS, 2017, p32) é a consciência de classe que, desenvolvida a partir de sua dominação, quando se manifesta na luta de classes passa a exigir o fim da sociedade dividida em classes. Veremos no próximo capítulo como a consciência de classe surgiu no proletariado, a consciência de ser parte de uma força hegemônica²⁴, mas com uma visão de mundo diferente da burguesia, e devido a isso como o proletariado organizou sua luta política.

²⁴ Força hegemônica é um conceito desenvolvido por Gramsci em suas obras. Na produção da vida material, o proletariado, por ser força de trabalho, é força produtiva, assim como a burguesia, a tecnologia, a técnica entre outras. Na luta de classes, o proletariado, enquanto classe, se torna uma força hegemônica pois desenvolve um projeto de sociedade e luta para implementá-lo. Assim forças hegemônicas são forças que agem politicamente buscando a posição de liderança da sociedade

Capítulo 2 – Formação da Consciência de Classe e Luta do Operariado

2.1 – Condições materiais de vida dos trabalhadores

Para vermos como se dá o processo de formação da consciência de classe nos trabalhadores nos valeremos da descrição mais detalhada que encontramos sobre esse processo, que está em *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra* de Engels, publicada em 1845. Nesta obra ele relata as condições materiais de vida dos operários ingleses que foram observadas por ele durante vinte-e-um meses morando na Inglaterra, somando-se à observação presencial de Engels de textos de jornais da época, como *The Artizan, Northern Star, The Times, The Sun*, textos de relatórios oficiais, como *1832 – Report of Select Committee on Factory Children's Labour, 1833 – Extracts from the Information received by His Majesty's Commissioners, as to the Administration and Operation of the Poor-Laws, 1836 – Third Report of the Commissioners appointed “to Inquire into the condition of the poorer classes in Ireland, and into the various institutions at present established for their relief, 1843 – Reports of Special Assistant Poor Law Commissioners on the Employment of Women and Children in Agriculture*, além de livros e panfletos que defendiam tanto mudanças nas condições de vida dos trabalhadores como *On the Present Condition of the Labouring Poor in Manchester* de Richard Parkinson (Engels usa a 3^a edição, Londres-Manchester, 1841) quanto os que defendiam que as condições de vida dos trabalhadores não deveriam mudar, como *The Cotton Manufacture of Great Britain* de Andrew Ure (Engels usa a 2^a edição, Londres, 1835).

Usaremos também os *Manuscritos Econômicos-Filosóficos* que foram escritos em 1844²⁵, mas que só foram publicados em 1932. A obra de Marx não conta com a mesma qualidade descritiva da obra de Engels, mas, por outro lado, a apreensão das contradições da época histórica e suas implicações no ser social é intensa.

As obras foram escritas na mesma época, antes de os autores serem apresentados, e ainda assim chegam a conclusões muito próximas que convergem quando começam a

²⁵ O título da obra em alemão é: *Ökonomisch-philosophische Manuskripte aus dem Jahre 1844* em algumas traduções ele aparece como: *Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844* em outras *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, mas a mais comum é a usada na edição que consultamos.

trabalhar juntos, como vemos em *A Ideologia Alemã* e no *Manifesto do Partido Comunista*, obras que também consultamos para este capítulo.

A observação do operariado inglês feita por Engels para *A Situação da classe Trabalhadora na Inglaterra* pode ser usado em um sentido descritivo para vermos como se dá a formação da consciência de classe, pois esse país, nesse período, é o que tem maior desenvolvimento de forças produtivas, como explica Engels no prefácio:

A situação da classe operária é a base real e o ponto de partida de todos os movimentos sociais de nosso tempo porque ela é, simultaneamente, a expressão máxima e a mais visível manifestação de nossa miséria social. O comunismo dos operários franceses e alemães é seu produto direto; o *fourierismo*²⁶ e o socialismo inglês, tal qual o comunismo da burguesia alemã culta, são seus produtos indiretos. O conhecimento das condições de vida do proletariado é, pois, imprescindível para, de um lado, fundamentar com solidez as teorias socialistas e, de outro, embasar os juízos sobre sua legitimidade e, enfim, para liquidar com todos os sonhos e fantasias pró e contra. No entanto, as condições de vida do proletariado, em sua forma clássica, plena, só existem no Império Britânico, em particular na Inglaterra propriamente dita; por outra parte, é só aí que o material necessário para este estudo se encontra reunido de modo quase suficiente e comprovado por investigações oficiais, como é indispensável para uma análise minimamente adequada desse tema. (ENGELS, 2007, p41)

Engels explica a razão de observar a classe trabalhadora inglesa, pois as mudanças no seu modo de vida lá influenciaram direta e indiretamente mudanças no modo de vida de vários países, isto porque foi lá que começou a Revolução Industrial e com ela o investimento massivo em novas tecnologias e em novas técnicas para a produção, primeiro de tecidos, o que levou, posteriormente, a um aumento na produção de máquinas e a criação de infraestrutura, como estradas, ferrovias e pontes.

O autor não nega o intercâmbio de tecnologia e técnicas, e explica que as técnicas e máquinas criadas na Inglaterra são exportadas para outros países, mas quando em algum desses outros países existe alguma inovação técnica-tecnológica, na época principalmente França, Alemanha e Estados Unidos, esta inovação eventualmente, chegará à Inglaterra, como exemplifica Engels:

²⁶ Doutrina de Charles Fourier (1772-1837), precursor do socialismo, que se baseou na escala diacrônica para propor um modelo de sociedade sem exploração que chegou a ser posto em prática por um tempo, os falanstérios, trata-se de um socialismo que ainda não é científico.

De fato, já nos últimos anos do século passado, algumas experiências nessa direção foram feitas na Escócia; só em 1810, todavia, o francês Girard conseguiu chegar a um método prático de fiação do linho, mas suas máquinas só adquiriram a devida importância graças aos aperfeiçoamentos que receberam na Inglaterra e depois de seu emprego em larga escala em Leeds. (ENGELS, 2007, p53)

Pela citação podemos observar que esse intercâmbio técnico-tecnológico não ocorre apenas de país para país, mas de cidade para cidade e é esse intercâmbio que acelera o desenvolvimento de forças produtivas. Segundo esse raciocínio poderíamos ser induzidos a pensar que o Império Britânico, em particular a Inglaterra, nunca seria “ultrapassado” no desenvolvimento de forças produtivas, mas Engels nos alerta que não é apenas o intercâmbio técnico-tecnológico que determina qual país vai ter maior desenvolvimento de forças produtivas e, portanto, maior acirramento da luta de classes. São necessárias também condições materiais, intelectuais e espirituais²⁷, e mais no final da obra, indica quais países são ameaça ao domínio econômico inglês em 1845.

Na pior das hipóteses, a indústria estrangeira, em particular a americana, conseguirá enfrentar a concorrência inglesa, inclusive depois da abolição das leis sobre os cereais, inevitável dentro de poucos anos. A indústria alemã realiza atualmente grandes esforços, mas é a indústria americana que se desenvolve a passos gigantescos. A América, com seus recursos infinitos, com suas imensas jazidas de carvão e ferro, com um potencial hídrico enorme e grande rede fluvial naveável, mas especialmente com sua população enérgica e laboriosa, ao lado da qual os ingleses não passam de fleumáticos indolentes, a América em menos de uma década criou uma indústria que já concorre com a inglesa em produtos de algodão mais ordinários (o artigo principal da indústria inglesa); com essa mercadoria, está suplantando os ingleses nos mercados da América do Norte e do Sul e já comercia, ao lado daqueles, com a China, e o mesmo já ocorre em relação a outros produtos. Se existe um país que dispõe de meios para assumir o monopólio industrial, esse país é a América. Se a indústria inglesa for ultrapassada – o que necessariamente ocorrerá nos próximos vinte anos, se perdurarem as atuais condições sociais –, a maioria do proletariado inglês tornar-se-á definitivamente “supérflua” e não terá mais alternativas que morrer de fome ou fazer a revolução. (ENGELS, 2007, p325)

Isso quer dizer: a Revolução Industrial da Inglaterra desencadeou um processo de mudanças extremamente significativas no modo de produção da vida material e,

²⁷ O termo espirituais aqui sendo usado referindo-se ao ânimo da população. Como eles se sentem, como eles se vêm, quais necessidades e perspectivas têm de mudanças.

consequentemente, no modo de vida das pessoas no mundo todo. Em uma passagem de *A Ideologia Alemã*, Marx e Engels descrevem o processo:

Não há dúvidas de que a grande indústria não alcança o mesmo nível de desenvolvimento²⁸ em todas as localidades de um mesmo país. Isso, todavia, não detém o movimento de classe do proletariado, já que os proletários criados pela grande indústria colocam-se à frente desse movimento e arrastam consigo toda a massa, e já que os trabalhadores excluídos da grande indústria são jogados por esta última numa situação ainda pior do que a dos trabalhadores da própria grande indústria. Da mesma forma, os países nos quais está desenvolvida uma grande indústria atuam sobre os países *plus ou moins*²⁹ não industrializados, na medida em que estes são impulsionados pelo comércio mundial à luta universal da concorrência. (MARX e ENGELS, 2007, p61)

Independentemente das possibilidades materiais de superação da Inglaterra, enquanto nação economicamente hegemônica, postas entre 1841 e 1895, enquanto Marx e Engels escreviam suas obras, o país a ser observado era a Inglaterra. Por se tratar de uma obra escrita em uma época na qual a sociologia ainda não havia se separado da filosofia enquanto uma ciência independente, a obra de Engels possui grandes trechos descritivos e de simples registro da situação socioeconômica das pessoas observadas, porém, como Engels teve uma formação filosófica privilegiada, ele foi capaz de analisar as implicações filosóficas que se originavam daquela condição material de vida.

Uma das primeiras implicações filosóficas que Engels encontra no modo de vida do operariado inglês é o quanto as mudanças na produção foram transformadoras em todas as áreas das vidas das pessoas em toda a sociedade, não somente do operariado. Na verdade, as transformações na produção conduziram a transformações em vários níveis da sociedade, em suas relações jurídicas, políticas e até mesmo familiares. O estudar mais a fundo a relação da transformação da produção e as mudanças sociais levou Engels a publicar em 1884 *A Origem da Família da Propriedade e do Estado*.

Anteriormente havia na Inglaterra três tipos de utilização da terra, as terras dos senhores feudais à qual os servos estavam ligados pela corvéia, as pequenas propriedades familiares e as terras comuns, geralmente pastagens, mas que pessoas pobres podiam cultivar.

²⁸ em todos os países e nem. (S. M.) NOTA DA EDIÇÃO

²⁹ Mais ou menos

A Revolução Industrial³⁰ que começou com o tear mecânico para produzir lã e algodão, aumentou a demanda por essas matérias primas, o que levou a uma mudança na forma de propriedade rural, dado que a antiga terra comum aos senhores e servos foi extinta pela Lei dos Cercamentos de Terras³¹. Afinal “O cultivo das terras comunais era uma especulação muito arriscada para, depois da paz, atrair os muitos capitais que seriam necessários.” (ENGELS, 2007, p295), os industriais não poderiam confiar que a produção de matérias primas nas terras comuns iria conseguir suprir a crescente demanda da nova indústria. Em um primeiro momento a mudança foi apenas na forma de uso da propriedade rural, mas quanto mais a produção na indústria aumentava, mais a produção rural precisava aumentar, o que levou à criação dos latifúndios, pois nem a propriedade comum, nem as pequenas propriedades familiares conseguiram suprir as demandas da indústria.

Marx e Engels em *A Ideologia Alemã* esclarecem como a tecelagem foi a primeira manufatura, o mais importante ramo da indústria e, consequentemente, da produção da vida material durante um tempo e a razão dessa importância está no fato que das três necessidades dos homens³² e, dadas as condições materiais da época, a vestimenta era a única que poderia ser industrializada. E depois da industrialização da tecelagem se desencadeou um processo de mudanças em todos os outros ramos da vida dos homens. Como vemos na citação abaixo:

A tecelagem foi a primeira e permaneceu sendo a manufatura mais importante. A procura aumentada de tecidos para roupas em consequência do aumento da população, a acumulação que se iniciava e a mobilização do capital natural por meio da circulação acelerada, a necessidade de luxo que daí resultava e era favorecida pela extensão progressiva do intercâmbio deram à tecelagem, quantitativa e qualitativamente, um impulso que a arrancou da forma de produção anterior. Junto aos camponeses, que teciam para seu próprio uso, e que continuaram a existir e existem ainda hoje, surgiu uma nova classe de tecelões nas cidades, cujos tecidos eram destinados a todo o mercado interno e, muitas vezes, também aos mercados externos. (MARX e ENGELS, 2007, p56)

³⁰ Estamos falando ainda da Primeira Revolução Industrial, que tem seus processos e máquinas se desenvolvendo entre 1760 e 1820. Nessa obra Engels não aborda a Segunda Revolução Industrial, pois esta terá seus processos e máquinas se desenvolvendo principalmente entre 1850 e 1870, mas progredindo até 1945-1950, quando tem início a Terceira Revolução Industrial, ou Revolução Digital.

³¹ Inclosure Acts

³²Mas, para viver, precisa-se, antes de tudo, de comida, bebida, moradia, vestimenta e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades (Marx e Engels, 2007, p33)

A mudança no tipo de propriedade rural desencadeou um processo de êxodo rural, pois o aumento da produção de tecidos, a produção de velos e de algodão no campo, precisou ser feita de modo mais racional para aumentar a produção. Essa racionalização diminuiu a quantidade de mão-de-obra necessária por espaço de terra, assim sendo necessários menos trabalhadores no campo.

Isso fez as pessoas migrarem do campo para as cidades, a saída do campo implica que as pessoas não vão poder mais produzir as coisas necessárias à sua subsistência, o que implica precisar de algum tipo de renda para poder comprar as coisas necessárias à sua subsistência, ou seja, vão precisar se tornar assalariados para sobreviver, o que aumenta a disponibilidade de mão-de-obra para a indústria. Com mais mão-de-obra disponível, diminuem os salários. Mas como essas pessoas não podem produzir coisas necessárias à sua subsistência, aumenta o consumo dos produtos industrializados, o que faz a indústria contratar mais pessoas e comprar mais máquinas para aumentar a produção, o que aumenta os salários por um tempo, mas volta a diminuir com o desenvolvimento de novas técnicas e tecnologias.

A compra de máquinas para aumentar a produção leva ao desenvolvimento de novas máquinas, o que movimenta o setor da indústria que produz ferro e carvão. Para além disso, as pessoas que migraram do campo para a cidade vão precisar de um lugar para morar, o que movimenta o setor da construção civil, e alguns burgueses constroem casa, para alugar para os novos operários. As máquinas, anteriormente citadas, assim como as pessoas, vão precisar ser transportadas de um lugar para outro, o que leva a investimentos em infraestrutura como pontes, estradas, ferrovias e portos. O excedente da produção que não é absorvido pelo mercado interno, graças à nova infraestrutura, pode ser exportado. O que fez com que a indústria de outros países tentassem acompanhar a indústria inglesa, levando a esses mesmos processos dentro dos outros países.

A nova forma de produção de itens necessários à existência diminui seu preço, de tal modo que os artesãos urbanos não conseguiram competir com a indústria emergente, o que causou um acúmulo maior de capital em uma parte da população que já tinha capitais acumulados. O novo acúmulo de capitais, gerado nesse processo, passou a dificultar e, até mesmo impedir, a ascensão social por parte de artesãos e comerciantes, categoria que o filósofo denomina classe média. Engels faz uma exposição detalhada de todo esse processo de desenvolvimento de forças produtivas que ele resume na passagem abaixo:

Já observamos que o proletariado nasce com a introdução das máquinas. A veloz expansão da indústria determinou a demanda de mais braços; os salários aumentaram e, em consequência, batalhões de trabalhadores das regiões agrícolas emigraram para as cidades [...] Surgiram assim as grandes cidades industriais e comerciais do Império Britânico, onde pelo menos três quartos da população fazem parte da classe operária e cuja pequena burguesia se constitui de comerciantes e de pouquíssimos artesãos. Adquirindo importância ao converter instrumentos em máquinas e oficinas em fábricas, a nova indústria transformou a classe média trabalhadora em proletariado e os grandes negociantes em industriais; assim como a pequena classe média foi eliminada e a população foi reduzida à contraposição entre operários e capitalistas, o mesmo ocorreu fora do setor industrial em sentido estrito, no artesanato e no comércio: aos antigos mestres e companheiros sucederam os grandes capitalistas e operários, os quais não têm perspectivas de se elevarem acima de sua classe; o artesanato industrializou-se, a divisão do trabalho foi introduzida rigidamente e os pequenos artesãos que não podiam concorrer com os grandes estabelecimentos industriais foram lançados às fileiras da classe dos proletários. Ao mesmo tempo, com a supressão do antigo artesanato e com o aniquilamento da pequena burguesia, desapareceu para o operário qualquer possibilidade de tornar-se burguês. Até então, sempre lhe restava a chance de instalar-se em algum lugar como mestre artesão e talvez contratar companheiros; agora, com os mestres suplantados pelos industriais, com a necessidade de grandes capitais para tocar qualquer iniciativa autônoma, o proletariado tornou-se uma classe real e estável da população, enquanto antes não era muitas vezes mais que um estágio de transição para a burguesia. Agora, quem quer que nasça operário não tem outra alternativa senão a de viver como proletário ao longo de sua existência. (ENGELS, 2007, p59-60)

Mas o autor, para além de descrever o processo, apreende as implicações intrínsecas e não óbvias das transformações promovidas pela revolução industrial. Logo no começo da obra ele afirma somente: “A história da classe operária na Inglaterra inicia-se na segunda metade do século passado, com a invenção da máquina a vapor e das máquinas destinadas a processar o algodão” (ENGELS, 2007, p45), mas já dá indicações que essa obra vai aprofundar a análise. No mesmo parágrafo “Tais invenções, como se sabe, desencadearam uma revolução industrial que, simultaneamente, transformou a sociedade burguesa em seu conjunto – revolução cujo significado histórico só agora começa a ser reconhecido.” (ENGELS, 2007, idem). É aqui que Engels rompe com o idealismo. São as condições materiais da realidade sensível que determinam a vida dos homens reais.

Assim, *A Situação da classe Trabalhadora na Inglaterra* é a primeira obra publicada na qual surgem os primeiros apontamentos de que a produção da vida material determina a vida intelectual, espiritual e social dos homens. Ideias que Engels desenvolverá mais adiante com Marx em *A Ideologia Alemã* e no *Manifesto do Partido Comunista*.

O filósofo observou que operários fabris, mineiros e trabalhadores do campo, em comum, eram famintos, maltrapilhos, doentes, com doenças oriundas tanto das condições habitacionais quanto as de trabalho e percebe que as condições de vida do operariado são uma determinação do mundo burguês, especialmente nas grandes cidades, como Manchester, onde ele observa:

Essa é uma descrição dos diversos bairros operários de Manchester, tais como os observei durante vinte meses. Resumindo o resultado de nosso percurso através deles, diremos que 350 mil operários de Manchester e arredores vivem quase todos em habitações miseráveis, úmidas e sujas; que a maioria das ruas pelas quais têm de passar se encontra num estado deplorável; extremamente sujas, essas vias foram abertas sem qualquer cuidado com a ventilação, sendo a única preocupação o máximo lucro para o construtor. Em síntese, nas moradias operárias de Manchester não há limpeza nem conforto e, portanto, não há vida familiar possível; só podem sentir-se à vontade nessas habitações indivíduos desumanizados, degradados, fisicamente doentios e intelectual e moralmente reduzidos à bestialidade. (ENGELS, 2007, p104-105)

Acerca disso podemos ver que a burguesia determina a posição dos operários não apenas na organização social, mas sua posição geográfica nas cidades, e como a burguesia fez isso? Isso não é algo planejado em reuniões secretas onde os burgueses arquitetam como sair no lucro e prejudicar os operários (isso eles fazem, escancaradamente, no legislativo, financiando campanhas de candidatos que são favoráveis, ou que se candidatam para aprovar leis que lhes favoreçam e/ou impedir que aprovem leis que favoreçam os operários). Marx sintetiza bem esse fenômeno na seguinte passagem do *Manuscritos Econômicos-Filosóficos*:

O capital é, portanto, o *poder de governo* (*Regierungsgewalt*) sobre o trabalho e seus produtos. O capitalista possui esse poder, não por causa de suas qualidades pessoais ou humanas, mas na medida em que é *proprietário* do capital. O poder de *comprar* (*kaufende Gewalt*) do seu capital, a que nada pode se opor, é o seu poder. (MARX, 2018, p40)

Apenas com seu poder econômico eles conseguem determinar onde os operários vão morar, ou, nas palavras de Engels: “E, no entanto, em Manchester, a urbanização, menos ainda que em qualquer outra cidade, não resultou de um planejamento ou de ordenações policiais: operou-se segundo o acaso”. (ENGELS, 2007, p90)

A burguesia tem dinheiro e com isso pode decidir aonde vai se instalar, relegando à classe média, baixa e miserável as áreas as quais a burguesia não tem interesse. Assim,

conforme seu poder aquisitivo, as pessoas vão ocupando os melhores lugares nas cidades, relegando aos recém chegados, expulsos do campo, charcos, margens de rios que alagam nas épocas de cheia, ou mesmo, sob a alegação de que será melhor para o operário morar perto do seu local de trabalho, locais muito próximos à indústrias que funcionam ininterruptamente fazendo muito barulho e emitindo poluentes, o que prejudica os pulmões dos operários e atrapalha as poucas horas de descanso às quais eles têm acesso. Engels nos dá um exemplo da época:

Essa parte de Manchester, a leste e a nordeste, é a única na qual a burguesia deixou de instalar-se, e por uma razão de monta: o vento dominante, que, por dez ou onze meses do ano, vem do oeste ou do sudoeste, esparze sobre ela a fumaça de todas as fábricas. Essa fumaça, que sejam os operários os únicos a respirá-la (ENGELS, 2007, p101)

O modo de produção capitalista impunha-se cada dia mais, e os preços proibitivos por ele calculados começam a impor-se determinando a sociedade. Isso sem que os operários pudessem resistir, pois têm que usar grande parte do seu pagamento no aluguel de lugares insalubres que muitas vezes pertenciam aos proprietários das indústrias. Como explica Engels:

As grandes cidades são habitadas principalmente por operários, já que, na melhor das hipóteses, há um burguês para dois, muitas vezes três e, em alguns lugares, quatro operários; esses operários nada possuem e vivem de seu salário, que, na maioria dos casos, garante apenas a sobrevivência cotidiana. [...] Por regra geral, as casas dos operários estão mal localizadas, são mal construídas, mal conservadas, mal arejadas, úmidas e insalubres; seus habitantes são confinados num espaço mínimo e, na maior parte dos casos, num único cômodo vive uma família inteira; o interior das casas é miserável: chega--se mesmo à ausência total dos móveis mais indispensáveis. O vestuário dos operários também é, por regra geral, muitíssimo pobre e, para uma grande maioria, as peças estão esfarrapadas. A comida é frequentemente ruim, muitas vezes imprópria, em muitos casos – pelo menos em certos períodos – insuficiente e, no limite, há mortes por fome. [...]. E essa escala não se compõe de categorias fixas, que nos permitiriam dizer que esta fração da classe operária vive bem, aquela mal, enquanto as coisas permanecem como estão; ao contrário: se, no conjunto, alguns setores específicos gozam de vantagens sobre outros, a situação dos operários no interior de cada segmento é tão instável que qualquer trabalhador pode ter de percorrer todos os degraus da escala, do modesto conforto à privação extrema, com o risco da morte pela fome – de resto, quase todos os operários ingleses têm algo a dizer sobre notáveis mudanças do acaso. (ENGELS, 2007, p115-116)

Como vimos, não é apenas a moradia determinada pela indústria, também são determinadas pela produção da vida material a alimentação e as vestimentas, e justamente por serem operários da indústria têxtil os mais observados pelo autor, eles sabiam do valor e da qualidade dos produtos que fabricavam, e pelo valor que recebiam por seu trabalho, era determinado que eles iriam comprar os produtos de menor qualidade. Desde já o modo de produção capitalista impede que o operariado tenha acesso àquilo que ele produz. Como afirma Engels:

As roupas da esmagadora maioria dos operários estão em péssimas condições, os tecidos empregados em sua confecção são os menos apropriados e o linho e a lã quase desapareceram do vestuário de homens e de mulheres, substituídos pelo algodão; as camisas são de algodão branco ou colorido e as roupas femininas são de chita estampada; nos varais, raramente se veem secar roupas interiores de lã. Em sua maior parte, os homens usam calças de fustão ou de qualquer outro tecido grosso de algodão e casacos e paletós do mesmo pano. Os paletós de fustão (*fustian*) tornaram-se o traje típico dos operários, estes os chamam de *fustian-jackets*, mesma denominação utilizada por eles para se referirem a si mesmos em oposição aos cavalheiros que se vestem com lã (*broad-cloth*), expressão também empregada para designar a classe média. (ENGEL, 2007, p108)

Os burgueses da época não aceitavam muito bem ter que deixar dinheiro com os operários para pagá-los pelo trabalho executado, deste modo, outra estratégia utilizada pelos proprietários para recuperar parte do dinheiro pago aos operários, além de construir as moradias para alugar aos trabalhadores, foi adquirir armazéns e mercearias nos chamados bairros operários, com isso passaram a descontar do pagamento dos trabalhadores o que eles haviam comprado a crédito durante o mês.

Esses armazéns muitas vezes vendiam os produtos a um preço maior do que a média dos armazéns da cidade, mas os industriais forçavam os operários a comprar lá de dois jeitos: primeiro facilitando o crédito dos operários que trabalhavam para eles e segundo, ao invés de pagar os operários em espécie pagando-os com vale-compras que só poderiam ser usados nos próprios armazéns dos industriais, o que levou os operários, em seus primeiros movimentos, a exigirem que fosse registrado em lei que o pagamento deveria ser feito em dinheiro.

Mas isso não bastou para que os operários pudessem nutrir-se melhor e melhorasse sua saúde, pois, para além do salário de fome e os preços proibitivos praticados nos armazéns da classe média e da burguesia, a jornada de trabalho de doze a dezesseis horas diárias,

dependendo do setor da indústria, impediam que o operário conseguisse ter acesso à comida em quantidade suficiente. Engels explica:

O que é verdade para o vestuário, é-o também para a alimentação. Aos trabalhadores resta o que repugna à classe proprietária. Nas grandes cidades da Inglaterra, pode-se ter de tudo e da melhor qualidade, mas a preços proibitivos e o operário, que deve sobreviver com poucos recursos, não pode pagá-los. Ademais, o operário, na maior parte dos casos, recebe seu salário somente no sábado à tarde (alguns pagamentos começaram a ser feitos na sexta-feira à noite, mas esse sistema ainda não está generalizado) e, por isso, só vai ao mercado no final do sábado, por volta das quatro, cinco e até sete horas, quando o que havia de bom já foi comprado pela classe média. Pela manhã, o mercado transborda de coisas boas; mas quando chega o operário, esses produtos já acabaram – e ainda que lá estivessem, ele muito provavelmente não poderia comprá-los. (ENGELS 2007 p109-110)

Tendo em vista a época em que a obra foi escrita devemos lembrar que ainda não havia um sistema de ensino universalizado e popular. A educação se dava em instituições privadas ligadas às igrejas. Na verdade não houve preocupação alguma com a instrução do operariado enquanto isso não se tornou uma necessidade da indústria, nas palavras do autor: “Na medida em que a burguesia só lhes concede o mínimo vital indispensável, comprehende-se que no plano cultural só lhes propicie aquilo que atenda aos seus interesses burgueses – o que, na verdade, não é muito”. (ENGELS, 2007, p149), e nas escolas ligadas às igrejas há muito mais interesse em conseguir fiéis e doutrinar moralmente os operários do que em dar-lhes uma boa formação. Soma-se a isso o fato que a educação promovida pelas igrejas, com sua inclinação à uma educação moral, favorecia a indústria ao fazer os operários pouparem sua energia sexual, o que foi um dos fatores que levou o operariado a pedir que o Estado fornecesse uma educação universal e laica, como vemos na passagem abaixo:

Igreja anglicana criou suas *National Schools* [escolas nacionais] e cada seita mantém escolas próprias, com o único objetivo de conservar em seu seio os filhos de seus fiéis e, se possível, arrebatar de suas concorrentes, aqui e ali, uma pobre alma infantil. Por isso, a religião, e justamente o aspecto mais estéril da religião, a polêmica, torna-se o centro da instrução, saturando-se o espírito das crianças com dogmas incompreensíveis e filigranas teológicas; precocemente, a criança é estimulada ao ódio sectário e ao fanatismo – enquanto toda a instrução racional, intelectual e moral é negligenciada de forma vergonhosa. Repetidamente, os operários exigiram do Parlamento uma instrução pública inteiramente laica, deixando a religião aos cuidados dos clérigos das várias seitas (ENGELS, 2007, p151)

A burguesia, por outro lado, esforçava-se para que os operários e seus filhos fossem educados somente na medida em que essa educação contribuísse com seu trabalho na indústria, ou seja, aprender a ler, contar, as quatro operações fundamentais da matemática. Escrever não era algo tão necessário ao operário, segundo os industriais. Se soubesse receber as ordens por escrito e assinar o próprio nome já era suficiente. Isto se explica por que, como afirma Marx na passagem abaixo, o proletário não é visto como um ser humano pelo patrão.

É evidente por si que a economia nacional considere apenas como *trabalhador* o *proletário*, isto é, aquele que sem capital e sem a renda da terra, vive puramente do trabalho e de um trabalho unilateral, abstrato. Ela pode, por isso, estabelecer a proposição de que ele, tal como todo cavalo, tem de receber o suficiente para poder trabalhar. Ela não o considera como homem no seu tempo livre-de-trabalho (*arbeitslose Zeit*), mas deixa, antes, essa consideração para a justiça criminal, os médicos, a religião, as tabelas de estatísticas, a política e o curador da miséria social (*Bettelvogt*). (MARX, 2018, p30)

Assim: mal abrigados, subnutridos, deseducados, desprotegidos, doentes e afastados do campo onde nasceram, os operários foram submetidos pelos industriais. Mas como a burguesia conseguiu submeter e desumanizar os operários? Foi pela concorrência. Incutindo em toda sociedade o sentimento que a guerra de todos contra todos é o estado natural do homem, conduzindo-os à crença de que eles só conseguiram sobreviver se prejudicassem a outrem. Somente pelo estímulo à concorrência que os burgueses puderam exercer tamanho domínio sobre os operários, divulgando a ideia de que cada operário deveria preocupar-se apenas com a própria família, que já passava dificuldades, dificuldades estas impostas pela própria burguesia.

Conforme estabelecemos, é a classe dominante, que por deter os meios de produção da vida material consegue determinar a vida espiritual dos homens, é assim que ela consegue a adesão dos homens à sua ideologia e faz com que cada homem veja todos os outros homens como competidores. Essa visão desumaniza os homens que são objetificados, uns pelos outros. Como explica Marx na passagem do *Manuscritos Econômicos-Filosóficos*:

A elevação do salário desperta no trabalhador a obsessão do enriquecimento [típica] do capitalista, que, contudo, ele apenas pode satisfazer mediante o sacrifício do seu espírito (*Geist*) e de seu corpo. A elevação do salário pressupõe o acúmulo de capital, e conduz a ele. Torna, portanto, o produto do trabalho cada vez mais estranho perante o trabalhador. De igual modo, a divisão do trabalho torna-o cada vez mais unilateral e dependente, assim como acarreta a concorrência não só dos homens, mas também entre

máquinas. Posto que o trabalhador baixou à [condição de] máquina, a máquina pode enfrentá-lo como concorrente. Finalmente, tal como o acúmulo de capital aumenta a quantidade da indústria e, portanto, de trabalhadores, essa mesma quantidade de indústria traz, através dessa acumulação (*Accumulation*), uma *grande quantidade de obras malfeitas (Machwerk)* que se torna sobreprodução (*Überproduktion*), e acaba: ou por colocar fora [da esfera] do trabalho uma grande parte dos trabalhadores, ou por reduzir o seu salário ao mais miserável mínimo. (MARX, 2018, p27)

Nesse estímulo à concorrência que estava sendo feito era como se o burguês dissesse a cada trabalhador que se o trabalhador não aceitasse o contrato que o burguês oferece e trabalhasse para o burguês por 12, 14, 16 horas por dia, outra pessoa iria, e se outra pessoa aceitasse o trabalhador não iria ter como sustentar sua família. Mas outra pessoa iria, e para o burguês não faz diferença quem trabalha pra ele desde que quem o faz aceite as condições impostas no contrato. Querendo sobreviver e salvar suas famílias da fome, os operários aceitavam contratos abusivos e condições de trabalhos desumanas. A abusividade nos contratos consistia em: descontos no salário que não eram proporcionais às faltas dos operários, e as condições desumanas se referem às horas de trabalho 16, 15, e 14 horas de trabalho ininterruptas por dia, sem parar para almoço, jantar ou descanso de qualquer espécie.

Ao aceitar o contrato do burguês o trabalhador entra em um ciclo de reprodução da vida material que lhe é externo, pois, enquanto os trabalhadores produzem a vida material dentro das indústrias da burguesia, esses trabalhadores não têm acesso à esses produtos, pois seus salários não lhes permitem que tenham acesso, mas, mais do que a falta de acesso, isso gera uma contradição: quanto mais os trabalhadores produzem riqueza, menos acesso a essa riqueza eles têm.

E para sobreviver, mais e mais esses trabalhadores aceitam contratos cada vez piores, o que aumenta a miséria na sociedade gerando duas crises, uma de sobreprodução, pois a sociedade miserável não consegue consumir o que é produzido, seguida de uma crise de miséria. Como Marx sintetiza na passagem abaixo

Enquanto, segundo o economista nacional, o trabalho é unicamente preço constante das coisas, nada é mais accidental, nada está exposto a maiores flutuações do que o preço do trabalho.

Enquanto a divisão do trabalho eleva a força produtiva do trabalho, a riqueza e o aprimoramento da sociedade, ela empobrece o trabalhador até a [condição de] máquina. Enquanto trabalho suscita o acúmulo de capitais, e, com isso, o progressivo bem-estar da sociedade, a divisão do trabalho

mantém o trabalhador sempre mais dependente do capitalista, leva-o a uma maior concorrência, impele-o à caça da sobreprodução, que é seguida por uma correspondente queda de intensidade. (MARX, 2018, p29)

Mas à burguesia pouco importa a miséria, nesse ínterim, aos seus olhos, os trabalhadores já foram desumanizados e o que importa à burguesia é que haja mão-de-obra sobressalente para continuar produzindo. Como explica o trecho que segue:

A guerra industrial, para ser conduzida com efeito, exige numerosos exércitos que ela possa no mesmo ponto e dizimar abundantemente. E nem por dedicação, nem por dever, os soldados desse exército suportam os esforços que lhes são exigidos: só para fugir da dura necessidade da fome. Eles não têm afeto, nem reconhecimento pelos seus chefes; estes não se ligam aos seus subordinados por nenhum sentimento de benevolência; eles não os conhecem como seres humanos, mas apenas como instrumentos de produção, os quais têm de render tanto quanto possível e fazer tão poucas despesas quanto possível. Estas multidões de trabalhadores, cada vez mais pressionadas, não têm nem mesmo a preocupação de estarem para sempre empregadas. A indústria que os招ocou a todos, somente os deixa viver enquanto precisa deles, e assim que pode libertar-se deles, ela os abandona sem a mínima hesitação; e os trabalhadores são forçados a ofertar sua pessoa e sua força pelo preço que se lhes quiser atribuir. Quanto mais o trabalho que se lhes dá longo, penoso, repugnante, tanto menos eles são pagos; veem-se alguns que, com 16 horas de trabalho diário, sob esforço contínuo, mal compram o direito de não morrer. (BURET, 1839. apud MARX, 2018, p37-38)

Nesse processo de objetificação há a valorização do mundo das coisas e a desvalorização do mundo dos homens, os homens vêm-se como coisas, ou como meios para um fim e vêm as coisas como suas iguais. Assim o burguês vê o operário como alguém que vai gerar riqueza para ele e o operário vê o burguês como alguém para lhe pagar um salário. Trabalhador e trabalho tornam-se mercadorias, nas palavras de Marx:

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e estensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a *valorização* do mundo das coisas (*Sachenwelt*), aumenta em proporção direta a *desvalorização* do mundo dos homens (*Menschenwelt*). O trabalho produz não somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma *mercadoria*, isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral. (MARX, 2018, p80)

E ele segue:

Esse fato nada mais exprime, senão: o objeto (*Gegenstand*) que o trabalho produz, o seu produto, se lhe defronta como um *ser estranho*; como um poder *independente* do produtor. O produto do trabalho é o trabalho que se fixou em um objeto, fez-se coisal (*sachlich*) é a objetivação (*Vergegenständlichung*) do trabalho. A efetivação (*Verwirklichung*) do trabalho é a sua objetivação. Esta efetivação do trabalho aparece ao estado nacional-econômico como a *deselefetivação* (*Entwirklichung*) do trabalhador, a objetivação como *perda do objeto e servidão ao objeto*, a apropriação como *estranhamento* (*Entfremdung*) como *alienação* (*Entäusserung*). (MARX, 2018, p80)

Ou seja: o trabalhador não ter posse sobre aquilo que produz faz do trabalhador servo da produção e dos objetos da produção, e isso só aparece num sentido econômico ao qual o trabalhador não tem acesso, e estando o trabalhador externo à reprodução da vida material essa reprodução perde seu valor para o trabalhador, o trabalhador só quer continuar vivo.

Assim, somente por medo da morte o operário se opõe ao operário competindo por uma vaga num emprego sub-humano. É a partir da percepção dessa situação, e para lutar contra ela, que começa a surgir a consciência de classe e o desejo de união entre os trabalhadores. Como explica Engels:

A concorrência é a expressão mais completa da guerra de todos contra todos que impera na moderna sociedade burguesa. Essa guerra, uma guerra pela vida, pela existência, por tudo e que, em caso de necessidade, pode ser uma guerra de morte, não se trava apenas entre as diferentes classes da sociedade, mas também entre os diferentes membros dessas classes: cada um constitui um obstáculo para o outro e, por isso, todos procuram eliminar quem quer que se lhes cruze o caminho e tente disputar seu lugar. Os operários concorrem entre si tal como os burgueses. O tecelão que opera um tear mecânico concorre com o tecelão manual; o tecelão manual desempregado ou mal pago concorre com aquele que está empregado ou é mais bem pago e procura substituí-lo. Essa concorrência entre os trabalhadores, no entanto, é o que existe de pior nas atuais condições de vida do proletariado: constitui a arma mais eficiente da burguesia em sua luta contra ele. Daí os esforços do proletariado para suprimir tal concorrência por meio da associação e daí o furor da burguesia contra essas associações e seu grande júbilo a cada derrota que consegue impor-lhes.(ENGELS, 2007, p117-118)

Tão grave era a situação dos operários que mesmo com toda essa desumanização promovida pela sua condição de vida, eles, ainda assim, atomizados, percebem a injustiça à qual estão sujeitos e unem-se em organizações para lutar juntos contra as injustiças e por melhores condições de trabalho e de vida.

Entretanto, essa não é a primeira forma de revolta contra a sua situação social. A primeira forma de revolta é o crime, a pessoa percebendo o abismo social imposto pela burguesia e tendo ainda incutida a ideia de concorrência de todos contra todos, perde o respeito pela propriedade e pela organização social. Como explica Engels na citação abaixo.

A primeira forma, a mais brutal e estéril, que essa revolta assumiu foi o crime. O operário, vivendo na miséria e na indigência, via que os outros desfrutavam de existência melhor. Não podia compreender racionalmente porque precisamente ele, fazendo pela sociedade o que não faziam os ricos ociosos, tinha de suportar condições tão horríveis. E logo a miséria prevaleceu sobre o respeito inato pela propriedade: começou a roubar. Já vimos que o aumento da delinquência acompanhou a expansão da indústria e que, a cada ano, há uma relação direta entre o número de prisões e o de fardos de algodão consumidos (ENGELS, 2007, p248)

Por ser um texto de juventude, e o método materialista histórico ainda não ter sido plenamente desenvolvido, ainda vemos o filósofo usar o termo ‘inato’, coisa que com o desenvolvimento do método será totalmente descartada.

Neste primeiro momento, esta parcela de marginalizados que, em sua revolta, volta-se para a vida criminosa ainda é muito pequena. Muitos marginalizados põem-se em serviços braçais, como varrer ruas e recolher sucata, porém quando, no progresso técnico promovido, surgem novas máquinas que substituem muitos trabalhadores, o número de marginalizados aumenta muito e gera insegurança em dois sentidos, primeiro pelo aumento da criminalidade, segundo porque não há ruas e sucatas para que todos os marginalizados trabalhem, o que faz com que a média dos salários de algumas profissões diminua e com medo de ficar desempregado o operário aceita a redução do seu salário, o que Engels sintetiza na passagem abaixo:

Os mais oprimidos são aqueles operários obrigados a concorrer com uma nova máquina, cujo emprego está em fase inicial. O preço das mercadorias que eles produzem é regulado pelo preço daquelas produzidas pela máquina, e como esta opera a custos menores, os operários que concorrem com ela são os mais mal pagos. A mesma situação se repete com os operários que trabalham com máquinas antigas postas em concorrência com máquinas novas e aperfeiçoadas. É compreensível: quem, senão os operários, deve sofrer com as consequências? O industrial não quer pôr sua velha máquina de lado, não quer nenhum ônus; se nada pode contra a máquina morta, pode tudo contra o operário vivo, esse bode expiatório universal da sociedade. (ENGELS, 2007, p178)

O segundo momento da revolta social, após perceber a improdutividade do crime, se dá ainda em forma de desrespeito à propriedade, sendo expresso na forma de uma revolta contra as máquinas e às novas tecnologias, estas foram muitas, mas o autor descreve as três principais. O luddismo, que consistia em invadir as fábricas e quebrar as máquinas para parar a produção e forçar o industrial a contratar os operários, o que não deu certo, pois os industriais podiam comprar novas máquinas. O Swing, movimento no qual trabalhadores do campo desempregados punham fogo em plantações feitas em latifúndios contra a mecanização do campo e contra os latifúndios em si. E os motins Rebecca, os mais violentos; nesses motins, operários vestidos de mulher e com o rosto pintado de preto, organizados em bandos armados, assaltavam locais de cobrança de impostos, demoliam postos alfandegários e realizaram sequestros, e nesses atos deixavam uma carta justificando suas ações que era assinada por Rebecca, daí o nome do motim. Chegaram a publicar um manifesto.

Esse tipo de revolta levou a uma forte repressão por parte dos burgueses e da polícia contra qualquer movimento de manifestação dos trabalhadores, o que fez com que os burgueses, tendo maioria na Casa dos Comuns, passassem leis proibindo que os trabalhadores se organizassem em associações. Porém a reação dos trabalhadores foi organizarem-se em associações clandestinamente, mas sem atos de violência, exigindo direitos e melhorias nas condições de trabalho e de vida.

2.2 – A Consciência de Classe do Proletariado e o Surgimento dos Movimentos Operários

De movimentos revoltosos criminosos promovidos por ex-operários marginalizados à organização política e exigência por direitos e representatividade no parlamento, há um abismo, e para ultrapassá-lo o operariado deu um salto que só poderia acontecer com o desenvolvimento da consciência de classe. Na verdade, a parte mais revoltosa do operariado põe muito medo na burguesia, é isso que a leva a tentar impedir que os trabalhadores se reúnam em associações e criminalizem essas associações, que chegaram a ser proibidas e ficaram proibidas até 1824. Mas é essa repressão, que ao atingir a parte não revoltosa, leva os trabalhadores a organizarem-se cada vez mais. Assim a pauta do movimento operário passa a ser outra: a luta pela livre associação, ou seja: a luta para que a lei permita que qualquer homem possa se associar de qualquer modo que queira.

Assim, apercebendo-se da sua situação enquanto trabalhadores, os operários passam a se unir e lutar juntos. Essa união se dá juntamente com a situação de vida em que eles são postos pela burguesia, nos amontoados urbanos por eles formados, sendo estas uniões a evidência mais concreta do surgimento de uma consciência de classe enquanto um processo social. É uma ilusão pensar que o processo de formação dos homens se dá na escola, na igreja, ou em alguma parte singular que vá determinar tudo que o homem é. A formação do homem se dá na sociedade como um todo, não só na escola ou só na igreja, mas na escola, na igreja, no trabalho, nas relações de produção que presencia, andando pelas ruas, ou seja, nas contradições da produção da vida material. E, assim como o homem é formado na sociedade ele forma a sociedade em que vive, ou, nas palavras de Marx:

Assim como pelo movimento da *propriedade privada* e da sua riqueza, assim como da sua miséria – ou da riqueza e miséria materiais e espirituais – a sociedade que *veio a ser* produz o homem nesta total riqueza da sua essência, o homem *plenamente rico e profundo* enquanto sua permanente efetividade. (MARX, 2018, p110)

Formados dentro dessa sociedade com essas relações produtivas é que os homens buscam melhorar suas condições de vida, por isso, revogada a proibição da livre associação, os trabalhadores passam a se reunir e a chamar mais trabalhadores para as associações, mas ainda com alguma resistência. Nesse processo o trabalhador percebe que sozinho ele não tem força para negociar com o patrão, pois o poder econômico confere aos patrões a estamina necessária para ter mais fôlego que os operários em uma crise econômica ou, em caso de disputa direta, como uma greve, ou um piquete, aguentar por mais tempo. Como explica Marx:

O *salário* é determinado mediante o confronto hostil entre o capitalismo e o trabalhador. A necessidade da vitória do capitalista. O capitalista pode viver mais tempo sem o trabalhador do que este sem aquele. [A] Aliança entre os capitalistas é habitual e produz efeito; [a] dos trabalhadores é proibida e de péssimas consequências para eles. Além disso, o proprietário fundiário e o capitalista podem acrescentar vantagens industriais aos seus rendimentos; [ao passo que] o trabalhador [não pode acrescenta] nem renda da fundiária nem juro do capital (*Capitalinteresse*) ao seu ordenado industrial. Por isso [é] tão grande a concorrência entre os trabalhadores. Portanto, somente para o trabalhador a separação de capital, propriedade de terra e trabalho é uma separação necessária, essencial e perniciosa. O capital e a propriedade fundiária não precisam estacionar nessa abstração, mas o trabalho do trabalhador, sim. (MARX, 2018, p23-24)

Ou seja, além de aguentar mais tempo por ter capital acumulado o burguês ainda pode variar seu investimento e se perde dinheiro com uma greve não deixa de ganhar dinheiro no período, enquanto os operários têm uma opção de cada vez, pois a única coisa que têm para vender é sua força de trabalho. A saída que os operários encontraram para aguentar mais tempo em casos de greves foi associar-se em *trade-unions* (literalmente uniões de troca, mas que em português pode ser traduzido como “sindicato”). Os operários associados às *trade-unions* (sindicalizados)³³ decidiam entre si pontos que afetariam diretamente suas vidas, como horas de trabalho e valores dos salários, para que no momento da negociação, todos pedissem a mesma coisa, assim vencendo a concorrência anteriormente citada, como mostra Engels:

Quando, em 1824, os operários obtiveram o direito à livre associação, essas sociedades rapidamente se expandiram por toda a Inglaterra e tornaram- se fortes. Em todos os ramos de trabalho constituíram-se organizações semelhantes (*trade unions*), com o objetivo declarado de proteger o operário contra a tirania e o descaso da burguesia. Eram suas finalidades fixar o salário, negociar *en masse*, como força, com os patrões, regular os salários em relação aos lucros patronais, aumentá-los no momento propício e mantê-los em todas as partes no mesmo nível para cada ramo de trabalho; por isso, trataram de negociar com os capitalistas uma escala salarial a ser cumprida por todos e recusar empregos oferecidos por aqueles que não a respeitassem. Ademais, outras finalidades eram: manter o nível de procura do trabalho, limitando o emprego de aprendizes e, assim, impedir também a redução dos salários; combater, no limite do possível, os estratagemas patronais utilizados para reduzir salários mediante a utilização de novas máquinas e instrumentos de trabalho etc.; e, enfim, ajudar financeiramente os operários desempregados. (ENGELS, 2007, p250)

O sustento dos trabalhadores pelo sindicato, ou algum tipo de auxílio para que este pudesse resistir por mais tempo em uma greve foi algo que se perdeu com o tempo, mas permanecem com os sindicatos outras funções, entre elas formar trabalhadores para a categoria, para além disso uma função importantíssima dos sindicatos é o auxílio jurídico nos casos de disputas judiciais entre trabalhadores e patrões, na verdade, isso foi muito usado, como afirma Engels:

Os operários do Northumberland e do Durham deram vida a um movimento de tal intensidade que se colocaram à frente de uma associação de mineiros de todo o reino e designaram como seu “procurador-geral” um cartista que já se distinguira em processos anteriores, o advogado W. P. Roberts, de Bristol.

³³ Hoje o termo usado é *unionized*

A *Union* [União³⁴] que criaram logo se estendeu a todos os distritos, em todas as partes se designaram delegados que organizaram assembleias e recrutaram novos membros; assim, na primeira conferência de delegados realizada em Manchester, em janeiro de 1844, estavam representados mais de 60 mil mineiros e, na segunda, levada a cabo em Glasgow, seis meses depois, os representados chegavam a mais de 100 mil. Essas conferências discutiram todas as questões atinentes aos mineiros e tomaram-se importantes decisões acerca de greves; na sequência, fundaram-se vários jornais e, destacadamente, a revista mensal *The Miner's Advocate*, em Newcastle-upon-Tyne, para defender os direitos dos mineiros. (ENGEL, 2007, p286)

Como em princípio os sindicatos representam (ainda hoje) categorias dentro da produção e, eventualmente, certas categorias têm melhores condições de vida que outras, houve uma tendência à luta social setorizada, onde cada sindicato lutava e negociava apenas as condições de trabalho pela categoria por ele representada. Porém todos os trabalhadores assalariados estavam permanentemente ameaçados pela competição e pelo risco do iminente desemprego, e por estarem vivendo em condições semelhantes, mesmo que alguns deles em situação melhor, os trabalhadores notam que não é seu tipo de trabalho que os separa dos burgueses, mas o fato de estarem a todo momento ameaçados pelo desemprego e a necessidade de terem de se sujeitar à burguesia vendendo sua força de trabalho³⁵.

Então unem-se em associações cada vez maiores que passam a abranger, primeiro os sindicatos de uma determinada categoria do país (exemplo: o sindicato dos tecelões e Leeds se une ao de Manchester e ao de Londres), depois unem-se os sindicatos de um mesmo ramo da indústria (exemplo: o sindicato dos tecelões se une ao sindicato dos fiadores formando o sindicato dos trabalhadores da indústria têxtil), assim gradativamente até que por fim unem-se todos os sindicatos de todos os ramos da indústria e do comércio (exemplo: a CUT³⁶ no Brasil). Como Marx e Engels expõem no *Manifesto do Partido Comunista*:

No começo, empenham-se na luta operários isolados, mais tarde, operários de uma mesma fábrica, finalmente operários de um mesmo ramo de indústria, de uma mesma localidade, contra o burguês que os explora diretamente. Dirigem os seus ataques não só contra as relações burguesas de produção, mas também contra os instrumentos de produção; destroem as mercadorias estrangeiras que lhes fazem concorrência, quebram as

³⁴ Sindicato

³⁵ Esse pensamento será explicado e sistematizado por Marx no *O Capital*. Não é somente o fato de estarem ameaçados que os separa dos burgueses, mas a função social do seu trabalho.

³⁶ Central Única dos Trabalhadores

máquinas, queimam as fábricas e esforçam-se para reconquistar a posição perdida do trabalhador da Idade Média (MARX e ENGELS, 2017, p47)

Esse é um processo longo e é importante salientar que os sindicatos originais não são desativados. Engels e Marx explicam a lentidão desse processo assim na *Ideologia Alemã*:

A concorrência isola os indivíduos uns dos outros, não apenas os burgueses, mas ainda mais os proletários, apesar de agregá-los. Por isso, transcorre sempre um longo período antes que os indivíduos possam se unir, sem contar que, para essa união – quando não for meramente local –, os meios necessários, as grandes cidades industriais e as comunicações acessíveis e rápidas, têm de primeiro ser produzidos pela grande indústria; e, por isso, todo poder organizado em face desses indivíduos que vivem isolados e em relações que diariamente reproduzem o isolamento só pode ser vencido após longas lutas. (MARX e ENGELS, 2007, p62)

São essas organizações as principais responsáveis pela luta de classes no período. É nelas que os trabalhadores percebem sua importância e, a cada greve, em que são necessárias mudanças nas leis, aprendem que confiar na boa vontade do parlamento não irá trazer as mudanças necessárias. Assim lançam o movimento cartista através da *Carta do Povo* onde deixam claro que o que mais querem é a possibilidade de representarem a si mesmos no parlamento. Engels explica:

Uma vez que os operários não respeitam a lei, mas apenas reconhecem sua força enquanto eles mesmos não dispõem da força para mudá-la, é mais que natural que avancem propostas para modificá-la, é mais que natural que, no lugar da lei burguesa, queiram instaurar uma lei proletária. A proposta do proletariado é a Carta do Povo (*People's Charter*), cuja forma possui um caráter exclusivamente político e exige uma base democrática para a Câmara Alta. O cartismo é a forma condensada da oposição à burguesia. Nas associações e nas greves, a oposição mantinha-se insulada, eram operários ou grupos de operários isolados a combater burgueses isolados; nos poucos casos em que a luta se generalizava, na base dessa generalização estava o cartismo – neste, é toda a classe operária que se insurge contra a burguesia e que ataca, em primeiro lugar, seu poder político, a muralha legal com que ela se protege. (ENGELS, 2007, p261-262)

É assim que o proletariado começa a se posicionar na luta de classes, até então os antagonismos estavam postos somente pela exploração do proletariado e suas condições de vida, por parte dos burgueses e crimes, revoltas e greves por parte dos trabalhadores. Em termos filosóficos, posto por Engels e Marx do seguinte modo:

De toda a exposição anterior resulta que³⁷ a relação coletiva em que entraram os indivíduos de uma classe e que era condicionada por seus interesses comuns diante de um terceiro foi sempre uma coletividade à qual os indivíduos pertenciam apenas como indivíduos médios, somente enquanto viviam nas condições de existência de sua classe; uma relação na qual participavam não como indivíduos, mas como membros de uma classe. Ao contrário, com a coletividade dos proletários revolucionários, que tomam sob seu controle suas condições de existência e as de todos os membros da sociedade, dá-se exatamente o inverso: nela os indivíduos participam como indivíduos. É precisamente essa associação de indivíduos (atendendo, naturalmente, ao pressuposto de que existam as atuais forças produtivas desenvolvidas) que coloca sob seu controle as condições do livre desenvolvimento e do movimento dos indivíduos – condições que, até agora, estavam entregues ao acaso e haviam se autonomizado em relação aos indivíduos singulares justamente por meio de sua separação como indivíduos, por sua união necessária dada com a divisão do trabalho e por meio de sua separação transformada num vínculo que lhes é alheio. (MARX e ENGELS, 2007, p66-67)

A partir da carta do povo passa a haver a luta de classe no campo das ideias. Não que antes não houvesse luta contra a exploração no campo das ideias, havia sim, como vimos no primeiro capítulo, mas esta era feita por intelectuais e burgueses humanistas que se indignavam com a situação dos trabalhadores. *A Carta do Povo*, por outro lado emana do povo, consciente de sua situação e no interesse de mudá-la pelas próprias mãos, sem depender de nenhum outro grupo social. Engels põe deste modo:

O cartismo nasceu do partido *democrático*, partido que nos anos oitenta do século passado desenvolveu-se *com o proletariado e, ao mesmo tempo, no proletariado*. Reforçando-se durante a Revolução Francesa, quando a paz foi restabelecida apresentou-se como partido *radical*, deslocando seus centros de Londres para Birmingham e Manchester. Aliando-se com a burguesia liberal, impôs aos oligarcas do antigo Parlamento o *Reform Bill* e, desde então, vem se consolidando diante da burguesia sempre mais claramente como partido operário. Em 1838, uma comissão da Associação Geral dos Operários de Londres (*London Working Men's Association*), liderada por William Lovett, elaborou a *Carta do Povo*, cujos “seis pontos” são: 1) sufrágio universal para todos os homens maiores, mentalmente sadios e não condenados por crime; 2) renovação anual do Parlamento; 3) remuneração para os parlamentares, para que indivíduos sem recursos possam exercer mandatos; 4) eleições por voto secreto, para evitar a corrupção e a intimidação pela burguesia; 5) colégios eleitorais iguais, para garantir representações equitativas e 6) supressão da exigência (já agora apenas formal) da posse de propriedades fundiárias no valor de trezentas libras como condição para a elegibilidade – isto é, qualquer eleitor pode tornar-se elegível. Esses seis pontos, referidos exclusivamente à Câmara Baixa, são suficientes, por mais anódinos que possam parecer, para fazer ruir a

³⁷ os indivíduos que se libertaram em cada época histórica apenas continuaram a desenvolver as condições de existência que já estavam dadas. (S. M.) NOTA DA EDIÇÃO

Constituição inglesa e, com ela, a rainha e a Câmara Alta. (ENGELS, 2007, p262-263)

Este é um resumo dos pontos da Carta que Engels fez para a publicação, incluindo alguns dados históricos e apontando a importância da carta, em seu texto integral a carta diz:

1. Um voto para cada homem acima dos vinte-e-um anos de idade, de mente sadia, e não estando cumprindo sentença por um crime.
2. O voto secreto, para proteger o eleitor no exercício do seu voto.
3. Não qualificação de propriedade para Membros do Parlamento, para permitir aos eleitores voltarem ao parlamento o homem de sua escolha.
4. Remuneração dos Membros do Parlamento, possibilitando negociantes, trabalhadores, ou outras pessoas de origem modesta a deixar, ou interromper seu meio de vida para atender os interesses da nação.
5. Representação eleitoral igualitária, segurando a mesma quantidade de representação para o mesmo número de eleitores, ao invés de permitir que eleitores menos populoso tenham tantos assentos quanto os mais.
6. Eleição Parlamentar anual, deste modo apresentando uma verificação melhor sobre o suborno e a intimidação, desde que nenhuma bolsa poderia comprar um eleitor a cada doze meses.³⁸ (Wikipédia, 2019)

- ³⁸1. A vote for every man twenty-one years of age, of sound mind, and not undergoing punishment for a crime.
- 2. The secret ballot to protect the elector in the exercise of his vote.
- 3. No property qualification for Members of Parliament in order to allow the constituencies to return the man of their choice.
- 4. Payment of Members, enabling tradesmen, working men, or other persons of modest means to leave or interrupt their livelihood to attend to the interests of the nation.
- 5. Equal constituencies, securing the same amount of representation for the same number of electors, instead of allowing less populous constituencies to have as much or more weight than larger ones.
- 6. Annual Parliamentary elections, thus presenting the most effectual check to bribery and intimidation, since no purse could buy a constituency under a system of universal manhood suffrage in each twelve-month period (Wikipédia, 2019, tradução nossa)

Dentre as muitas fontes pesquisadas a única que trazia uma de maneira clara e objetiva os pontos d'A *Carta do Povo* foi a Wikipédia. Há muitos *fac similes* e versões na internet, mas nenhuma tão clara e não a encontramos nos livros pesquisados na biblioteca.

A luta pela aprovação dos seis pontos da carta foi longa e, mesmo que o cartismo não tenha se concretizado legalmente, os trabalhadores só conseguiram mudanças importantes a partir de 1867 sendo a eleição anual o único ponto da carta que não foi aprovado, mas, filosoficamente falando, a *Carta do Povo* e todos os escritos em torno dela servem para demonstrar que com consciência de classe o proletariado conseguiu se organizar e agir politicamente.

É importante notarmos que algumas estratégias da burguesia permanecem as mesmas. Para conseguir avançar na conquista dos pontos da Carta os trabalhadores em alguns momentos precisaram se aliar à burguesia. Em *A Situação da classe Trabalhadora na Inglaterra* Engels afirma que os burgueses da época pensavam que com a revogação da Lei Sobre os Cereais³⁹ ficariam mais baratas as matérias primas, o que faria com que eles conseguissem contratar mais pessoas para trabalhar e que precisavam da ajuda da população para revogar essa lei, mas o operariado inglês sabia que isso não era tão simples e não foi enganado por essa desinformação. Como diz Engels:

O operário inglês, que lê mal e escreve pior, sabe bem, no entanto, quais são seus interesses e os interesses nacionais, sabe quais são os interesses particulares da burguesia e o que tem a esperar dela. Se não sabe escrever, sabe falar, e falar em público; se não conhece operações aritméticas, sabe o bastante de noções econômicas para refutar e desmascarar um burguês que defende a abolição das leis sobre os cereais; e se, para ele, apesar dos esforços dos clérigos, as questões celestiais permanecem obscuras, estão esclarecidas as questões práticas dos problemas terrenos, políticos e sociais. (ENGELS, 2007, p153)

Marx citando Adam Smith nos *Manuscritos Econômicos-Filosóficos* também demonstra esta estratégia. Ele diz:

As mais importantes operações do trabalho são reguladas e dirigidas segundo os planos e as especulações daqueles que aplicam os capitais; e o objetivo que eles pressupõem em todos estes planos e operações é o *lucro*. Portanto: a taxa de lucro não sobe, como a renda da terra e o salário, com a prosperidade da sociedade, e não cai, como aqueles, com o declínio desta última. Pelo contrário, esta taxa é naturalmente baixa nos países ricos e alta nos países pobres; e nunca é tão alta como nos países que mais rapidamente caminham em direção à ruína. O interesse desta classe não tem, portanto, como as outras duas, a mesma ligação com o interesse geral da sociedade... O interesse particular daqueles que exploram um ramo do comércio ou da manufatura é, em certo sentido, sempre diferente do [interesse] do público, e,

³⁹ Corn Law

frequentemente, até mesmo contraposto a ele de maneira hostil. O interesse do comerciante é sempre ampliar o mercado e limitar a concorrência dos vendedores. ... Essa é uma classe de pessoas cujo interesse jamais será exatamente o mesmo que o da sociedade, [de gente] que têm em geral um interesse, o de enganar e sobrecarregar o público. (SMITH, 1780 apud MARX, 2018, p47)

Smith divide as pessoas na sociedade em três categorias: capitalistas, trabalhadores e arrendatários, como o salário do trabalhador e a renda da terra não têm relação com a taxa de juros, os salários e a renda da terra não variam muito para os trabalhadores nem para os arrendatários, mas quanto menor for a taxa de juros, maiores serão os lucros do capitalista⁴⁰. Assim, competindo com trabalhadores e arrendatários o capitalista precisa convencê-los de que a diminuição da taxa de juros irá favorecer a todos, enganando o público e sobrecarregando-o, mas como afirma, Engels o operário não foi enganado tão facilmente.⁴¹

É interessante observar que caso alguns pontos da *Carta do Povo* fossem propostos hoje, muitos trabalhadores se oporiam fortemente, como, por exemplo, a eleição anual do parlamento. Seria isso uma evidência ou uma consequência da falta de consciência política? Não sabemos ao certo, mas sabermos da existência de uma carta de exigências que foi encaminhada ao parlamento, isso é uma prova da existência da consciência de classe.

Assim vai se manifestando e se desenvolvendo a consciência de classe nos trabalhadores através da observação de sua percepção do mundo, das suas condições de vida, na realidade sensível, primeiro somente percebendo o mundo a sua volta, depois na busca de mudar esse mundo, com articulações e organizações políticas. Primeiro de categorias, posteriormente de classe e, por fim, unindo-se na forma de partidos políticos exigindo direitos e melhorias nas condições de vida e esta união surge para defender e apoiar os trabalhadores na luta de classes.

⁴⁰ A “venda de crédito” que Marx vai estudar n’*O Capital* é favorecida por uma taxa de juros maior, mas as outras atividades capitalistas não.

⁴¹ Esta é a mesma estratégia que está sendo usada hoje no Brasil no que tange a reforma da previdência, tentar convencer o trabalhador que qualquer mudança na legislação que favoreça à burguesia irá favorecer a sociedade como um todo. No Brasil hodierno é ainda mais grave, pois a burguesia tenta convencer o trabalhador de que ele é um custo, um fardo para a produção, e não a peça fundamental que tudo produz, e que aprovada a reforma da previdência o trabalhador vai diminuir seu custo perante o burguês e isso vai favorecer a ambos.

Deste modo, a consciência de classe é algo que se desenvolve no processo histórico contraditório devido às condições materiais e às relações produtivas da época. Entretanto a formação da consciência de classe não é algo que já aconteceu, continua até hoje como aprocesso. O estímulo para que se desperte nos trabalhadores a consciência de classe deve ser constante, o que Marx e Engels afirmam ser uma das funções do partido em o *Manifesto do Partido Comunista* dizendo: “Mas em nenhum momento esse Partido se descuida de despertar nos operários uma consciência clara e nítida do violento antagonismo que existe entre a burguesia e o proletariado” (MARX, ENGELS, 2017, p69). E isto deve ser sempre feito, pois, a burguesia tenta de vários modos inibir o desenvolvimento da consciência de classe e cooptar os trabalhadores para lutar pelas suas pautas, para manter sua hegemonia.

Capítulo 3 - A Organização Política do Proletariado

3.1 – O surgimento da ideologia comunista

Conforme vimos, a consciência de classe, ou seja, perceber-se como parte de uma força produtiva, ao diferenciar-se da consciência geral, percebendo-se também como força hegemônica, rompe com a visão de mundo da classe dominante, cria uma nova visão de mundo, uma nova ideologia. A consciência de classe surge com a burguesia percebendo-se uma força produtiva diferente da nobreza e dos servos entre fim da idade média e o início da idade moderna. No proletariado a consciência de classe surge conforme estes percebem o deterioramento das suas condições de trabalho e que individualmente não têm força para melhorar sua condição de existência, mas enquanto classe têm. Neste capítulo, veremos como a consciência de classe, a consciência comunista, é central para a organização da luta política e como o operariado lançado na luta de classes organiza seus objetivos.

Devido à essa nova visão de mundo que a burguesia adquire, esta assume uma postura ativa na luta de classes. Luta de classes é o processo pelo qual historicamente se estabelece a relação de dominante e dominados entre os homens. Ela surge com a divisão social do trabalho e, como vimos no primeiro capítulo, a divisão social refere-se à função social do trabalho, no modo de produção asiático separando os homens em caçadores e coletores e as mulheres cuidando do local onde residiam. Depois, na idade do bronze, surgiu a classe, ou casta, dos guerreiros para defender as tribos de invasores; com o aumento das tribos e a necessidade de expansão territorial os guerreiros que defendiam as tribos tornam-se invasores. A vida se complexifica e com o modo de produção antigo surgem: escravos, agricultores, pastores, marceneiros, ferreiros, e líderes religiosos. Nesse período desenvolvem-se as Cidades-Estado, com exceção dos escravos, todos os grupos possuem meios de lutar pelos interesses dos grupos. A rigor são apenas seis classes: escravos, servos, trabalhadores livres, militares, a aristocracia e o clero.

Nas Cidades-Estados gregas, na Roma republicana, e em alguns reinos na antiguidade, as categorias dos trabalhadores livres conseguiram articular-se e lutar por representatividade, direitos e justiça, mas essas lutas eram ligadas à condição de trabalho das categorias, buscando mais igualdade entre mineiros, ferreiros, marceneiros, comerciantes em relação a

impostos e circulação de mercadorias, e não há evidências para afirmarmos que essa luta fosse motivada pela consciência de classe.

No feudalismo a dinâmica da produção da vida material muda e surgem as guildas, já nos últimos séculos, para defender os interesses dos artesãos em oposição aos nobres e ao clero⁴². As cidades se tornam muradas por segurança e os comerciantes instalam-se nos arredores das cidades e os artesãos se unem a eles. Por fim, a burguesia muda a produção da vida material simplificando a divisão de classes, reduzindo as funções sociais do trabalho a apenas duas: compra e venda da força de trabalho. Subjugando e relegando-a a um papel apenas nominal quando, após as revoluções burguesas, motivou os países a criarem exércitos permanentes e profissionais, que diferente da nobreza que servia por laços de serventia, vende sua força de trabalho ao Estado Nação, assim a nobreza perde seu poder político, e, atribuindo ao Estado Nação a necessidade de ser laico, ela diminui consideravelmente o poder político do clero. Com suas revoluções a burguesia mostra que os exércitos não devem estar vinculados aos nobres, mas ao Estado Nação e mina o poder militar da nobreza. Assim a burguesia vence a luta de classes derrotando nobreza e clero.

É o conhecimento e o entendimento desse processo que leva Marx e Engels a dizerem no *Manifesto* “A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história da luta de classes.” (MARX e ENGELS, 2017, p22). A luta de classes, mesmo estando presente em todas as sociedades, não era motivada pela consciência de classe.

Não podemos afirmar que não havia consciência de classes antes do seu surgimento na burguesia, mas não há evidências históricas que sustentem essa hipótese, nem há evidências que indiquem que a luta de classes até então existente não fosse motivada pela consciência de classes. A simplificação ocorrida pode ter facilitado para que os membros das forças produtivas se vissem como tal, mas também não há evidências que sustentem isso. Fato é que a consciência de classes passa a aparecer mais claramente nas ações políticas da burguesia e, posteriormente, do proletariado, deixando evidente a sua existência enquanto coisa e enquanto objeto de estudo, dado que é agente transformador do mundo.

⁴² “Essa sociedade medieval continuava dividida em três ordens (como observou o bispo Adelberonte de Laon, na sua *Carmen ad Robertum Regem*, de cerca de 1020): os que oravam (*oratores*), os que lutavam (*bellatores*) e os que trabalhavam (*laboratores*).” (JAGUARIBE, 2002, p408)

À burguesia só foi possível se tornar classe dominante depois que esta simplificou de tal modo as relações de produção e troca que restaram apenas duas classes. A ascensão da burguesia de classe oprimida à classe dominante torna a visão de mundo burguesa, paulatinamente, visão de mundo dominante, ou seja, a ideologia burguesa torna-se ideologia dominante.

Marx e Engels em *A Ideologia Alemã* descrevem esse processo de simplificação das relações de produção e como essas novas relações de produção, simplificadas, difundiram-se pelo mundo, e, a partir dessa difusão destroem as forças produtivas locais e as particularidades dos países, e fazendo isso, onde se instalaram, recriam as relações sociais simplificadas que vão recriar a consciência e a visão de mundo burguesas, Marx e Engels afirmam:

A grande indústria, apesar desses meios protecionistas, universalizou a concorrência [...], criou os meios de comunicação e o moderno mercado mundial, submeteu a si o comércio, transformou todo capital em capital industrial e gerou, com isso, a rápida circulação [...] e a centralização dos capitais . Criou pela primeira vez a história mundial, ao tornar toda nação civilizada e cada indivíduo dentro dela dependentes do mundo inteiro para a satisfação de suas necessidades, e supriu o anterior caráter exclusivista e natural das nações singulares. Subsumiu a ciência natural ao capital e tomou da divisão do trabalho a sua última aparência de naturalidade. Destruiu, em geral, a naturalidade, na medida em que isso é possível no interior do trabalho, e dissolveu todas as relações naturais em relações monetárias.[...] Destruiu, onde quer que tenha penetrado, o artesanato e, em geral, todos os estágios anteriores da indústria. Completou a vitória [da cida]de comercial sobre o campo. Seu [pressuposto] é o sistema automático.[...] Essas forças produtivas, sob o regime da propriedade privada, obtêm apenas um desenvolvimento unilateral, convertem-se para a maioria em forças destrutivas e uma grande quantidade dessas forças não consegue alcançar a menor utilização na propriedade privada. A grande indústria, em geral, criou por toda parte as mesmas relações entre as classes da sociedade e supriu por meio disso a particularidade das diversas nacionalidades. (MARX e ENGELS, , 2007 p 59-61)

E em todo lugar que a burguesia cria suas condições de desenvolvimento ela cria também o proletariado. Como está escrito no *Manifesto do Partido Comunista*:

Com o desenvolvimento da burguesia, isto é, do capital desenvolve-se também o proletariado, a classe dos operários modernos, os quais só vivem enquanto tem trabalho e só tem trabalho enquanto seu trabalho aumenta o capital. Esses operários, constrangidos a vender-se a retalho, são mercadoria, artigo de comércio como qualquer outro; em consequência, estão sujeitos a todas as vicissitudes da concorrência, a todas as flutuações do mercado. (MARX e ENGELS, 2017, p27)

Essas vicissitudes e flutuações são, como vimos no capítulo 2 o que pauperiza a condição de vida do operariado e o que acaba lançando-os, primeiramente à revolta, e depois à luta e à organização política.

Quando a visão de mundo burguesa se fixa como ideologia dominante estes conseguem cooptar a sociedade e subsumir o ser social. A ideologia, conforme vimos no primeiro capítulo, é a forma idealizada que o ser social se vê, sendo assim, visão de mundo. A ideologia burguesa substituiu a ideologia da nobreza, que substituiu a ideologia da aristocracia, que, por sua vez, substituiu a ideologia da gens, que substituiu a ideologia da tribo.

No início da luta do proletariado há uma tentativa da nobreza de caricaturar os burgueses e sua ideologia, exaltando na literatura e nas artes os valores e o modo de vida medievais, pondo-se ao lado dos trabalhadores como se sua exploração fosse melhor para os trabalhadores. O que a nobreza queria era voltar à posição de classe dominante, pois a sociedade ainda não havia se transformado inteira e a nobreza não havia sido destruída, e sua destruição poderia acabar também com a burguesia⁴³, mas essa estratégia não foi efetiva, como Marx e Engels explicam no *Manifesto Comunista* quando falam da literatura socialista:

Para despertar simpatias, a aristocracia fingiu deixar de lado seus próprios interesses e dirigiu sua acusação contra a burguesia, aparentando defender apenas os interesses da classe operária explorada. Desse modo, entregou-se ao prazer de cantarolar sátiras sobre os novos senhores e de lhes sussurrar ao ouvido profecias sinistras.

[...] Se por vezes a sua crítica amarga e espirituosa feriu a burguesia no coração, sua impotência absoluta em compreender a marcha da história moderna terminou sempre produzindo um efeito cômico. (MARX e ENGELS, 2017, p41)

Isso ocorre devido ao fato que a nobreza não quer ser extermínada enquanto classe e vê no operariado um possível aliado contra a burguesia, e a nobreza enquanto antiga classe dominante possui um bom número de intelectuais que se posicionam contra a burguesia. Esta

⁴³ “opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido sempre numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre ou por uma transformação revolucionária da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em conflito” (MARX e ENGELS, 2017, p22)

luta não acontece somente no campo da literatura, mas em vários campos do pensamento, inclusive na filosofia. A investigação dessa disputa no campo do pensamento iniciada por Marx e Engels será aprofundada por Gramsci que enfatiza o quanto é necessário sistematizar o pensamento de cada grupo. Escreve:

Deve-se, portanto, explicar como ocorre que em cada época coexistam muitos sistemas e correntes de filosofia, como nascem, como se difundem, por que nessa difusão seguem certas linhas de separação e certas direções, etc. Isto mostra o quanto é necessário sistematizar crítica e coerentemente as próprias intuições do mundo e da vida, fixando com exatidão o que se deve entender por “sistema”, a fim de evitar compreendê-lo num sentido pedante e professoral. (GRAMSCI, 1999, p97)

Aqui Gramsci explica que o intelectual deve, humildemente, ir até o grupo, apreender os seus anseios e sistematizá-los sem tentar dizer o que o grupo deve querer, sobre a função política⁴⁴ do intelectual nos aprofundaremos mais na frente. Marx e Engels, ao criticar o idealismo, o fazem pois percebem que:

De todas as classes que hoje em dia se opõem à burguesia, só o proletariado é uma classe verdadeiramente revolucionária. As outras classes degeneraram e pereceram com o desenvolvimento da grande indústria; o proletariado, pelo contrário, é seu produto mais autêntico. (MARX e ENGELS, 2017, p30)

Afirmam isso no *Manifesto do Partido Comunista* porque vêm que o anseio da nobreza de não perder seu poder é anacrônico e o desejo da burguesia de se consolidar no poder, são anseios que entram em contradição com o mundo que a grande indústria está criando.

3.2 - A ideologia burguesa e o processo de alienação

Diferentemente das visões de mundo anteriores a ideologia burguesa difundiu-se baseada em um processo de alienação que a mantém até hoje. Alienar significa separar, e a alienação enquanto consequência do modo de produção capitalista aparece de quatro modos, segundo Marx nos *Manuscritos Econômicos-Filosóficos*: a alienação do produto, a alienação da atividade, a alienação do ser genérico e a alienação do homem pelo homem.

⁴⁴ O intelectual possui outras funções além de sua função política, mas não entraremos nesse assunto pois não é o nosso foco.

A alienação do produto ocorre pelo fato de que os homens, ao vender sua força de trabalho não vêm o produto como produto do seu trabalho, o produto é mercadoria para burguês vender e o que o trabalhador consegue com seu trabalho é o seu salário, é isso que gera o primeiro estranhamento entre o homem e a mercadoria.

A alienação do homem de sua atividade se dá devido ao fato que, com a venda da força de trabalho ao burguês, quem possui os instrumentos de trabalho e as matérias primas é o burguês. O que gera uma simplificação da função.

Cada trabalhador passa a ser responsável por apenas uma pequena parte do processo de produção, de tal modo que estes ficam cada vez menos envolvidos com o processo produtivo, assim, para produzir um móvel um trabalhador corta a árvore para o dono da terra onde estão as árvores, outro trabalhador divide o tronco em tábuas para o dono da serraria, um terceiro corta as tábuas no formato de uso e, por fim, um quarto cola e aparafusa as partes para montar o móvel⁴⁵. Assim, nenhum trabalhador se envolve profundamente com o trabalho, simplificando as funções e tornando-as irrelevantes aos trabalhadores, pois alienados de suas partes no processo produtivo, estes não se importam com o trabalho que executam. A atividade torna-se indiferente pois, mesmo sendo produção da vida material e atendendo às necessidades humanas, seu fim não é atender às necessidades humanas ou ser produção da vida material, mas salário para o trabalhador e lucro para o burguês.

Marx consegue observar essa forma de alienação pois na época na Alemanha ainda existia o trabalho dos artesãos que, usando o mesmo exemplo do móvel, ia na floresta, cortava a árvore, serrava o tronco, cortava as tábuas, colava e aparafusava os móveis e os vendia inteiros aos consumidores finais estabelecendo assim um vínculo muito maior entre o homem, seu trabalho e o produto do seu trabalho.

Se estas análises não tivessem sido feitas nesse período, a relação do artesão com a atividade e o produto talvez fosse esquecida e a relação de produção burguês<=>operário fosse de tal modo naturalizada que o operário seria sempre visto como custo de produção para o burguês. Hoje, em administração ou em algumas correntes da economia, o trabalhador é visto como custo de produção e não como parte necessária à produção, isto porque as relações de produção do modo de produção capitalista surgidas entre os séculos XVIII e XIX foram

⁴⁵ Isso na época de Marx, hoje os móveis são montados nas casas dos consumidores finais por montadores profissionais

em tal escala replicadas que hoje são vistas como relações naturais, necessárias, e que sempre existiram.

A administração e algumas vertentes da economia não possuem a tendência de tentar fazer uma abordagem histórica para seus dados, vêm apenas os dados crus, deste modo, não apreendem que com a transição do artesanato à manufatura, do artesão ao operário, há uma separação do trabalhador do seu objeto de trabalho e do seu trabalho, mas como uma racionalização oportuna e necessária para o aumento da produção e consequentes diminuição dos preços e aumento dos lucros, conforme as leis da oferta e da procura. No *Manifesto do Partido Comunista*, Marx e Engels expõem isso de maneira sintética, eles dizem:

O crescente emprego de máquinas e a divisão do trabalho despojam a atividade do operário de seu caráter autônomo, tirando-lhe todo o atrativo. O operário torna-se um mero apêndice da máquina e dele só se requer o manejo mais simples, mais monótono, mais fácil de aprender. Desse modo o custo do operário se reduz, quase exclusivamente, ao meios de subsistência que lhes são necessários para viver e perpetuar sua espécie. Ora, o preço do trabalho, como toda mercadoria, é igual ao seu custo de produção. Portanto, à medida que aumenta o caráter enfadonho do trabalho, decrescem os salários (MARX e ENGELS, 2017, p27-28)

Sem as análises de Marx e Engels, que foram feitas enquanto essa transição ainda estava sendo feita na Alemanha e na França, mas já havia sido concluída na Inglaterra e nos E.U.A., a análise acerca da alienação do trabalhador nesses dois primeiros modos poderia se perder, pois não há garantias de que esse resgate histórico seria feito. Outra consequência desse modo de produzir é que a simplificação da função diminui as exigências do que o trabalhador precisa saber, o que diminui o valor do trabalho e faz com que o trabalhador pouco se importe com o botão ou parafuso que aperta.

A alienação do homem do seu ser genérico é devida ao fato de que na natureza todo ser vivo tem condições de ser manter vivo, a natureza provém. Os homens na compra e venda da força de trabalho rompem com a natureza, cercando terras, limitando o uso de terras públicas e criando leis que impeçam o uso de coisas naturais como pegar lenha em uma floresta ou água em um rio.

O quarto modo de alienação é o homem subjugar o homem forçando, por situações que lhes são externas, a vender sua força de trabalho pelo menor preço que o burguês quiser pagar.

No *Manifesto do Partido Comunista* Marx e Engels expõem aos trabalhadores como a burguesia calcula o preço do seu trabalho e se apropria da riqueza, separando-os da riqueza que geram e afirmando a intenção dos comunistas de suprimir essa apropriação, eles analisam:

O preço médio que se paga pelo trabalho assalariado é um mínimo de salário, ou seja, a soma dos meios de subsistência necessários para que o operário viva como operário. Por conseguinte, o que o operário recebe com seu trabalho é o estritamente necessário para a mera conservação e reprodução de sua existência. [...] Queremos apenas suprimir o caráter miserável dessa apropriação, que faz com que o operário só viva para aumentar o capital e só viva na medida em que o exigem os interesses da classe dominante. (MARX e ENGELS, 2017, p34-35)

O terceiro e o quarto tipos de alienação se relacionam do seguinte modo: por estar separado de seu ser genérico e da natureza, os homens não têm como atender suas necessidades básicas, deste modo, para poder sobreviver, sendo forçados a vender sua força de trabalho para quem tem dinheiro. O estranhamento acontece pois o operário é visto pelo burguês como custo de produção sendo despersonalizado, e o burguês, por sua vez, é visto como fonte de onde vem o dinheiro, sendo também despersonalizado.

Da análise da alienação que Marx fez nos *Manuscritos*, ele apreende que sua origem está na propriedade privada. A propriedade da terra, das máquinas, do dinheiro, etc..., pois ao separar o trabalhador do objeto do trabalho e do produto do trabalho que é apropriado pelo burguês, o operário só vê o salário que recebe. Essa análise vai influenciar diretamente sua posição política e sua adesão ao movimento operário, pois mesmo os operários não tendo esclarecimentos filosóficos acerca da própria alienação, eles a estavam combatendo.

Deste modo podemos estabelecer que a força da burguesia, assentada na propriedade privada, se fortalece com a alienação, e que, pelo fato da humanidade estar constrangida a comprar ou vender força de trabalho para produzir a vida material, isto gera um processo de objetificação dos sujeitos. Esta estrutura, que permite a exploração dos trabalhadores, move os comunistas a se posicionarem contra toda forma de capital, porque é ele que se beneficia da alienação, permitindo que uma minoria favoreça-se do trabalho da maioria, é isto que leva Marx e Engels a afirmar:

Alega-se ainda que, com a abolição da propriedade privada, toda a atividade cessaria, uma inércia geral apoderar-se-ia do mundo.

Se isso fosse verdade, há muito que a sociedade burguesa teria sucumbido à ociosidade, pois que os que no regime burguês trabalham não lucram e os que lucram não trabalham. Toda a objeção se reduz a essa tautologia: não haverá mais o trabalho assalariado quando não mais existir capital. (MARX e ENGELS, 2017, p 36)

Observando o processo histórico percebemos que cada classe que questionava o poder da classe dominante trazia consigo uma visão de mundo muito próxima da visão de mundo dominante. Não havia a intenção de ruptura com a estrutura de dominação, nem com a ideia de dominação, mesmo com essas mudanças trazendo rupturas necessárias com a visão de mundo e com o modo de produção anterior, em outros pontos, no que tange à estrutura de dominação, era igual. O fato que, conforme cada classe assumia a posição de classe dominante, e com ela as suas ideias assumiam o lugar de ideias dominantes no lugar das ideias da classe dominante anterior, é o que leva Marx e Engels a postular que isso cria nos homens uma ideologia baseada na dominação.

Marx e Engels n'*A Ideologia Alemã* explicam como essa ideologia aparece no idealismo na criação de representações gerais do indivíduo, considerado a partir de condições comuns de existência. Os indivíduos de diferentes classes e categorias existem ao mesmo tempo.

Se se considera filosoficamente esse desenvolvimento dos indivíduos nas condições comuns de existência dos estamentos e das classes que historicamente se sucedem e nas representações gerais que, por essa razão, lhes foram impostas, pode-se então facilmente imaginar que nesses indivíduos desenvolveu-se o Gênero ou o Homem, ou que eles desenvolveram o Homem; (MARX e ENGELS, 2007, p 64)

O conceito de que existe uma ideologia dominante aparece n'*A Ideologia Alemã* e se refere à adesão das classes que não são a classe dominante, à visão de mundo da classe dominante. Assim essa ideologia é a visão de mundo que surge a partir da consciência geral. Na citação abaixo, Fabio Frosini explica que quando a ideologia é entendida como visão de mundo, a ideologia dominante é falsa ideologia pois é uma substituição imaginária e idealizada do real.

Se a ideologia é entendida nesta acepção, a esta, como substituto imaginário da completude da práxis social, se opõe a realização teórico-prática coletiva daquela mesma práxis, que consiste na restituição daquela práxis (que na história das sociedades divididas em classes se tornou sempre funcional à

subordinação) à cooperação social. Isso, porém não quer dizer que a ideologia como substituto imaginário da completude da práxis social seja somente um instrumento de dominação. Ao contrário, a ideologia não poderia ser um substituto imaginário de algo, se não conservasse pelo menos um traço deste objeto ausente, mesmo que seja em forma desfigurada (FROSINI, 2014, p568)

Deste modo a visão de mundo dominante se forma na práxis real, porém, mesmo mantendo traços reais dessa práxis, a desfigura ao idealiza-la . Assim, por desfigurar a práxis idealizando-a, a visão de mundo torna-se instrumento de dominação da classe dominante. Gramsci explica isso na citação abaixo ao, explicar que a contradição entre a ação e o discurso não se dá por má-fé, mas porque, eventualmente uma classe, ou um grupo social, tem uma visão de mundo que se manifesta na práxis, mas ainda não tem seus próprios ideais definidos, o que leva o grupo a adotar no discurso, os ideais da classe dominante, ele diz:

Qual será, então, a verdadeira concepção do mundo: a que é logicamente afirmada como fato intelectual, ou a que resulta da atividade real de cada um, que está implícita na sua ação? E, já que a ação é sempre uma ação política, não se pode dizer que a verdadeira filosofia de cada um se acha inteiramente contida na sua política? Este contraste entre o pensar e o agir, isto é, a coexistência de duas concepções do mundo, uma afirmada por palavras e a outra manifestando-se na ação efetiva, nem sempre se deve à má-fé. A má-fé pode ser uma explicação satisfatória para alguns indivíduos considerados isoladamente, ou até mesmo para grupos mais ou menos numerosos, mas não é satisfatória quando o contraste se verifica nas manifestações vitais de amplas massas: neste caso, ele não pode deixar de ser a expressão de contrastes mais profundos de natureza histórico-social. Isto significa que um grupo social, que tem sua própria concepção do mundo, ainda que embrionária, que se manifesta na ação e, portanto, de modo descontínuo e ocasional — isto é, quando tal grupo se movimenta como um conjunto orgânico —, toma emprestado a outro grupo social, por razões de submissão e subordinação intelectual, uma concepção que não é a sua, e a afirma verbalmente, e também acredita segui-la, já que a segue em “épocas normais”, ou seja, quando a conduta não é independente e autônoma, mas sim submissa e subordinada. É por isso, portanto, que não se pode separar a filosofia da política; ao contrário, pode-se demonstrar que a escolha e a crítica de uma concepção do mundo são, também elas, fatos políticos. (GRAMSCI, 1999a, p 97)

Marx e Engels n'A *Ideologia Alemã* abordam esse processo e já apontam que é a consciência de classe que aponta a necessidade de uma ruptura radical. Nas suas palavras:

No desenvolvimento das forças produtivas advém uma fase em que surgem forças produtivas e meios de intercâmbio que, no marco das relações existentes, causam somente malefícios e não são mais forças de produção,

mas forças de destruição (maquinaria e dinheiro) – e, ligada a isso, surge uma classe que tem de suportar todos os fardos da sociedade sem desfrutar de suas vantagens e que, expulsa da sociedade, é forçada à mais decidida oposição a todas as outras classes; uma classe que configura a maioria dos membros da sociedade e da qual emana a consciência da necessidade de uma revolução radical, a consciência comunista, que também pode se formar, naturalmente, entre as outras classes, graças à percepção da situação dessa classe; (MARX e ENGELS, 2007, p 41-42)

Aqui os filósofos explicam que no processo de desenvolvimento de forças produtivas, algumas forças, ao nascer, são a superação de outras forças produtivas e, por isso, são também destrutivas, quando, nesse processo as velhas relações passam a ser um fardo para as novas relações que surgem. Assim, a classe mais diretamente beneficiada pelas novas relações precisa se opor a todas as outras classes para manter as novas relações de produção e se manter enquanto classe.

Neste caso, Marx e Engels estão falando das novas relações que os comunistas criam e que tentam ser sufocadas pela burguesia, mas esta relação também pode ser usada para descrever a relação da burguesia com as relações feudais de produção, sua luta contra os impostos, os quais recaíam majoritariamente na burguesia. A disputa com as guildas de ofício dos artesãos, assim como os ônus do modo de produção capitalista recaem sobre os trabalhadores.

A condição necessária para a existência destes fardos é a divisão da sociedade dividida em classes. Estes são subprodutos das relações de produção, por isso, os comunistas propõem o fim da propriedade que divide os homens em classes. Transformar as relações de propriedade é algo comum a todas as classes que estão envolvidas na luta de classes, por isso, Marx e Engels no *Manifesto*, afirmam que as proposições dos comunistas:

São apenas a expressão geral das condições efetivas de uma luta de classes que existe, de um movimento histórico que se desenvolve diante dos olhos. A abolição das relações de propriedade que até hoje existiram não é uma característica peculiar e exclusiva do comunismo.

Todas as relações de propriedade têm passado por modificações constantes em consequência das contínuas transformações das condições históricas. (MARX e ENGELS, 2017, p33)

Assim como outras classes sociais assimilaram a consciência burguesa e sua ideologia, membros da burguesia e de outras classes que ainda não haviam sido eliminadas

eventualmente assimilaram a consciência comunista e sua ideologia⁴⁶. As diferenças fundamentais nas situações da burguesia e do operariado são duas, primeira: a burguesia em ascensão não contava com a maior parte da população; e a burguesia e sua consciência de classe buscava somente o aumento do seu poder político, e não o fim da exploração e das injustiças de um modo amplo, buscavam o fim das injustiças da nobreza contra a burguesia. É essa percepção da diferença entre a consciência comunista e as demais consciências que levam Marx e Engels a dizer:

em todas as revoluções anteriores a forma da atividade permaneceu intocada, e tratava-se apenas de instaurar uma outra forma de distribuição dessa atividade, uma nova distribuição do trabalho entre outras pessoas, enquanto a revolução comunista volta-se contra a forma da atividade existente até então, suprime o trabalho e supera [*aufhebt*] a dominação de todas as classes ao superar as próprias classes, pois essa revolução é realizada pela classe que, na sociedade, não é mais considerada como uma classe, não é reconhecida como tal, sendo já a expressão da dissolução de todas as classes, nacionalidades etc., no interior da sociedade atual (MARX e ENGELS, 2007, p42)

Ou seja: mesmo com a ruptura radical promovida pela burguesia contra o absolutismo e pela, entre outras coisas, secularização dos estados, ainda permanece intocada a sociedade dividida em classes e o fato de que uma classe necessita explorar outra classe para ser classe dominante e gerar riqueza. Os comunistas, em suas propostas, rompem até mesmo com isso. Não é luta de uma classe para se tornar classe dominante, mas uma luta para acabar com todas as classes. No *Manifesto do Partido Comunista* Marx e Engels afirmam:

Todos os movimentos históricos têm sido, até hoje, movimentos de minorias ou em proveito de minorias. O movimento proletário é o movimento autônomo da imensa maioria em proveito da imensa maioria. O proletariado, a camada mais baixa da sociedade atual, não pode erguer-se, pôr-se de pé, sem fazer saltar todos os estratos superpostos que constituem a sociedade oficial. (MARX e ENGELS, 2017, p31)

Assim, a revolução desejada pelos comunistas busca a dissolução de toda a estrutura de dominação, não somente as classes, mas das relações interpessoais, de trabalho, de país para país, etc. e isso se manifesta voltando-se contra a organização do trabalho na sociedade

⁴⁶ Por isso no *Manifesto do Partido Comunista*, na primeira seção do capítulo III os autores falam do socialismo reacionário e diferenciam os socialismos feudal, pequeno burguês, e o alemão e, na segunda seção do mesmo capítulo, falam do socialismo conservador ou burguês.

burguesa. Não basta, porém, os comunistas com a consciência comunista voltar-se contra a organização do trabalho, é necessário, como vimos acima, a adesão massiva dos trabalhadores e para adesão massiva dos trabalhadores é necessário, como afirmam Marx e Engels n'*A Ideologia Alemã*, a transformação dos homens. Afirmam que:

para a criação em massa dessa consciência comunista quanto para o êxito da própria causa faz-se necessária uma transformação massiva dos homens, o que só se pode realizar por um movimento prático, por uma revolução; que a revolução, portanto, é necessária não apenas porque a classe dominante não pode ser derrubada de nenhuma outra forma, mas também porque somente com uma revolução a classe que derruba detém o poder de desembaraçar-se de toda a antiga imundície e de se tornar capaz de uma nova fundação da sociedade. (MARX e ENGELS, 2007, p42)

Aqui está destacado que, com a transformação dos homens para que estes formem um movimento prático, um movimento revolucionário, só uma revolução pode derrubar a classe dominante, e também a estrutura corrupta sobre a qual ela se ergue. Essa transformação dá-se através da criação de massa da consciência comunista rompendo com a ideologia da classe dominante.

A ideologia que surge a partir da consciência de classes possui nessas condições, mais precisamente, num momento de ebullição social, uma função específica de agente de transformação social e política. Frosini, ao analisar a questão da ideologia, observa que, por vezes, a ideologia é reduzida à expressão política, mas que desse modo ela não seria percebida com a função de agente transformador da realidade, sendo também isolada da realidade que lhe serve de base :

Somente se a ideologia é pensada como uma função social específica, e como consequência, a superestrutura não é mais reduzida à aparição derivada e secundária em relação à base material, a política pode ser pensável. Em caso contrário, a política é, em modo contraditório, ou reduzida a “expressão” de tendências presentes na base, e, portanto privada de uma realidade própria, ou separada da base para poder receber esta realidade, e isolada em forma “autônoma”. (FROSINI, 2014, p570)

Entender a ideologia como visão de mundo, e como as ideologias interagem no campo político, nos leva a perceber a função da ideologia como instrumento de dominação da classe dominante. Devido a essa natureza ambivalente da ideologia, acaba recaindo em parte ao indivíduo a responsabilidade pela ruptura com a ideologia dominante. Para tanto a

consciência de classe é fundamental. É necessário o conhecimento da realidade. De outro modo o indivíduo permanece com a visão de mundo da classe dominante e acabam não defendendo os interesses de sua classe, mas os interesses da classe dominante, por que ele ambiciona chegar à classe dominante, tem a ilusão de poder chegar à classe dominante. Deste modo a consciência de classes é vista como elemento chave para a superação da estrutura de exploração do homem pelo homem. Assim:

O conhecimento ou a falta de conhecimento da realidade no terreno das ideologias faz parte de uma dinâmica social, na qual está sempre em jogo o exercício de um domínio de classe, ou a luta para se subtrair a este domínio, ou para eliminá-lo totalmente. (FROSINI, 2014, p574)

Isso por que na luta de classes cada superação de um modo de produção pelo outro, e de uma classe pela outra, por serem, até hoje, modos de produção baseados na competição e na exploração de uma classe pela outra, não permitem que os homens sejam livres, nem que desenvolvam o que é realmente humano.

Segundo Marx e Engels, o único modo de desenvolver uma consciência, e, consequentemente, uma ideologia, genuinamente humanas é a superação da luta de classes, eliminando as classes e com elas a relação oprimidos e opressores, todos como iguais, fazendo deste modo surgir uma consciência verdadeiramente humana que, mesmo determinada pelas relações sociais de produção não foi imposta tendo em foco a competição com o outro, mas no próprio desenvolvimento humano. Afirmam:“Essa subsunção dos indivíduos a determinadas classes não pode ser superada antes que se forme uma classe que já não tenha nenhum interesse particular de classe a impor à classe dominante” (MARX e ENGELS, 2007, p64).

Marx percebe na necessidade de garantir a sobrevivência, um obstáculo para o desenvolvimento do que é realmente humano. Isso se expressa na luta contra o ambiente hostil na natureza antes da vida em sociedade, na disputa por territórios das primeiras tribos, na escravidão e no constante estado beligerante do modo de produção antigo, na servidão e na religiosidade do modo de produção feudal, e na necessidade de vender sua força de trabalho para sobreviver no modo de produção capitalista, e a superação dessa necessidade de lutar pela sobrevivência, que vem junto com a superação da divisão da sociedade em classes, vai abrir caminho para o desenvolvimento do que é puramente humano.

Ele afirma que o desenvolvimento das forças produtivas em cada época, cria dentro de cada modo de produção, forças antagônicas que levam a uma simplificação das relações de produção que interferem na vida social, percebendo a simplificação no modo de produção capitalista de dividir a sociedade em duas. Isso leva Marx a afirmar que a próxima simplificação é a eliminação de todas as classes⁴⁷. E, a partir da eliminação da luta pela sobrevivência como obstáculo, é que começará a ser escrita a história da humanidade, como vimos na citação abaixo retirada do prefácio de 1859 de *Para uma Crítica da Economia Política*:

As relações burguesas de produção constituem a última forma antagônica do processo social de produção, antagônicas não em um sentido individual, mas de um antagonismo nascente das condições sociais de vida dos indivíduos; contudo, as forças produtivas que se encontram em desenvolvimento no seio da sociedade burguesa criam ao mesmo tempo as condições materiais para a solução destes antagonismos. Daí que com esta formação social se encerra a pré-história da sociedade humana. (MARX, 1978, p130)

Daqui podemos retirar que com a consciência de classe burguesa, surgida no interior da sociedade feudal, começa a ruptura pois, para além da estrutura dominantes x dominados, os valores de cada modo de produção anterior ao capitalismo eram basicamente os mesmos. A consciência burguesa, porém, vem com novos valores e uma nova perspectiva sobre as relações de produção. Nessa nova visão de mundo, a relação senhor e servo não deve ser mais baseada na lealdade ou na honra, mas no pagamento em dinheiro em troca pelo trabalho.

Com a burguesia, ganha força a noção de igualdade entre os homens que começa a dissipar a noção de que uns homens são melhores que outros e que existe uma essência a se manifestar em cada homem existente desde a antiguidade. Essa noção de igualdade cria na burguesia um senso forte de autodeterminação que influencia a filosofia burguesa e, nesse sentido, a filosofia política moderna. No campo prático e ideológico isso se reflete na movimentação política ficando evidente, na *Declaração de Independência dos Estados*

⁴⁷ Mas a classe dominante vai lutar contra a superação da sociedade dividida em classes como sempre lutou. Devemos sempre lembrar que a sociedade sem divisão de classes não é algo mecânico que acontecerá necessariamente, é uma possibilidade que está posta como um possível progresso, assim como estão postas as possibilidades de retrocesso, como a barbárie.

*Unidos da América*⁴⁸, de 1776, e na *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789*^{49 50}, que trazem em si a noção de que a coletividade é importante nas relações políticas, mas que estes podem mudá-las através da ação política unidos contra terceiros. Como dizem Marx e Engels:

Os indivíduos singulares formam uma classe somente na medida em que têm de promover uma luta contra uma outra classe; de resto, eles mesmos se posicionam uns contra os outros, como inimigos, na concorrência. Por outro lado, a classe se autonomiza, por sua vez, em face dos indivíduos, de modo que estes encontram suas condições de vida predestinadas e recebem já pronta da classe a sua posição na vida e, com isso, seu desenvolvimento pessoal; são subsumidos a ela. (MARX e ENGELS, 2007, p 63)

Aqui, Marx e Engels explicam que em uma sociedade dividida em classes, os indivíduos formam uma classe apenas perante outra classe, através da relação de dominação de uma classe pela outra. Os indivíduos da classe dominada têm suas condições de existência determinadas pela classe dominante e só podem lutar contra ela na luta de classes.

Marx e Engels prosseguem n'*A Ideologia Alemã* mostrando que no, modo de produção burguês, os indivíduos médios pertencem a essa classe enquanto vivem como os membros dela, por condições de existência herdadas, mas que no modo de produção comunista, os indivíduos participam como indivíduos e que esta individualidade permite seu livre desenvolvimento. Isto só acontece se o desenvolvimento de forças produtivas cria condições materiais, condições estas que no século XIX estavam entregues ao acaso, colocando os homens em um vínculo que lhes é alheio. No movimento comunista, porém, os homens se unem livremente, com consciência. Marx e Engels descrevem essa diferenciação na passagem abaixo. Ponderam:

⁴⁸ Consideramos estas verdades como evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais, dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes estão a vida, a liberdade e a procura da felicidade. Que a fim de assegurar esses direitos, governos são instituídos entre os homens (HANCOCK, site da UEL, 2020)

⁴⁹Artigo 1º- Os homens nascem e são livres e iguais em direitos. As distinções sociais só podem fundar-se na utilidade comum. (site do Ministério Público Federal, 2020)

⁵⁰ ambos textos criticados por Marx em *Sobre a Questão Judaica*

De toda a exposição anterior resulta que⁵¹ a relação coletiva em que entraram os indivíduos de uma classe e que era condicionada por seus interesses comuns diante de um terceiro foi sempre uma coletividade à qual os indivíduos pertenciam apenas como indivíduos médios, somente enquanto viviam nas condições de existência de sua classe; uma relação na qual participavam não como indivíduos, mas como membros de uma classe. Ao contrário, com a coletividade dos proletários revolucionários, que tomam sob seu controle suas condições de existência e as de todos os membros da sociedade, dá-se exatamente o inverso: nela os indivíduos participam como indivíduos. É precisamente essa associação de indivíduos (atendendo, naturalmente, ao pressuposto de que existam as atuais forças produtivas desenvolvidas) que coloca sob seu controle as condições do livre desenvolvimento e do movimento dos indivíduos – condições que, até agora, estavam entregues ao acaso e haviam se autonomizado em relação aos indivíduos singulares justamente por meio de sua separação como indivíduos, por sua união necessária dada com a divisão do trabalho e por meio de sua separação transformada num vínculo que lhes é alheio. (MARX e ENGELS, p 66-67, 2007)

A união forçada dos indivíduos de uma classe cria, como vimos no capítulo 2, uma nova consciência surgida no interior da sociedade burguesa. A consciência comunista, visa, deste modo, a superação da separação da sociedade dividida em classes, retorno da livre associação entre os homens e a reunião do homem consigo mesma. Essa superação traz consigo, enquanto é construída, novas relações sociais de produção, livres de exploração e novas relações jurídicas sem opressão. Sendo, deste modo, um novo humanismo. Marx explica isso nessa passagem dos *Manuscritos Econômicos-Filosóficos*:

O comunismo como superação positiva da propriedade privada, como autoalienação humana e, por isso, como apropriação real da essência humana pelo e para o homem; por isso como retorno total do homem para si, consciente e no interior de toda riqueza do desenvolvimento histórico, como um homem social, ou seja, humano. Esse comunismo como um naturalismo completo = humanismo e como humanismo completo = naturalismo, ele é a verdadeira solução do antagonismo do homem com a natureza e o com homem, a verdadeira solução do conflito entre existência e essência, entre objetivação e afirmação de si, entre liberdade e necessidade, entre indivíduo e gênero. Ele é enigma resolvido da história e se conhece como sendo essa solução. (MARX, 2018, p235-236)

Por observar o processo de superação de um modo de produção pelo outro, de uma classe dominante pela outra, Marx e Engels afirmam no manifesto “Todas as classes que no

⁵¹ os indivíduos que se libertaram em cada época histórica apenas continuaram a desenvolver as condições de existência que já estavam dadas. (S. M.) NOTA DA EDIÇÃO

passado trataram de conquistar o poder, trataram de consolidar a situação adquirida submetendo toda a sociedade às suas condições de apropriação” (MARX e ENGELS, 2017, p31) e essa relação de superação de um modo de produção pelo outro leva a classe mais privilegiada por cada modo de produção a se tornar classe dominante. É o que leva o nome de luta de classes.

Assim, as classes que se formam no desenvolvimento das forças produtivas são lançadas à luta de classes sem clareza dos seus objetivos. Foi assim com o operariado, assim como com todos as classes que lutaram a luta de classes até então. A grande diferença é que, ao invés de lutar na luta de classes para se tornar classe dominante, o proletariado entra na luta de classes para acabar com a estrutura de classes.

Percebendo-se neste contraste das funções sociais, lançado à luta de classes, o operariado ainda não tem sistematizado seu objetivo, ele ainda está envolto pela visão de mundo dominante. Como Analisa Gramsci:

O homem ativo de massa atua praticamente, mas não tem uma clara consciência teórica desta sua ação, a qual, não obstante, é um conhecimento do mundo na medida em que o transforma. Pode ocorrer, aliás, que sua consciência teórica esteja historicamente em contradição com o seu agir. É quase possível dizer que ele tem duas consciências teóricas (ou uma consciência contraditória): uma, implícita na sua ação, e que realmente o une a todos os seus colaboradores na transformação prática da realidade; e outra, superficialmente explícita ou verbal, que ele herdou do passado e acolheu sem crítica. (GRAMSCI, 1999a, p 103)

Com a burguesia, pela primeira vez, a ideologia tal qual a consciência geral, tem origem na consciência de classe percebida através de mudanças no modo de produção da vida material. Devido às estruturas estamentais dos modos de produção anteriores, foi somente com o surgimento do modo de produção capitalista e da burguesia e com sua ascensão econômica e política que a consciência foi percebida dentro de um grupo com uma função social diferente das funções sociais dos demais grupos.

Ainda que nesse momento surja uma ideologia oriunda da consciência de classe e que tenta afirmar-se como consciência geral e ideologia dominante, esta ideologia possui a mesma ambição das antigas ideologias tribal, gentílica, aristocrática e nobre, conforme se substituíram: tornar-se dominante e não com uma busca real pelo fim de toda opressão e

exploração. Uma ideologia que busque o fim de toda opressão e exploração só surge com o surgimento da consciência de classe nos assalariados.

Assim vemos que o movimento operário busca liberdade em um sentido muito mais amplo que a liberdade burguesa. A liberdade burguesa se baseia em liberdades individuais, sendo mais precisos: em liberdade para os indivíduos exercerem suas individualidades, de religião, de comércio, de circulação, etc. Mas o que a burguesia falha em perceber, que os comunistas percebem muito bem, é que essa liberdade está necessariamente ligada ao poder de compra e em fatores econômicos, deste modo, essa liberdade é apenas nominal. Os operários, para sobreviver, precisam vender sua força de trabalho e, nessas condições não podem escolher onde, como, quando ou com o que irão trabalhar. Os Comunistas querem uma liberdade diferente da burguesa e são acusados de querer suprimir a liberdade. Isto leva Marx e Engels a afirmar:

É a supressão dessa situação que a burguesia chama de supressão da individualidade e da liberdade. E com razão. Porque se trata efetivamente de abolir a individualidade burguesa, a independência burguesa, a liberdade burguesa.

Por liberdade, nas atuais relações burguesas de produção, compreende-se a liberdade de comércio, a liberdade de comprar e vender. (MARX e ENGELS, 2017, p35)

Dito o exposto, é a supressão da exploração do homem pelo homem que pode terminar com a luta de classes e com a alienação, trazendo consigo uma nova visão de mundo, uma visão de mundo verdadeiramente humana. Essa visão de mundo e a consciência a ela atrelada, deverão nascer da práxis, que não esteja contaminada por relações de produção onde existam exploradores e explorados. Sendo assim, uma visão de mundo verdadeiramente humana, só pode começar a surgir com uma consciência que busque pelo fim da exploração, a qual os autores acreditam ser a consciência de classe do proletariado, a consciência comunista, dado que esta, como vimos, surge pela luta por igualdade e por justiça para que as leis possam amenizar as injustiças sociais decorrentes das diferenças econômicas.

3.3 – O Intelectual Orgânico Coletivo e seu Papel na Luta Política

Antes de entrarmos nas considerações sobre os motivos que levam os autores materialistas históricos a crer que a consciência de classe é a base da nova ideologia e que por

meio da luta de classes pode se chegar ao fim da divisão da sociedade em classes e à superação da exploração do homem pelo homem, devemos lembrar que o termo "teóricos do socialismo/comunismo" é o mais correto e os "pais do socialismo/comunismo moderno", como as vezes são chamados os autores, é um erro, pois o socialismo e o comunismo são movimentos sociais contemporâneos, não modernos, e mais importante, por quê os movimentos antecedem os autores.

Os primeiros movimentos socialistas são do início do século XIX e os primeiros movimentos comunistas são do século XVIII. Marx e Engels não criaram o socialismo nem o comunismo, mas se envolveram com os movimentos e os observaram de perto, sistematizam seu conteúdo, pesquisando suas origens e analisando suas contradições. Em um sentido gramsciano, cumpriram a função de filósofos descrita em *Introdução ao Estudo da História da Filosofia e do Materialismo Histórico*, e com o *Manifesto Comunista*, cumpriram a função de intelectuais orgânicos. Gramsci afirma:

a organicidade de pensamento e a solidez cultural só poderiam ocorrer se entre os intelectuais e os simples se verificasse a mesma unidade que deve existir entre teoria e prática, isto é, se os intelectuais tivessem sido organicamente os intelectuais daquelas massas, ou seja, se tivessem elaborado e tornado coerentes os princípios e os problemas que aquelas massas colocavam com a sua atividade prática, constituindo assim um bloco cultural e social. Tratava-se, pois, da mesma questão já assinalada: um movimento filosófico só merece este nome na medida em que busca desenvolver uma cultura especializada para restritos grupos de intelectuais ou, ao contrário, merece-o na medida em que, no trabalho de elaboração de um pensamento superior ao senso comum e cientificamente coerente, jamais se esquece de permanecer em contato com os “simples” e, melhor dizendo, encontra neste contato a fonte dos problemas que devem ser estudados e resolvidos? Só através deste contato é que uma filosofia se torna “histórica”, depura-se dos elementos intelectualistas de natureza individual e se transforma em “vida”. (GRAMSCI, 1999a, p100)

Antonio Gramsci, pensador materialista histórico define o filósofo no décimo primeiro Caderno que escreveu enquanto estava preso⁵², o filósofo sardo afirma que o filósofo é o homem que pensa e que todos os homens são filósofos de uma filosofia espontânea, de dois tipos, uma é uma ideologia que muitas vezes se expressa como um tipo de fé e no agir dos homens, é a primeira filosofia com que se tem contato, uma filosofia do senso comum,

⁵² Antonio Gramsci esteve preso entre 1926 e 1937 devido à sua luta política. Neste período ele escreveu uma série de cadernos, que foram publicados postumamente com o nome de *Cadernos do Cárcere*.

prática, que passa de geração a geração, a segunda, é uma superação do senso comum e adesão à ciência, mas enquanto ideologia ainda é algo transmitido, herdado pelos homens, é o conhecimento humano transmitido através do trabalho humano. Nas palavras de Gramsci:

É preciso destruir o preconceito, muito difundido, de que a filosofia é algo muito difícil pelo fato de ser a atividade intelectual própria de uma determinada categoria de cientistas especializados ou de filósofos profissionais e sistemáticos. É preciso, portanto, demonstrar preliminarmente que todos os homens são “filósofos”, definindo os limites e as características desta “filosofia espontânea”, peculiar a “todo o mundo”, isto é, da filosofia que está contida: 1) na própria linguagem, que é um conjunto de noções e de conceitos determinados e não, simplesmente, de palavras gramaticalmente vazias de conteúdo; 2) no senso comum e no bom senso; 3) na religião popular e, consequentemente, em todo o sistema de crenças, superstições, opiniões, modos de ver e de agir que se manifestam naquilo que geralmente se conhece por “folclore”.

Após demonstrar que todos são filósofos, ainda que a seu modo, inconscientemente — já que, até mesmo na mais simples manifestação de uma atividade intelectual qualquer, na “linguagem”, está contida uma determinada concepção do mundo —, passa-se ao segundo momento, ao momento da crítica e da consciência, ou seja, ao seguinte problema: é preferível “pensar” sem disto ter consciência crítica, de uma maneira desagregada e ocasional, isto é, “participar” de uma concepção do mundo “imposta” mecanicamente pelo ambiente exterior, ou seja, por um dos muitos grupos sociais nos quais todos estão automaticamente envolvidos desde sua entrada no mundo consciente (e que pode ser a própria aldeia ou a província, pode se originar na paróquia e na “atividade intelectual” do vigário ou do velho patriarca, cuja “sabedoria” dita leis, na mulher que herdou a sabedoria das bruxas ou no pequeno intelectual avinagrado pela própria estupidez e pela impotência para a ação), ou é preferível elaborar a própria concepção do mundo de uma maneira consciente e crítica e, portanto, em ligação com este trabalho do próprio cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não mais aceitar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade? (GRAMSCI, 1999a, p 93-94)

Assim, segundo Gramsci, o filósofo propriamente dito é aquele que supera a herança e a crítica, superando também as contradições que essa herança trouxe, assumindo uma visão de mundo unitária e coerente, partindo da realidade. Gramsci, na citação abaixo, expõe esse processo de superação da herança criticando a própria concepção de realidade, ele diz:

Pela própria concepção do mundo, pertencemos sempre a um determinado grupo, precisamente o de todos os elementos sociais que compartilham um mesmo modo de pensar e de agir. Somos conformistas de algum conformismo, somos sempre homens-massa ou homens-coletivos. O problema é o seguinte: qual é o tipo histórico de conformismo, de homem-massa do qual fazemos parte? Quando a concepção do mundo não é crítica e coerente, mas ocasional e desagregada, pertencemos

simultaneamente a uma multiplicidade de homens-massa, nossa própria personalidade é compósita, de uma maneira bizarra: nela se encontram elementos dos homens das cavernas e princípios da ciência mais moderna e progressista, preconceitos de todas as fases históricas passadas estreitamente localistas e intuições de uma futura filosofia que será própria do gênero humano mundialmente unificado. Criticar a própria concepção do mundo, portanto, significa torná-la unitária e coerente e elevá-la até o ponto atingido pelo pensamento mundial mais evoluído. Significa também, portanto, criticar toda a filosofia até hoje existente, na medida em que ela deixou estratificações consolidadas na filosofia popular. O início da elaboração crítica é a consciência daquilo que é realmente, isto é, um “conhece-te a ti mesmo” como produto do processo histórico até hoje desenvolvido, que deixou em ti uma infinidade de traços acolhidos sem análise crítica. Deve-se fazer, inicialmente, essa análise. (GRAMSCI, 1999a, p 94)

Enquanto intelectuais têm uma posição crítica apenas particular, no entanto, enquanto filósofos possuem uma concepção de mundo criticamente coerente na qual não pode faltar consciência histórica. Tão importante quanto saber quem é (perceber-se no mundo), é saber de onde veio, das contradições históricas que herdou em sua origem. Percebendo isso o filósofo é o intelectual que sistematiza e organiza o pensamento de um grupo social, o grupo social ao qual pertence, sendo assim parte dessa organização, e o filósofo vem a esse grupo social sistematizando a visão de mundo dele, organizando o pensamento e apontando a direção; a este intelectual Gramsci denomina intelectual orgânico.

Neste ponto Gramsci afirma que o intelectual orgânico é essencial para a organização da luta política e fala da dificuldade na formação dos intelectuais. Entre estas está o fato de que a formação de um intelectual orgânico está ligado à sua relação dialética com as massas, o intelectual orgânico se forma enquanto orienta a massa, mas orienta a massa enquanto a segue, nas palavras dele:

Autoconsciência crítica significa, histórica e politicamente, criação de uma elite de intelectuais: uma massa humana não se “distingue” e não se torna independente “para si” sem organizar-se (em sentido lato); e não existe organização sem intelectuais, isto é, sem organizadores e dirigentes, ou seja, sem que o aspecto teórico da ligação teoria-prática se distinga concretamente em um estrato de pessoas “especializadas” na elaboração conceitual e filosófica. Mas este processo de criação dos intelectuais é longo, difícil, cheio de contradições, de avanços e de recuos, de desbandadas e de reagrupamentos; e, neste processo, a “fidelidade” da massa (e a fidelidade e a disciplina são inicialmente a forma que assume a adesão da massa e a sua colaboração no desenvolvimento do fenômeno cultural como um todo) é submetida a duras provas. O processo de desenvolvimento está ligado a uma dialética intelectuais-massa; o estrato dos intelectuais se desenvolve quantitativa e qualitativamente, mas todo progresso para uma nova “amplitude” e complexidade do estrato dos intelectuais está ligado a um

movimento análogo da massa dos simples, que se eleva a níveis superiores de cultura e amplia simultaneamente o seu círculo de influência, com a passagem de indivíduos, ou mesmo de grupos mais ou menos importantes, para o estrato dos intelectuais especializados. No processo, porém, repetem-se continuamente momentos nos quais entre a massa e os intelectuais (ou alguns deles, ou um grupo deles) se produz uma separação, uma perda de contato, e, portanto, a impressão de “acessório”, de complementar, de subordinado. A insistência sobre o elemento “prático” da ligação teórica prática — após se ter cindido, separado e não apenas distinguido os dois elementos (o que é uma operação meramente mecânica e convencional) — significa que se está atravessando uma fase histórica relativamente primitiva, uma fase ainda económico-corporativa, na qual se transforma quantitativamente o quadro geral da “estrutura” e a qualidade-superestrutura adequada está em vias de surgir, mas não está ainda organicamente formada. (GRAMSCI, 1999a, p 103-104)

Quando um intelectual orgânico surge, tanto entre as classes dominantes quanto entre os subalternos, ele apreende e sistematiza o pensamento do seu grupo. Sendo subalterno, mesmo criticando as contradições do mundo, este ainda possui a visão de mundo e a consciência da classe dominante, reafirmando seus valores e sua posição de domínio, muitas vezes crendo ser parte da classe dominante, na mobilidade social e que qualquer pessoa que queira pode entrar na classe dominante se se esforçar para isso. Mas quando intelectuais, com as mesmas origens, percebem-se no mundo como parte da classe subalterna, e sua crítica toca questões como dominação e estrutura social, estes têm consciência de classe, estão vinculados à uma classe e vão ajudar a elaborar e defender a visão de mundo da classe à qual pertencem, superando a contradição entre a visão de mundo e a vida prática. Quando superam essa contradição, rompem com a visão de mundo da classe dominante e criam uma nova ideologia, unitária e coerente com o mundo criado pela produção da vida material, criadas no desenvolvimento das forças produtivas, nas palavras de Gramsci:

Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas “originais”; significa também, e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, “socializá-las” por assim dizer; e, portanto, transformá-las em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral. O fato de que uma multidão de homens seja conduzida a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente é um fato “filosófico” bem mais importante e “original” do que a descoberta, por parte de um “gênio” filosófico, de uma nova verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos intelectuais. (GRAMSCI, 1999a, p 95-96)

Mais do que intelectuais orgânicos Marx e Engels cumprem o que Gramsci vai afirmar, em outro caderno, ser a função do partido. No Caderno 13, que foi nomeado *Breves notas sobre a política de Maquiavel*, Gramsci deixa registrada sua leitura de *O Príncipe* de Maquiavel. Na interpretação de Gramsci, Maquiavel estabelece que a função do príncipe é a de um *condottiero* da sociedade, alguém que pode ditar os rumos da sociedade. O filósofo sardo, então, retira todo caráter mítico do príncipe maquiaveliano e o tráz para a contemporaneidade, afirmando que a função de um príncipe como *condottiero* da sociedade cabe ao partido político, e não é ditar os rumos da sociedade, mas organizar, instrumentalizar e conscientizar as massas, para que estas possam concretizar seu projeto de sociedade. Vemos na passagem abaixo que o príncipe de tem, por seu caráter fantasioso a força necessária para unir e motivar as massas. Gramsci afirma:

O Príncipe de Maquiavel poderia ser estudado como uma exemplificação histórica do "mito" sorelano, isto é, de uma ideologia política que se apresenta não como fria utopia nem como raciocínio doutrinário, mas como uma criação da fantasia concreta que atua sobre um povo disperso e pulverizado para despertar e organizar sua vontade coletiva.(GRAMSCI, 1999b, p13-14)

O partido, por outro lado, ao tomar para si essa função, não o fará baseado em uma utopia fantasiosa, mas motivado pela criação de uma nova sociedade fundamentada na vontade coletiva. Enquanto o príncipe cria a vontade coletiva pelo mito, o moderno príncipe, o partido o faz com base na massa. Gramsci já havia falado no Caderno 11 de homens-coletivos (1999a, p94), e, no Caderno 13, ele desenvolve mais esse conceito, para ele o moderno príncipe não é um indivíduo, precisa ser um organismo e Gramsci percebe no partido as características do organismo, do homem-coletivo, capaz de dar início à construção de uma nova civilização, criada com base na vontade coletiva das massas. Nas palavras de Gramsci:

O moderno príncipe, o mito-príncipe não pode ser uma pessoa real, um indivíduo concreto, só pode ser um organismo; um elemento complexo de sociedade no qual já tenha tido início a concretização de uma vontade coletiva reconhecida e afirmada parcialmente na ação. Este organismo já está dado pelo desenvolvimento histórico e é o partido político, a primeira célula na qual se sintetizam germes de vontade coletiva que tendem a se tornar universais e totais. (GRAMSCI, 1999b, p16)

Essa vontade coletiva que vem das massas, como vimos em Marx e Engels, vem de uma nova visão de mundo, o avanço de Gramsci está em perceber que a sistematização do pensamento e a organização política podem e devem ser preparadas. À essa preparação da massa para a construção da vontade coletiva e luta política Gramsci denomina reforma intelectual e moral. Coordenada pelo intelectual orgânico coletivo, o partido, a reforma intelectual e moral. Nas palavras de Gramsci:

Una parte importante do moderno Príncipe deverá ser dedicada à questão de uma reforma intelectual e moral, isto é, à questão religiosa ou de uma concepção de mundo. [...] O moderno Príncipe deve e não pode deixar de ser o anunciador e o organizador de uma reforma intelectual e moral, o que significa, de resto, criar o terreno para um novo desenvolvimento da vontade coletiva nacional-popular no sentido da realização de uma forma superior e total de civilização moderna. (GRAMSCI, 1999, p18)

Deste modo, divulgando uma nova visão de mundo, estimula consciência de classe, porquê é da consciência de classe que surge essa nova visão de mundo, dialeticamente, criando terreno para uma nova forma de produção da vida material. Assim como Marx e Engels afirmam, indiretamente, no *Manifesto do Partido Comunista*, o partido deve cuidar de despertar a consciência classe (MARX e ENGELS, 2017, p51), Gramsci, assim, aponta um motivo a mais para promover o despertar da consciência de classe e o por que isso é uma função do partido político. Gramsci ainda vai avançar mais e dizer que tanto do lado progressista quanto do conservador, a função dos partidos precisa ser exercida para a criação da vontade coletiva, e que está função não precisa necessariamente de um partido, podendo ser cumprida por rádios, jornais, editoras, e hoje, poderíamos colocar, redes de televisão,

Permitimo-nos essa digressão pois é exatamente isso que Marx e Engels fizeram pela classe trabalhadora e pelo movimento operário; primeiro, quando aderiram ao movimento operário; segundo, quando escreveram *O Manifesto do Partido Comunista*.

A antiga Liga dos Justos se tornou Liga dos Comunistas e, como explica Engels no prefácio da edição inglesa de 1888, “No Congresso da Liga, realizado em Londres em novembro de 1847, Marx e Engels imcumbidos de escrever para fins de publicação um completo programa, teórico e prático do partido” (ENGELS, 2017, p53). É nesse texto que Marx e Engels cumprem a função de intelectuais orgânicos descrita por Gramsci, orientando e seguindo a massa de trabalhadores, e, como parte do intelectual orgânico coletivo, divulgando a visão de mundo comunista, criam terreno para a criação de um novo mundo.

3.4 – A Posição dos Comunistas

Observando e analisando as partes de várias vertentes do movimento operário na França, Alemanha e Inglaterra, Engels e Marx perceberam que, mesmo com categorias características regionais distintas, esses movimentos possuíam em suas partes um elemento unificador, catalisador, o fim da exploração do homem pelo homem, pois em nenhum desses países os operários queriam deixar de ser explorados para começar a explorar, queriam apenas deixar de ser explorados. “A revolução comunista é a ruptura mais radical com as relações tradicionais de propriedade; não admira, portanto, que no curso de seu desenvolvimento se rompa, de modo mais radical, com as ideias tradicionais.” (MARX e ENGELS, 2017, p39).

Por isso, os autores vêem nesses movimentos e nas mudanças por eles propostas e promovidas, o meio de superação da estrutura de exploração até então existente e deixam isso bem claro no *Manifesto do Partido Comunista*. Então:

Todas as classes que no passado trataram de conquistar o poder, trataram de consolidar a situação adquirida submetendo toda a sociedade às suas condições de apropriação. Os proletários não podem apoderar-se das forças produtivas sociais senão abolindo o modo de apropriação que era próprio a estas e, por conseguinte, todo modo de apropriação existente até hoje. Os proletários nada têm de seu a salvaguardar; sua missão é destruir todas as garantias eseguranças da propriedade privada até aqui existentes (MARX e ENGELS, 2017, p31)

Vemos no próprio *Manifesto do Partido Comunista* que Marx e Engels não criaram o comunismo, o socialismo, nem os movimentos de esquerda, nem a esquerda, e muito menos a luta de classes, mas foram importantíssimos para estes movimentos dado que promoveram mudanças significativas no sentido de organização e orientação da luta. Diferentemente de outros intelectuais que aderiram ao movimento operário e tentaram conduzir o movimento, Marx e Engels basearam-se nos desejos do próprio movimento para orientá-lo. Como explica Michael Löwy:

O que distingue os comunistas das outras correntes socialistas segundo Marx e Engels? Ao contrário do que se imagina de hábito, a crítica que fazem ao socialismo utópico (Saint-Simon, Fourier, Owen e seus discípulos) não diz respeito a suas “utopias”, a seus projetos para o futuro, amplamente partilhados pelos autores do *Manifesto*, nem a sua crítica à sociedade existente, “de grande valor para esclarecer os operários”. O desacordo está na atitude em relação ao proletariado, considerado pelos primeiros

socialistas “unicamente pelo aspecto da classe mais sofredora”. Os inventores dos sistemas críticos-utópicos “não percebem no proletariado nenhuma atividade [*Selbstätigkeit*] histórica, nenhum movimento político que lhe seja próprio” e opõe-se, em nome de seu novo evangelho social, a todo movimento político Operário e toda ação revolucionária. (LÖWY, 2010, p44)

Marx e Engels observaram a sociedade de seu tempo e fizeram como propôs Hegel o voo da ave de Minerva, mas não pararam nisso, como a maioria dos filósofos faz, eles subscreveram-se no movimento operário, assumindo o quê Gramsci afirma ser a função do partido, ou seja, apreender os anseios de um movimento de uma classe, ver para onde ele vai e indicar meios para esse movimento atingir seu fim, sua finalidade.

Seria possível afirmar que deste modo, apontando que o proletário deveria fazer para atingir seu objetivo, Marx e Engels estariam sendo idealistas e ideólogos, que estariam tentando mostrar como a realidade deveria ser? Ora, para respondermos essa pergunta temos de ter em mente duas coisas: primeira, *O Manifesto do Partido Comunista* é propaganda política. Em política são necessários seguidores e aliados e é muito difícil consegui-los sem uma proposta clara e objetiva; segunda, a proposta não é deles, é da liga dos comunistas. Eles enquanto intelectuais orgânicos, cumprem a função de divulgar os projetos da liga depois que sua sistematização foi realizada.

Dada essa necessidade de esclarecimento para as massas, uma das primeiras coisas que eles afirmam no prefácio do *Manifesto do Partido Comunista*: “É o tempo de os comunistas exporem, abertamente, ao mundo inteiro, seu modo de ver, seus objetivos e suas tendências, opondo um manifesto do próprio partido à lenda do espectro do comunismo”. (MARX e ENGELS, 2017, p21)

Mesmo com tantas críticas ao idealismo, por que Marx e Engels elaboraram uma proposta de mudança da realidade? A partir d’*A Ideologia Alemã*, podemos afirmar que sendo as condições materiais que determinam a consciência, a Liga dos Comunistas surge quando os operários, com consciência de classe, se unem para lutar por mais do que direitos e justiça, como vimos no capítulo 2 desta dissertação, e é das condições materiais herdadas, e dessa busca por direitos e justiça que vem a proposta de mudança da realidade.

Com a Liga dos Comunistas, os operários passaram a lutar pelo fim da exploração do homem pelo homem. O fim da exploração do homem pelo homem significa o fim da

propriedade privada dos meios de produção, da alienação, significa também o fim da mais-valia, que só existe através da exploração, e o fim da divisão dos homens entre proprietários e operários, trabalhos braçais e intelectuais, entre homens do campo e homens da cidade.

Os comunistas percebem que é esta relação que confere poder à burguesia, e a resposta da burguesia é que esta relação permite ao indivíduo exercer sua individualidade. Marx e Engels deixam clara a posição dos comunistas em relação a isso na passagem abaixo:

A partir do momento em que o trabalho não possa mais ser convertido em capital, em dinheiro, em renda da terra – numa palavra, em poder social capaz de ser monopolizado –, isto é, a partir do momento em que a propriedade individual não possa mais se converter em propriedade burguesa, declareis que o indivíduo está suprimido. (MARX e ENGELS, 2017, p35)

Deste modo percebemos que toda angústia que afligia os autores nos escritos entre 1843 e 1845 é amenizada por uma possibilidade viável de transformação da realidade sensível, pois as propostas partem dos homens reais que, com consciência de classe, lutam pelo fim da exploração e pelo fim do Estado Burguês, instrumento de dominação da classe proprietária.

Comentando os 150 anos do *Manifesto* e a movimentação política da época, Domenico Losurdo afirma: “É justamente no movimento contra a opressão material da qual é vítima que toda uma classe social descobre e sente o gosto e a paixão pela ação política.”(1998, p 77) e é esse mesmo sentimento que apreendemos na leitura do *Manifesto do Partido Comunista*.

A mesma paixão e esperança que apreendemos na passagem: “Não somente o proletariado pode projetar e construir um sistema social diferente do sistema dominante, mas, no interior do próprio capitalismo, ele pode ser a força dirigente na derrubada do antigo regime e na realização da democracia política.” (LOSURDO, 1998, p 77). O *Manifesto*, ao dar voz ao proletariado, demonstra exatamente isso: que independentemente da origem, os homens podem planejar um mundo e, dadas as condições, dirigi-lo.

Ainda que o objetivo da composição do Manifesto do Partido Comunista seja a propaganda política, este contém conteúdos paralelos ao conteúdo panfletário. Está lá uma breve descrição do materialismo histórico e um apanhado da história geral dos modos de

produção da vida material e da superação de cada modo de produção pelo seguinte e, na dinâmica do texto, intercalado conteúdos filosóficos, panfletários e históricos. Os autores trazem as pautas dos comunistas, sua história e sua posição perante a sociedade.

Na parte mais claramente panfletária, os comunistas se declaram em favor da união unilateral dos operários, isto por que havia uma pululação de movimentos de operários e muitos deles, sem consciência de classes, propagavam princípios da ideologia burguesa, baseados na competição. Logo, era importante deixar claro que não se opunham a nenhum outro movimento operário e que seus princípios são princípios próprios. Como está escrito no *Manifesto do Partido Comunista*:

Os comunistas não formam um partido à parte, oposto aos outros partidos operários.

Não têm interesses diferentes do proletariado em geral.

Não proclamam princípios particulares, segundo os quais, pretendiam moldar o movimento operário.

Os comunistas se distinguem dos outros partidos operários somente em dois:
 1) nas diversas lutas nacionais dos proletários, destacam e fazem prevalecer os interesses comuns do proletariado, independentemente da nacionalidade;
 2) nas diferentes fases de desenvolvimento por que passa a luta entre proletários e burgueses, representam, sempre e em toda parte, os interesses do Movimento em seu conjunto. (MARX e ENGELS, 2017, p33)

Por fim, destacando que mesmo com as diferenças na luta em cada país, os interesses dos operários expostos no *Manifesto do Partido Comunista* são interesses que não variam conforme a nacionalidade.

As pautas sistematizadas por Marx e Engels são as da luta política que surgiram dentro do movimento operário, com o cartismo e se expande para os outros países da Europa e para a América do Norte, adquirindo, em cada país, características próprias. Assim a luta política passa de manifestações organizadas e associações clandestinas para partidos que, posteriormente, vão culminar na Internacional Comunista.

Resguardadas as diferenças do desenvolvimento de forças produtivas de cada país, onde a burguesia se instala, ela cria o proletariado, e estes se articulam buscando mudanças contra os conservadores, sendo sempre progressistas. Nas palavras que estão no *Manifesto do Partido Comunista*:

Na prática, os comunistas constituem a fração mais resoluta dos partidos operários de cada país, a fração que impulsiona as demais; teoricamente, têm sobre o resto do proletariado a vantagem de uma compreensão nítida das condições, do curso e dos fins gerais do movimento proletário. (MARX e ENGELS, 2017, p33)

Marx e Engels percebem a estratégia dos Comunistas reunidos em Londres e põe no *Manifesto do Partido Comunista* orientações flexíveis para avançar na luta política e construir um novo modo de produção da vida material conforme sua visão de mundo, avançando no desenvolvimento de forças produtivas e superando a estrutura de exploração. O proletariado de cada país precisa organizar-se em classe para conquistar o poder político. Marx e Engels escrevem: “O objetivo imediato dos comunistas é o mesmo que o de todos os demais partidos proletários; constituição do proletariado em classe, derrubada da supremacia burguesa, conquista do poder político pelo proletariado.” (MARX e ENGELS, 2017, p33)

Os autores já se posicionam que esse texto se trata de um programa de partido, mas que deve estimular o despertar da consciência de classe em todos os assalariados e a consciência da contradição da sociedade dividida em classes em todos os homens, pois é essa consciência que vai motivá-los à luta política e conduzi-los à sua emancipação. Deste modo, o mundo criado pela burguesia, com luta política e consciência de classe, se volta contra a sua supremacia. Mas, o que a burguesia criou, vai destruí-la definitivamente, isto é o proletariado

As armas que a burguesia usou para abater o feudalismo voltam-se hoje contra a própria burguesia.

A burguesia, porém, não se limitou a forjar as armas que lhe trarão a morte; produziu também os homens que empenharam essas armas – os operários modernos, os *proletários*. (MARX e ENGELS, 2017, p27)

O processo de ascensão do proletariado será gradual e diferente em cada país, mas dado que as relações entre países replicam as relações produtivas dentro dos países com o mesmo modo de produção, assim, na medida em que os países adotarem o modo de produção comunista, sem divisão em classes, os países não serão mais submissos uns aos outros, nesse novo modo de produção não haverá competição entre os homens, logo não haverá competição entre os países. Marx e Engels explicam:

A supremacia do proletariado fará com que desapareçam ainda mais depressa. A ação comum do proletariado, pelo menos nos países civilizados, é uma das primeiras condições para sua emancipação.

A medida que for suprimida a exploração do homem pelo homem e tereis suprimida a exploração de uma nação por outra.

Quando os antagonismos de classes, no interior das nações, tiverem desaparecido, desaparecerá a hostilidade entre as próprias nações. (MARX e ENGELS, 2017, p38)

Em um primeiro momento, principalmente aos conservadores, a proposta do fim do Estado os faz pensar que queremos pôr fim à nacionalidade ou à pátria, mas o que eles não percebem é que, devido às condições de vidas impostas aos operários, vistas no nosso segundo capítulo, os operários já estão fora, marginalizados do Estado burguês, e por ele não têm nenhum apreço. E como não têm ambição de tomar o Estado para tornar-se classe dominante e criar um estado operário, querem o fim dessa estrutura excluente, e isso fica claro na passagem abaixo:

Os comunistas são acusados de querer abolir a pátria, a nacionalidade.

Os operários não têm pátria. Não se lhes pode tirar o que não possuem. Como, porém, o proletariado tem por objetivo conquistar o poder político e elevar-se em classe dirigente da nação, tornar-se ele próprio nação, ele é, nessa medida, nacional, embora de nenhum modo no sentido burguês da palavra. (MARX e ENGELS, 2017, p38)

E com esta nova visão de mundo os comunistas querem também criar um novo modo de produção e com isso surge a crítica de um possível idealismo por parte dos autores do *Manifesto do Partido Comunista*. Mas, não se aplica, pois os comunistas, incluindo os autores, sabem que a criação do comunismo e o fim da estrutura de exploração e do estado burguês não acontecerão do dia para a noite.

Os Comunistas, aos quais Marx e Engels deram voz, querem uma transição gradual do capitalismo para o comunismo tendo o socialismo como meio. O estado assumiria o monopólio da educação dos latifúndios dos meios de transporte e da mídia e de toda propriedade privada tornando-se assim propriedade estatal. Quando a propriedade dos meios de produção não pertencer a indivíduos particulares, a burguesia deixa de existir enquanto classe. No *Manifesto do Partido Comunista* lemos: “O proletariado usará sua supremacia política para arrancar pouco a pouco todo capital à burguesia, para centralizar os instrumentos de produção nas mãos do Estado” (MARX e ENGELS, 2017, p39).

Isso é feito com a intenção de massificar e mudar o modo de produção, a consciência e a ideologia comunistas, transformando-as em consciência geral e ideologia dominante. A massificação dos meios de produção, ou seja, garantir a todos o acesso aos meios de produção permite que ninguém mais seja excluído da sociedade humana. Assim, afirmam Marx e Engels: “O comunismo não priva ninguém do poder de se apropriar de sua parte dos produtos sociais; apenas suprime o poder de subjugar o trabalho de outros por meio dessa propriedade.” (MARX e ENGELS, 2017, p 36). Nessa etapa do processo ainda existe o Estado, é a etapa socialista, é nela que a ideologia comunista, criando novas relações produtivas, criará um novo mundo.

Uma vez atingido o objetivo, finda o Estado e a propriedade estatal passa a ser propriedade social, dado que a ideologia dos comunistas não é baseada em tirar vantagem, nem no lucro, nem na competição. Ninguém vai se declarar dono dos meios de produção, nem da terra, nem tentar explorar os seus semelhantes, assim superando a alienação e a exploração, findando também a mais perfeita forma de exploração criada pelos homens contra os homens. Marx e Engels esclarecem:

O que caracteriza o comunismo não é a abolição da propriedade em geral, mas abolição da propriedade burguesa.

Mas é moderna propriedade privada burguesa é a última e mais perfeita expressão do modo de produção e de apropriação baseado nos antagonismos de classe, na exploração de uns pelos outros. (MARX e ENGELS, 2017, p33)

Como vimos, é a consciência de classe que surge das condições materiais do mundo burguês com a exploração da classe operária que possibilita a ruptura ideológica com a exploração, a alienação e a estrutura de dominação até então existentes na história humana, e viabiliza o engajamento e a luta política. Por isso no *Manifesto do Partido Comunista* os autores apontam a função do partido é despertar a consciência de classe e dos antagonismos de classe nos operários.

A consciência de classe é essencial para a organização e a luta política. Por isso, Marx e Engels escrevem que o Partido Comunista não pode descuidar de despertar os operários para a consciência dos antagonismos de classe (MARX e ENGELS, 2017, p51). É saber da existência das classes e da luta que travam, que faz as pessoas perceberem-se como parte de uma força hegemônica, gerando a consciência de classe. E é a consciência de classe que

viabiliza a luta política e descortina a possibilidade da criação de um mundo novo, sem classes, sem alienação, sem Estados, sem exploração.

Considerações Finais

Neste trabalho vimos que o que leva Marx e Engels a criar o materialismo histórico dialético, é a exagerada abstração que havia na filosofia até então. Eles percebem a relação dialética da vida material com a vida intelectual, por isso materialismo, mas as condições materiais não são determinadas pela razão, são herdadas historicamente. A partir dessas condições materiais fazem a história, são agentes e interferem no processo, criando as condições materiais que as próximas gerações de homens irão herdar. Deste modo, a relação entre condições materiais e processo histórico não é unilateral. As condições materiais determinam a história e são historicamente determinadas, por isso dialético. Assim vimos que são as condições materiais e o processo histórico que determinam as ideias, a visão de mundo, as relações produtivas, jurídicas, familiares, as vidas material e intelectual dos homens. Posto que os homens vivem em sociedade, essas condições histórico-materiais não são herdadas por indivíduos isolados, mas socialmente, assim como a modificação dessas condições materiais, sendo deste modo construção social.

As mudanças no modo de produção da vida material levaram a transformações no que é considerado propriedade, ou seja, na forma que a propriedade assume conforme o desenvolvimento de forças produtivas. Mudanças na forma de propriedade, levaram a alterações na superestrutura e na consciência. Mudanças na consciência, levaram a modificações em todos os campos da vida material e espiritual, dialeticamente.

Na produção da vida material, ou seja, produzindo sua vida, o que comem, o que vestem, onde e como vivem, como se reproduzem, os homens se diferenciam dos outros animais, e é aí que se manifesta a consciência. Na produção da vida material, os homens se percebem em relação ao mundo e podem se ver no produto do seu trabalho, na transformação do mundo. Produzindo sua vida material, os homens adquirem consciência, desenvolvendo relações sociais de produção: relações políticas, jurídicas, comerciais, etc. Estas relações se manifestam também em vários níveis da vida em sociedade. Isso faz com que o modo de produção da vida material seja o elemento determinante da consciência, isso porque abrange as condições materiais, a produção e as relações sociais de produção.

Com o desenvolvimento das forças produtivas e especialização das funções a serem cumpridas dentro da produção da vida material, isso divide os homens em classes. As classes lutam pelo domínio, pela hegemonia na sociedade. Assim se desenvolve a luta de classes. A luta de classes é a força motora das sociedades e, conforme as classes assumem a posição de dominância da sociedade, precisam destruir a classe dominante anterior, destruir as relações produtivas que a mantinham no poder. Enquanto classe, o proletariado é lançado à luta de classes antes de a burguesia assumir o poder. A burguesia precisou do apoio do proletariado para assumir o poder, e o proletariado viveu essa luta percebendo que estava sendo usado.

Mesmo com as mudanças nas relações de trabalho e no pensamento, promovidas pelo retorno do trabalho assalariado, a terra permanece uma propriedade importante na produção da vida material, mas com o trabalho assalariado a burguesia consegue extrair mais valor na

produção da vida material e acumular riquezas e usa essa riqueza para criar novos meios de extrair mais-valor, ou seja, de explorar o trabalho assalariado. Isso se dá de tal modo, que transforma a principal forma de propriedade, de propriedade da terra para capital. Capital é, deste modo, tudo que pode ser usado para extrair mais-valor da produção da vida material.

Com o trabalho assalariado a propriedade privada dos meios de produção transforma as relações produtivas, iniciando um processo de alienação. A alienação acelera a mudança da relação das pessoas com a propriedade, relações sociais passam a ser regidas por contratos, e a liberdade passa a ser valorizada. Mas, uma liberdade burguesa, apenas do ponto de vista econômico, liberdade de comprar e vender. Isso demonstra que a relação entre realidade material, modo de produção, relações produtivas, forças produtivas, processo histórico, pensamento, consciência, visão de mundo, razão, agir humano, relações políticas, jurídicas, de trabalho e familiares, não são uma linha de determinações diretas e mecânicas, mas uma teia de interinfluências que se alteram conforme os homens agem em cada parte.

Essas transformações são em parte motivadas pela necessidade, em parte pela visão de mundo que os homens adquirem em sua vida em sociedade. A visão de mundo é um fator que pode transformar o mundo justamente por ter a capacidade de direcionar o agir dos homens. Operários alienados defendem a ideologia e os interesses da classe dominante. Em um primeiro momento, há uma contradição: em suas ações os operários defendem seus interesses, mas seu discurso ainda está impregnado com a ideologia da classe dominante. Somente quando o operariado adquire consciência de classe percebe que o discurso individualista da classe dominante não lhe serve e, aos poucos, vão mudando seu discurso, adequando-o à sua luta, à sua visão de mundo, que se desenvolve no processo de luta por emancipação.

Com a exploração do trabalho assalariado a burguesia consegue acumular riqueza e a usa para criar novos meios de acumular riquezas. Ou seja, usar o capital para obter mais capital. Isso se deu de tal modo, que passamos a denominar a forma de propriedade de capital. Capital é deste modo, tudo que pode ser usado para conseguir mais riqueza da produção da vida material, isso aumentando a exploração. Quanto mais os homens são explorados, mais a classe dominante cria meios para aumentar a exploração.

A consciência de classe dos trabalhadores, a consciência comunista, se manifesta então buscando o fim da exploração. Os comunistas percebem que para atingir seu objetivo de findar a exploração do homem pelo homem, eles precisam acabar com a sociedade dividida em classes, pois toda sociedade dividida em classes estará condenada a ter dominantes e dominados. Quando Marx e Engels aderem ao movimento comunista percebem o quanto ampla é a proposta comunista. Percebem que os comunistas, quando lutam pelo fim da exploração, estão lutando contra a alienação, contra a propriedade privada dos meios de produção, pela liberdade e pela emancipação humana, em um sentido muito mais amplo do que até então na história da humanidade. Criando uma liberdade que não existe apenas no sentido comercial e econômico, ou para alguns privilegiados da sociedade, mas em todos os sentidos, para todos os homens e em todos os países.

Marx e Engels percebem a importância da consciência de classe na luta de classes, pois é ela que permite romper com a ideologia da classe dominante e organizar politicamente

um grupo disperso de homens. Os comunistas já estavam fazendo isso montando sindicatos, associações e, por fim, partidos políticos.

O partido político é fundamental pois ele tem o papel de divulgar a visão de mundo comunista e centralizar as pautas da luta. Como divulgador da ideologia comunista o partido tem a possibilidade de estimular a consciência de classe em trabalhadores alienados, informando-os sobre a luta de classes, sobre seu papel nela e a possibilidade do seu fim. Mais do que isso, o partido é importante, pois isolados, os trabalhadores não têm força para promover as mudanças para superar a estrutura de exploração, a alienação e a sociedade de classes, já que a nova visão de mundo é construída aos poucos, conforme o mundo vai sendo transformado, conforme vão se transformando as relações sociais de produção, com base em uma nova ideologia vindas da consciência da classe trabalhadora.

Referências Bibliográficas

Livros

- ENGELS, Friederich **A Situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução: José Paulo Netto. São Paulo. Boitempo Editorial, 2007.
- _____ **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado** 9^a ed. Tradução Leandro Konder. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 1984
- GRAMSCI, Antonio. **Caderno 11 (1932-1933) Apontamentos para uma Introdução e um Encaminhamento ao Estudo da Filosofia e da História da Cultura, (in) Cadernos do Cárcere Volume 1**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1999.
- _____ **Cadernos do Cárcere Vol 1**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1999. a
- _____ **Caderno 13 (1932-1934) Breves notas sobre a política de Maquiavel (in) Cadernos do Cárcere - Vol 3**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1999.
- _____ **Cadernos do Cárcere - Vol 3**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1999. b
- HOBBSBAWM, Eric J. **A Era das Revoluções: Europa 1789-1848**, 22^aed. Tradução: Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. São Paulo. Editora Paz e Terra, 2007.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich, **A Fenomenologia do Espírito** 2^a edição. Tradução: Paulo Meneses com a colaboração de Karl-Heinz Efken, Rio de Janeiro. Editora Vozes Ltda, 1992.

_____ **Princípios da Filosofia do Direito**. Tradução: Orlando Vitorino. São Paulo. Martins Fontes, 1997.

JAGUARIBE, Hélio. **Um Estudo Crítico da história - Vol I**. Tradução: Sérgio Bath. Paz e Terra. São Paulo, 2002.

_____ **Um Estudo Crítico da história - Vol II**. Tradução: Sérgio Bath. Paz e Terra. São Paulo, 2002.

MARX, Karl; ENGELS, Friederich, LENIN, Vladímir. **Manifesto do Partido Comunista; Teses de Abril**. Tradução: Álvaro Pina e Ivana Jinkings (textos de Marx e Engels) e Daniela Jenkins. São Paulo. Boitempo Editorial, 2017

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. **A Ideologia Alemã**. Tradução Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo. Boitempo Editorial, 2007.

_____ **Lutas de Classes na Alemanha**. Tradução Nélio Schneider. São Paulo. Boitempo, 2016.

_____ **A Burguesia e a Contra-Revolução**. Tradução J. Chasin, M. Dolores Prades e Marcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo, Ensaio, 1987.

_____ **Cartas Filosóficas e Outros Escritos**. Editorial Grijalbo. São Paulo, 1977.

_____ **Werke, Ergänzungsband Schriften • Manuskripte • Briefe Bis 1844 Erster Teil**, Dietz Verlag Berlin, 1968

_____ **Werke, Die Deutsche Ausgabe, Die Texte Werden Nach Den Handschriften Bzw. Nach Den Zu Lebzeiten**. Dietz Verlag, Berlin, 1978

- MARX, Karl. **A questão judaica número II. Descobertas críticas acerca de socialismo, jurisprudência e política (nacionalidade)**, (in) **A Sagrada Família**. Tradução: Marcelo Backes. São Paulo. Boitempo Editorial, 2003.
- _____**Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Tradução: Luciano Cavini Martorano. São Paulo. Martin Claret, 2017.
- _____**Manuscritos Econômico-Filosóficos**. 9^a reimpressão. Tradução: Jesus Ranieri. São Paulo. Boitempo, 2018.
- _____**A Sagrada Família**. Tradução: Marcelo Backes. São Paulo. Boitempo Editorial, 2003.
- _____**Crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. São Paulo. Boitempo, 2005.
- _____**Glosas Críticas Marginais ao Artigo “O Rei da Prússia e a Reforma Social” de Um Prussiano**, (in) Lutas de Classes na Alemanha. Tradução Nélio Schneider. São Paulo. Boitempo, 2016.
- _____**Grundrisse**. Tradução Mario Duayer e Nélio Schneider, São Paulo. Boitempo, 2011.
- _____**O Capital**.31^aed. Tradução Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2010
- _____**O 18 Brumário de Luís Bonaparte**, (in) **A Revolução Antes da Revolução**. 2^a ed. Tradução Álvaro Pina e Fernando Silvestre. São Paulo. Expressão Popular, 2014
- _____**Sobre a Questão Judaica**. Tradução: Nélio Schneider. . São Paulo. Boitempo Editorial, 2010.
- _____**Para a Crítica da Economia Política** (in) **Manuscritos Econômicos-Filosóficos e Outros Textos Escolhidos**. Coleção **Os pensadores**, vol. XXXV seleção dos testos José Arthur Giannotti. Tradução: José Carlos Bruni (Manuscritos Econômicos-Filosóficos), Edgar Malagodi (Para a Crítica da Economia Política), José Arthur Giannotti e Walter Rahfeld (O Rendimento e Suas Fontes) e Leandro Konder (Salário, Preço e Lucro). São Paulo. Abril Cultural, 1978.

_____ **Revolução Antes da Revolução.** 2^a ed. Tradução Álvaro Pina e Fernando Silvestre. São Paulo. Expressão Popular, 2014

SAID, Ana Maria, **Uma Estratégia para o Ocidente: O Conceito de Democracia em Gramsci e o PCB.** Uberlândia. EDUFU, 2009.

<https://doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-223-6>

_____ (Org.) **Pensar a sociedade Contemporânea: A Atualidade do Pensamento de Marx e Gramsci.** Uberlândia. EDUFU, 2014

<https://doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-359-2>

SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações.** Tradução Norberto de Paula Lima. São Paulo. Folha de São Paulo, 2010.

Artigos

FROSINI, Fabio. **Ideologia em Marx e em Gramsci.** in Educação e Filosofia v.28, n56, p 559-582, jul/dez 2014, EDUFU, Uberlândia, 2014.

<https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v28n56a2014-p559a582>

LOSURDO, Domenico. **150 anos do Manifesto do Partido Comunista 150 anos de História universal,** in Lutas Sociais, v.3, n. 4, p.75-82, jan/jun 1998.

SEMERARO, Giovanni. **A Concepção de “Trabalho” na Filosofia de Hegel e de Marx.** in Educação e Filosofia, v. 27, n.53, jan./jun. Uberlândia, 2013.

<https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v27n53a2013-p87a104>

Periódicos

Educação e Filosofia, v. 27, n.53, jan./jun. Uberlândia, 2013

Educação e Filosofia v.28, n55, jan/jun 2014, EDUFU, Uberlândia, 2014.

Educação e Filosofia v.28, n56, jul/dez 2014, EDUFU, Uberlândia, 2014.

Lutas Sociais, v.3, n. 4, jan/jun 1998.

Site

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM E DO CIDADÃO DE 1789, disponível em

<http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/legislacao/direitos-humanos/declar_dir_homem_cidadao.pdf> visto em 25 de agosto de 2020

HANCOCK, John. **A DECLARAÇÃO DE INDEPENDÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA**, disponível em: <<http://www.uel.br/pessoal/jneto/gradua/historia/recdida/declaraindepeEUAHISJNeto.pdf>> visto em 25 de agosto de 2020

LABRIOLA, Antonio. **Del materialismo storico**, disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/lb000828.pdf>> visto em 30 de novembro de 2020

_____ **In memoria del Manifesto dei comunisti**, disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/lb000830.pdf>> visto em 30 de novembro de 2020

< https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_dos_Cercamentos_de_Terras > Visto em 17 de maio de 2019.

< https://en.wikipedia.org/wiki/Inclosure_Acts > Visto em 17 de maio de 2019.

< <https://en.wikipedia.org/wiki/Chartism> > Visto em 22 de maio de 2019.

< https://en.wikipedia.org/wiki/Corn_Laws > Visto em 03 de junho de 2019.